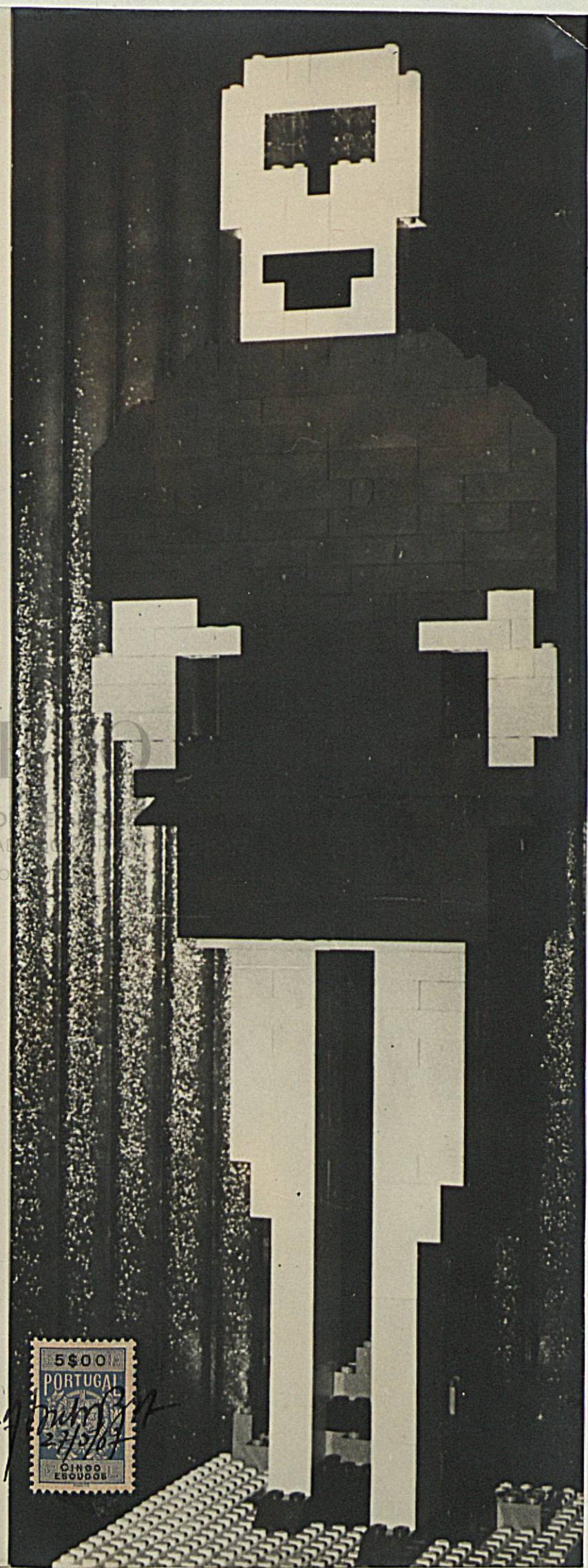
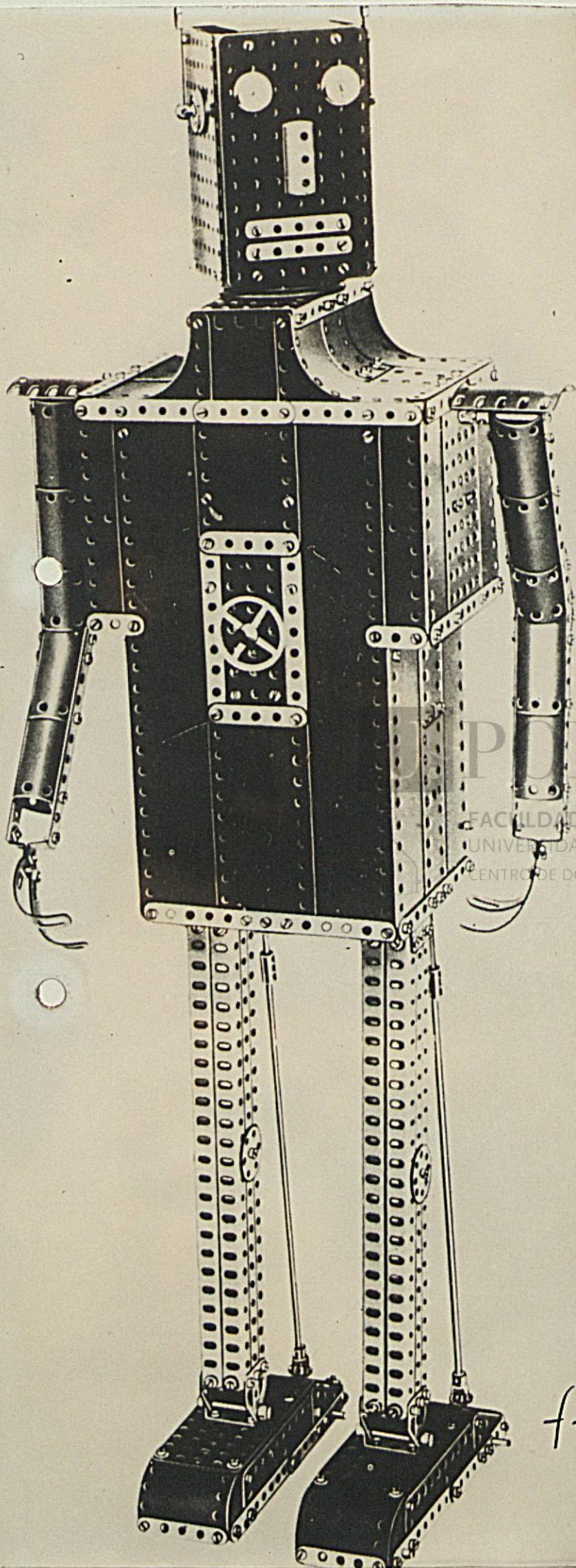


UNIDADE DE
PROMOÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL
ENTRE POVOS
DE FIXAÇÃO REGENTE

L. AMORIM DE SALES

393



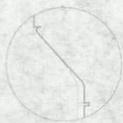
5\$00
PORTUGAL
CINCO ESCUDOS

f. [signature]

Reg. 393
Cota

CONCURSO PARA OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE ARQUITECTO

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Candidato: Fernando Augusto Abrunhosa de Brito

f. a. b. r. i. t. o.



C. O. D. A.

UNIDADE DE PROMOÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL

U. PORTO

ENTRE POVOS DE FIXAÇÃO RECENTE



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

fahms



C.O.D.A.

ÍNDICE

1. Dedicatória
2. Agradecimentos
3. Apresentação
4. Descrição do Trabalho
5. Trabalho:

A. INTRODUÇÃO

I. PARÓQUIA NOVA

1. A EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA MODERNA

- 1.1. O mundo novo: aspectos económico, político e social. (pag. 24)
- 1.2. O homem novo: concepções. (pag. 31)

2. RESPOSTAS NOVAS AO MUNDO NOVO - ALGUMAS DAS RESPOSTAS MAIS RECENTES

- 2.1. O "Desenvolvimento Comunitário". (pag. 48)
- 2.2. Os trabalhos de sociologia religiosa. (pag. 49)
- 2.3. Os "movimentos" e "obras" recentes. (pag. 52)
- 2.4. Alguns testemunhos: experiências tidas entre operários ou bairros proletários - Em que consiste a resposta chamada "Paróquia".(pag. 54)

3. A PARÓQUIA

- 3.1. Definição. (pag. 70)
- 3.2. Origem. (pag. 71)
- 3.3. Evolução. (pag. 72)
- 3.4. Situação actual. (pag. 74)
- 3.5. Actualidade: Discussão e Conclusão. (pag 77)



II. POVOS DE FIXAÇÃO RECENTE

1. O FENÓMENO SUBÚRBIO

- 1.1. Definição. (pag. 85)
- 1.2. Nótula sobre a situação económico-social do País. (p.86)
- 1.3. Aumento da População Urbana no País: o Porto. (pag.87)
- 1.4. O aparecimento do Padrão da Légua (cartogramas). (p.91)

2. TRABALHOS SOBRE OS SUBÚRBIOS

- 2.1. "Études sur la banlieue de Paris" (1950); (pag. 99)
- 2.2. "Del campo al subúrbio" (1959); (pag. 102)
- 2.3. "La vie quotidienne des familles ouvrières" (1956/59); (pag. 105)
- 2.4. "5 ans avec les ouvriers" (1963). (pag. 107)

3. COR ESPECIAL DOS SUBÚRBIOS DO PORTO

- 3.1. O habitat. (pag. 109)
- 3.2. Um escalão: o de Paróquia. (pag. 109)
- 3.3. As relações sociais. (pag. 110)
- 3.4. A profissão. (pag. 115)
- 3.5. Os tempos livres. (pag. 117)
- 3.6. As relações com as estruturas sociais. (pag. 119)
- 3.7. Prática religiosa e paróquia. (pag. 119)

4. RELATO DA EXPERIÊNCIA NO PADRÃO DA LEGUA

- 4.1. Um grupo humano por estruturar. (pag. 124)
- 4.2. Começa-se uma acção de fora para dentro. (pag. 125)
- 4.3. No meio deles: uma acção pastoral. (pag. 130)
- 4.4. Os primeiros êxitos e os primeiros erros. (pag. 132)
- 4.5. Acção dum grupo. (pag. 134)
- 4.6. Consciência de grupo. (pag. 148)
- 4.7. Estruturação e auto-reflexão. (pag. 153)



B. BIBLIOGRAFIA E NOTAS SOBRE O TRABALHO (pag. 177)

C. PROGRAMA E MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA
PROJECTO DA UNIDADE.

1. SITUAÇÕES E RESPOSTAS (pag. 185)
2. PROGRAMA DA UNIDADE (pag. 188) - Dados fundamentais gerais:
Capela: Dados fundamentais; Espaço Assembleia; Espaço Presbitério.
Centro de convívio Paroquial: Dados fundamentais; Salão Convívio; Sala de jogos; Espaço para festas.
Centro de Assistência: Lactário; Dispensário; Gabinete da Assistente Social.
Centro Missionário e de Formação Cristã: Dados fundamentais; Salas de catequese; Salas de reuniões.
Residências: Dados fundamentais; Núcleo privado; Sala comum; Cozinha e copa.
3. PEÇAS DESENHADAS GERAIS: (pag. 198) - Planta das fundações e da estrutura do pavimento; Planta das dependências; Planta do teto; Cortes longitudinal e transversal; Corte transversal esc. 1/20; Perspectivas elucidativas da relação das peças e processo de montagem; Folhas de pormenores.
4. COMENTÁRIO ANALÍTICO DO SISTEMA ADOPTADO.

MORFOLOGIA

4. 1. Mapa das peças (desenho). (pag. 216)
4. 2. Descrição das peças mais significativas (texto com desenhos). (pag. 217)

SINTAXE

4. 3. Os materiais. (pag. 235)
4. 4. As fundações. (pag. 236)
4. 5. A estrutura e a cobertura. (pag. 237)
4. 6. As sobrecargas. (pag. 239)
4. 7. As vigas. (pag. 239)
4. 8. As asnas. (pag. 240)
4. 9. Os painéis. (pag. 241)
- 4.10. O equipamento. (pag. 243)



5. REFLEXÕES SOBRE O VALOR ECONÓMICO DO SISTEMA

5. 1. Estimativa do preço da unidade. (pag. 246)
5. 2. A substituição ou criação de algumas peças e a sua influência no custo da unidade. (pag. 252)
5. 3. Estimativa do preço dum construção equivalente recorrendo aos processos correntes de construção civil aligeirada. (pag. 253)
5. 4. Paralelo de ambos os tipos de construção: conclusão. (pag. 259)

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



FA

U. DEDICATÓRIA PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



FA [signature]

C. O. D. A.

Aos meus Pais, por tudo, e pela paciência confiante
neste trabalho.



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



C. O. D. A.

A memória da Avó, a quem devo a possibilidade
material do meu curso.

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



f. 7 out

C. O. D. A.

A minha Mulher, à sua imaginação comunicativa e espírito crítico, a quem devo o gosto pela profissão.

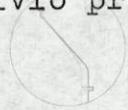


FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



C. O. D. A.

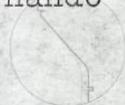
Aos meus colegas, a todos, muito especialmente ao
Mário Borges, ao recordar a troca de impressões que
antecipou este trabalho e ao Manuel Magalhães pelo
convívio profissional activo.



UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



A outros colegas, muitos de outras faculdades, pelo interesse dispensado a matérias relacionadas ou não com a minha especialização universitária, entre eles o Fernando Condesso e o José Manuel Garcia.



UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



Handwritten signature and initials over the stamp.

C. O. D. A.

Aos meus professores, especialmente aqueles com quem mantive preocupações para além do programa escolar, como o Engenheiro Cândido de Figueiredo e o Doutor Artur Gusmão.

UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



U. PORTO
AGRADECIMENTOS



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



C. O. D. A.

Ao Padre Leonel pelo inesquecível tempo vivido na Missão;

À gente do Padrão, pela confiança e pela dívida de experiência;

Ao Engenheiro Silvério Martins que desde o primeiro dia me acompanhou tecnicamente;

Ao Arquitecto Manuel Aguiar pelo apoio e compreensão;

Ao José Carlos Marques, ao Rui Pacheco e ao Diogo Alcoforado pela colaboração muito concreta neste Trabalho;

Ao Engenheiro Frazão Pereira e à Administração da MAGUE pelo auxílio esclarecido à roda dos pré-fabricados;

Aos Engenheiros João de Carvalho e Rogério Lobão nas reflexões sobre o valor económico do sistema;

Ao Professor Octávio Filgueiras pelo impulso final decisivo.



U. APRESENTAÇÃO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



Apresentação

A dificuldade de criar do projectista conhece um magnífico e eficaz auxiliar: o programa. Saber o que se pretende, para onde e a quem se destina, é a ambiência concreta do quê, para onde e para quem. Não pesa só para situar bem o problema, mas começa por sugerir o modo de lhe responder.

O programa, tal como normalmente se apresenta, é quase sempre elaborado pelo político, por qualquer administrador que julga ter a representação das gentes e dos seus problemas.

Um programa nestes termos peca pela distância entre as preocupações ditadas pelo conhecimento, ainda que técnico das realidades e o processo peculiaríssimo do arquitecto lhes responder.

Verifiquei que muitas coisas porventura expressáveis em texto literário - psicológico, sociológico, pedagógico - expressáveis em poesia ou música ou teatro, não são susceptíveis de se exprimirem de igual modo em arquitectura.

Responder em termos de espaço às preocupações do político ou pedagogo, é exclusivo domínio do arquitecto: Criar as condições materiais de abrigo (ou, mais do que estas, outras de vida, com a consequente forte influência nos utentes) em termos de arquitectura.

Deste modo a prática, mais do que as reflexões teóricas, convenceram-me da necessidade da presença do arquitecto desde as primeiras tentativas de elaboração dum programa.

Por outro lado, a experiência colhida numa Escola de Arquitectura, passa-se, para o aluno, no domínio da procura formal longe da realidade que ditou o programa.

Convém, todavia, sublinhar duas verdades. Não só me parece difícil evitar essa dificuldade numa Escola, num ensino obviamente com limites de tempo, como me parece que o sistema não enferma exclusivamente do processo escolar, mas sim também da falta de experiência vital do aluno, também óbvia.

É essa experiência de vida, vivida, da vida apaixonada, aproveitada com coragem na perda de tempo, trabalhando e refletindo que, mais tarde, nos há-de ensinar a estabelecer e a tratar um programa. Acrescente-se, de passagem, que a falta



de preparação actual duma juventude irrealista, ingénua, inculta, erradamente dedicada e agitada, iludida, é um dos piores males do nosso meio presente.

Por outro lado, também é verdade que a experiência plástica inexistente no aluno, irá sendo adquirida e será mais tarde essa experiência que possibilitará tratar um problema apenas estribado no programa teórico, quero dizer, trabalho formal não sem interesse. Este interesse advém do gratuito de muitas actividades que não são vazias e que podem conduzir a resultados seriamente válidos.

Postos estes dois ressalvos, isto é,

1) a falta de experiência vital do aluno que dificulta qualquer outro género de trabalho escolar mais profundo, e

2) a falta de experiência plástica que impede o aluno de tratar melhor, gratuita e validamente, um programa,

permanece de pé aquilo que senti durante os últimos anos escolares: necessidade de elaborar eu próprio um programa, criado febrilmente no âmago íntimo do problema: dos problemas duma gente, num meio.

UNIVERSIDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



DESCRIÇÃO DO TRABALHO

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



f. [signature]

C. O. D. A.

UNIDADE SEMI-MÓVEL E ITINERANTE
AO SERVIÇO DA PARÓQUIA NOVA
ENTRE POVOS DE FIXAÇÃO RECENTE

Descrição do Trabalho

O conhecimento duma população suburbana, cujas características especiais englobamos sob a designação de Povo de Fixação Recente e o conhecimento de quanto uma obra de promoção e integração social se impõe, necessária nesse meio, levou-nos a realizar experiências, conhecer fracassos e êxitos, seleccionar e estruturar atitudes, programar acções que englobamos sob a designação de Paróquia Nova.

Sabido também que nos vastos subúrbios do Porto, outros lugares careciam duma acção equivalente, tomou corpo um modo de concretizar a Paróquia Nova em meios de Fixação Recente. Esse modo de concretizar seria o trabalho duma Equipa dotada e preparada especialmente para tal objectivo. A equipa disporia, como instrumento de trabalho, da Unidade Semi-móvel e Itinerante.

Esta, construção pré-fabricada, facilmente montável e desmontável, recuperando-se na íntegra, permitiria o trabalho da Missão de 18 a 24 meses.

A Unidade é constituída por 47 peças de ferro galvanizado e painéis de madeira prensada, pré-fabricadas e cujo estudo está feito de modo a facilitar a sua montagem, a desmontagem, a recuperação integral e a utilização com um máximo de variantes para um menor número de peças.



B. BIBLIOGRAFIA E NOTAS SOBRE O TRABALHO.

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



C. O. D. A.

- (1) Tibor Mende, Entre la Peur et l'Espoir - Réflexions sur l'Histoire d'Aujourd'hui; Ed. du Seuil, 1958; pag 68.
- (2) Lugar qualitativo, pois se o número de empresas pequenas é grande em todo o mundo e pequeno o número das grandes, não deixam de ser estas que dominam a produção.
- (3) Aquela que, por exemplo, marcou profundamente a primeira metade do século - o trust, fusão de empresas existentes numa só entidade económica, ou o cartel, associação mais equilibrada que salvaguarda a independência das unidades constituintes.
- (4) La République Moderne. Gallimard, pag. 14.
- (5) Tibor Mende, pag. 14, op. cit.
- (6) André Philip, Histoire des faits économiques et sociaux de 1.800 à nos jours - Aubier, Ed. Montaigne, Paris, 1963; pag. 211.
- (7) Op. cit. pag. 213.
- (8) Op. cit. pag. 215.
- (9) Op. cit. pag. 217.
- (10) Op. cit. pag. 218.
- (11) Op. cit. pag. 221.
- (12) Op. cit. pag. 222.
- (13) Pacem in Terris. ILDADE DE ARQUITECTURA
- (14) Problemas fundamentais da economia, Clássica Editora, 1962.
- (15) Huisman et Verger, Nouveau Précis de Philosophie - L'action, Fernand Nathan, 1961.
- (16) Pessoa e Bem Comum.
- (17) Jean Maisonneuve, Psychologie Sociale - Que sais-je? P. U. F., 1960.
- (18) Adiante reservaremos umas linhas ao problema das relações entre pessoas.
- (19) L'action, pag. 152.
- (20) O Personalismo.
- (21) Op. cit. pag. 103.
- (22) Maisonneuve, op. cit.
- (23) L'action.
- (24) Maritain, op. cit.
- (25) L'action, pag. 161.



- (26) Op. cit. pag. 41.
- (27) Op. cit.
- (28) Op. cit.
- (29) Madinier, Conscience et amour, pag. 128; cit. in L'action.
- (30) Idem.
- (31) L'action, pag. 252.
- (32) F. X. Arnold, Proclamation de La Foi et Communauté de Foi, Ed. de Lumen Vitae, Bruxelles, 1957, pag. 132.
- (33) L'action, pag. 276.
- (34) La civilisation socialiste, Rivière, Paris; 1912; pag. 35; cit. por Georges le Franc, Histoire des doctrines sociales dans l'Europe contemporaine, Aubier, Ed. Montaigne, Paris, 1960; pag. 18.
- (35) L'action, pag. 282.
- (36) Citadelle.
- (37) Les deux sources de la morale et de la religion, pag. 335; cit. in Communauté des Hommes.
- (38) Casterman, Paris, 1959.
- (39) Op. cit. pag. 65.
- (40) Laloup e Nelis, op. cit.
- (41) Idem, pag. 78.
- (42) Pierre Idiart, La Quantité Humaine - Les Éditions Ouvrières, Paris; 1962; pag. 240.
- (43) Histoire des doctrines sociales dans l'Europe contemporaine - Aubier, Ad. Montaigne, Paris; 1960; pag. 13.
- (44) André Philip, Histoire des faits économiques e sociaux de 1.800 à nos jours - Aubier, Ed. Montaigne, Paris; 1963; pag. 206.
- (45) Joseph - H. Fichter, Sociologie - Ed. Universitaires, Paris; 1960; pags. 54 e seguintes.
- (46) Psychologie Sociale, P. U. F.; 1960; pag. 42.
- (47) Recorremos ao livro de Maria Manuela Silva, Desenvolvimento Comunitário - uma técnica de progresso social - Ass. Ind. Port.; 1902.
- (48) Op. cit. pag. 61.
- (49) Idem, pag. 26.
- (50) Idem, pag. 25.



- (51) Segundo Encontro dos Diplomados Católicos, Maio de 1963; noticiado no B. I. P. nº. 26, 1963.
- (52) Idem, pag. 28.
- (53) Idem, pag. 36.
- (54) Prefácio do Livro de Jean Chélini; La ville et l'Eglise - Du Cerf, 1958; pag. 22.
- (55) Padre Manuel Falcão - Novellae Olivarum.
- (56) Fazendo crédito dos números apresentados por Chélini, Op. cit.
- (57) La Ville - Masses ouvrières; cit. por Jean Labbem em Sociologie Religieuse, Sciences Sociales - Econ. et Humanisme; 1955.
- (58) Op. cit., Jean Labbens, art. La sociologie religieuse em France.
- (59) Idem, pag. 43.
- (60) Op. cit. António Rimoldi, art. Études de sociologie religieuse en Italie.
- (61) Padres Godin e Daniel, La France, pays de mission?
- (62) É por esta razão que, em Espanha, a acção entre indivíduos de forte debilidade económica, tomou um cunho especial: prioridade dos problemas de sobrevivência.
- (63) Com base no inquérito de Mantova.
- (64) Com base no inquérito de Buriano; António Rimoldi, op. cit.
- (65) Cit. por Jean Labbens: "a paróquia americana estudada por Mendras é realmente uma comunidade religiosa e familiar, à volta da qual se organizam as principais manifestações da vida social".
- (66) N. de Volder, La sociologie religieuse en Belgique, em Sociologie Religieuse, Sciences Sociales.
- (67) J. F. Molte, Sociologie et Pastorale, em Sociologie Religieuse, Sciences Sociales.
- (68) N. de Volger, art. cit.
- (69) António Rimoldi, art. cit.
- (70) Inquérito feito numa população perto de Milão.
- (71) En mission prolétarienne, Étapes vers un apostolat intégral - Economie et Humanisme, 1946.
- (72) Op. cit. pag. 10.
- (73) Idem, pag. 20.



- (74) Op. cit. pag. 30.
(75) Idem, pag. 78.
(76) Idem, pag. 28.
(77) Idem, pag. 31.
(78) Idem, pag. 43.
(79) Idem, pag. 58.
(80) Idem, pag. 89.
(81) Idem, pag. 26.
(82) Idem, pag. 31.
(83) Idem, pag. 81.
(84) Idem, pag. 79.
(85) 5 ans avec les ouvriers. Témoignage et réflexions.
Ed. du Centurion.
(86) Op. cit., pag. 11.
(87) Idem, pag. 16.
(88) Idem, pag. 260.
(89) Idem, pag. 28.
(90) Idem, pag. 292.
(91) Idem, pag. 29.
(92) Idem, pag. 30.
(93) Idem, pag. 31.
(94) Idem, pag. 42.
(95) Idem, pag. 43.
(96) Idem, pags. 43 e 44.
(97) Idem, pag. 44.
(98) Idem, pag. 40.
(99) Idem, pag. 347.
(100) Idem, pag. 239.
(101) Idem, pag. 27.
(102) Idem, pag. 39.
(103) Idem, pag. 32.
(104) Idem, pag. 38.
(105) Idem, pag. 108.
(106) Idem, pag. 110.
(107) Agir, Rio de Janeiro; 1961; Trad. de Jorge Soares.
(108) O cristianismo desvirilizou o homem? pag. 68;
cit. pag. 47.
(109) France, pays de mission?



- (110) P. Miguel Oliveira, As Paróquias Rurais Portuguesas. Sua origem e formação - União gráfica, Lisboa; 1950; pag. 9.
- (111) Casiano Floristan, La Paroisse, Communauté Eucharistique - Essai d'une théologie Pastorale de la Paroisse; Lethielleux, Éditeur; 1963; pag. 21.
- (112) Casiano Floristan, op. cit., pag. 24.
- (113) P. Miguel Oliveira, op. cit., pag. 10.
- (114) Tese de doutoramento em Teologia Pastoral; Chiesa e Quartiere, nº 19; 1961.
- (115) La ville et l'Église - Ed. du Cerf, Paris; 1958; pag. 122.
- (116) Op. cit., pag. 125.
- (117) Op. cit.
- (118) Op. cit., pag. 127.
- (119) Miguel Oliveira, op. cit., pag. 175.
- (120) Pierre Bailby, Se curé et sa paroisse - Fayard, Paris, 1961.
- (121) Op. cit.
- (122) Casiano Floristan, op. cit., pag. 43.
- (123) Idem, op. cit., pag. 52.
- (124) Idem, pag. 53.
- (125) Idem, pag. 57.
- (126) Idem, pag. 60.
- (127) Idem, pag. 61.
- (128) Idem, pag. 62.
- (129) Idem, pag. 63.
- (130) Os dois últimos parágrafos inspiram-se na obra Le curé et sa Paroisse.
- (131) Cit. por Miguel Oliveira, op. cit., pags. 171 e 172.
- (132) Idem, pag. 171.
- (133) Idem, pag. 178.
- (134) Construire des Églises - Ed. Du Cerf, Paris; 1957.
- (135) Casiano Floristan, op. cit., pag. 64.
- (136) É neste âmbito que o presente trabalho se insere.
- (137) Initiation Théologique, Tomo IV - Ed. Du Cerf, pag. 317.
- (138) Mazzoli, op. cit.
- (139) Conta H. de Saint - Blonquat, Sciences et Avenir, Maio, 1963.



- (140) F. Pereira de Moura, Problemas Fundamentais da Economia.
- (141) ~~Maria~~ Manuela Silva, Assimetrias especiais do progresso/ no Continente português. Análise Social, nº 6, 1964; pag. 296 e seguintes.
- (142) Segundo Encontro dos Diplomados Católicos. Lisboa, Maio 1963.
- (143) La Banlieue: une forme moderne de développement urbain.
- (144) O autor refere-se a um subúrbio de Madrid "impulsionado por um autêntico apóstolo que plantou a sua tenda no próprio subúrbio".
- (145) A taxa em Portugal é de 74,6/1.000. Têm taxas superiores à média os distritos de Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Guarda, Porto e Vila Real. - Maria Manuela da Silva, Assimetrias especiais do progresso no Continente Português, in Análise Social, nº 6, (1964), pag. 299.
- (146) As situações estudadas por M. Siguan aproximam-se mais dos nossos subúrbios quanto ao nível financeiro e cultural dos seus habitantes embora difiram bastante quanto ao tipo de escalão.
- (147) Le Mécanisme de la déchristianisation, Editions Alsátia; Paris, 1952; pags. 121 e 122.
- (148) Vimos já como M. Signau se opõe às acções de "caridade paternalista".
- (149) Os colaboradores de Pierre George notavam que à volta de cada igreja o número de praticantes é assaz elevado, e quanto mais se afastam do lugar de culto, mais decresce o número de fiéis.



U. PORTO

C. PROGRAMA E MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

FACULDADE DE ARQUITECTURA

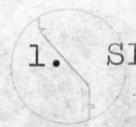
PROJECTO DA UNIDADE

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



C. O. D. A.

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
SITUAÇÕES E RESPOSTAS

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



C. O. D. A.

A situação dos povos de fixação recente, longe dos "centros" das antigas freguesias suburbanas, e nestas também a situação dum cristianismo rotineiro, incapaz de se lançar por via normal numa missão entre os meios descristianizados ou totalmente por cristianizar, impõem um esforço sistemático, metódico, competente.

O trabalho propriamente central da missão orientar-se-ia para a criação duma comunidade pré-paroquial que precederia a constituição jurídica da paróquia, a escolha e a investidura do pároco, a construção da igreja, etc.. Libertando os párocos e as populações de encargos materiais excessivos que de princípio dificultam a acção missionária e pastoral, a Unidade actuarial livre de compromissos com "os ricos e importantes", dedicando-se totalmente à população, em ordem à pastoreação e à organização da administração que, mais tarde, a Paróquia a ser criada viria a requerer. O objectivo primeiro e central seria, assim, a criação dos paroquianos - a criação da comunidade - que precederia à paróquia jurídica e mais ainda a sede dessa comunidade - a igreja e centro paroquial.

Um trabalho assim, se mandatado directamente pelo Pastor e consequentemente de base diocesana, garantia de segurança e do prestígio necessários à acção duma tal equipa que enriqueceria a sua experiência progressivamente, atrairia algumas boas vontades (estudantes dos Seminários, universitários, juventude "do meio independente", etc.) tornando-se desse modo um foyer intelectual, campo de experiências aberto.

Uma vida espiritual, fortemente enraizada no local e radicada numa pureza e realismo evangélicos, e uma vida litúrgica bem estruturada, tornariam a obra também um foyer espiritual que atrairia especialmente a juventude de visita, levando-os a participar em alguns actos de culto aí promovidos. Qualquer destas funções tem sido plenamente, embora humilde e discretamente, preenchida pela Paróquia Experimental do Padrão. (Já se contam por muitas centenas o número de visitantes e foram numerosos os participantes e colaboradores de fora, na vida da obra).

Por outro lado ainda, o estudo competente das fontes, a reflexão dos problemas e a convivência com as populações,



proporiam sucessivas e quase imprevisíveis experiências que a seu tempo seriam discutidas em ordem à definição de modos de proceder nos campos mais diversos. Assim a Diocese podia contar, ao longo do tempo, com definições de modos de proceder (técnicas pastorais, modos de participação na liturgia, trabalhos de grupo, etc.) capazes de servir muitas outras partes da Diocese ou do País.

Vemos também esperançoso o caminho para a colaboração interparoquial através da familiaridade que uma origem comum mais estabeleceria entre as sucessivas "Paróquias Novas" que as missões da Equipa fossem criando. Este abrir caminho para a eficaz e inteligente colaboração interparoquial atingiria mais ou menos directamente algumas de outras paróquias da Diocese, pelo menos aquelas onde o zelo e a lucidez dos párocos e paroquianos tivessem já iniciado a caminhada para a renovação.

U. PORTO

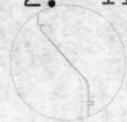


FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



U. PORTO

2. PROGRAMA DA UNIDADE
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



C. O. D. A.

0. A Unidade Semi-móvel e Itinerante é um todo. Apenas para facilidade de descrição e funcionamento, se tratará em vários núcleos.
1. É uma grande Casa Comum, casa de toda a comunidade onde se desenrolará a Missão.
2. A vida nela procurará ser fiel ao duplo andamento - as duas caridades: Para com Deus e para com o irmão - Amor a Deus e Caridade Fraternal.
3. A experiência aconselhou que a entrada da Capela abrisse para a rua, o mais publicamente possível, facilitando-se assim o ingresso aos mais timoratos e reservados.
4. Não quer dizer isso que, dentro do possível, a Capela e todos os restantes núcleos da Unidade não vivam intimamente, abrindo-se uns para os outros sem barreiras, além das indispensáveis independências que a disciplina exige.
5. A arquitectura procura exprimir o carácter comunitário que caracteriza a Obra da Equipa numa população.
6. Os materiais adoptados são de molde a permitir a montagem fácil no início duma Missão, assim como o desmonte e o transporte económicos no fim da mesma. Sem perda, contudo, dum certo aspecto de estabilidade e durabilidade que deverá ter.
7. Foi projectada tendo-se em consideração o imprevisto das situações a serem vividas e que podem impôr alterações, na articulação e no dimensionamento das salas agora propostas.
8. Todo o material, incluindo o mobiliário, seria leve e resistente quanto possível, de modo a permitir o transporte. Em certos casos, o equipamento pode-se integrar na própria estrutura da Unidade (consolas, armários, etc.). Porém, quando a dignidade o exija, o equipamento será autónomo, com mobiliário de tipo comum.
9. A estrutura é de molde a evitar fundações dificultosas e dispendiosas.
10. Está devidamente assegurada a sua resistência aos ventos e chuvas.
11. O sistema permite que a iluminação e a ventilação naturais sejam alteradas e reguladas de acordo com as necessidades de cada local de Missão.



12. A iluminação artificial e o aquecimento far-se-ão como for de uso no local onde se instala a Unidade. Provavelmente, a luz eléctrica.
13. Foi previsto o sistema de reserva de água, quer potável, quer para fins higiénicos: um depósito de fibrocimento coadjuvado por qualquer sistema de abastecimento possível no local.
14. Procurou-se que a presença da Unidade em cada local escolhido para a Missão fosse acolhedora e formalmente digna, aliada a simplicidade e austeridade despreziosas.
15. Foi tomado em consideração o factor orçamento moderado da construção.
16. Achou-se conveniente estudar a instalação progressiva da unidade conforme a obra caminha e as necessidades vão aparecendo, evitando-se assim a instalação dum imóvel demasiado grande e inútil nos começos da Missão. A sua área total - rectângulo de terreno necessário - pouco ultrapassa os 700 m².
A primeira fase é composta por Capela e Anexos;
Na segunda fase, surge a Residência;
Na terceira, as zonas de Assistência e Convívio.
17. Como a Unidade não se destina a ser implantada sobre um só terreno bem determinado, mas em qualquer terreno que ofereça um mínimo de possibilidades, entre os disponíveis em cada lugar de missão, impôs-se considerar um rectângulo de área, como configuração aproximada do terreno necessário à implantação. Prevéndo vários tipos de vizinhança, impossíveis de determinar concretamente, criaram-se cantos livres para onde abrem as salas (além das janelas para o pátio) conservando-se cegas as restantes paredes, implantadas na periferia do rectângulo.

(Capela. Dados fundamentais e programa)

- O. A Capela preenche um lugar essencial na Obra. A experiência aconselha a prever, na maioria dos locais de Missão, a sua instalação quase imediata, exigida pelos crentes. (A sua ausência é estranhada até pelos não crentes).



1. A sua missão é de preparar a futura igreja paroquial da comunidade. Assim, reserva-se-lhe uma missão didáctica. Toda ela, e em pormenor cada um dos seus centros, deverá, pela exigência na procura do essencial e pela correcção, ensinar, corrigindo indecisões e incorrecções comuns, até entre os crentes.
2. Ela será, como qualquer igreja paroquial, o lugar onde a comunidade de cristãos se reúne para louvar o Senhor, ouvir a Sua Palavra e participar na Refeição comum.
3. Ela será a Casa do Povo de Deus, onde o padre cumpre a sua missão de Pastor, de Ministro da Graça e de Ministro do Sacrifício.

(Acesso)

- 1.0. O acesso à Capela faz-se por uma entrada larga (recomendando a experiência tida nestes lugares que abra facilmente sobre a rua, de modo a não intimidar os mais reservados).
- 1.1. Por outro lado, recuar as portas de acesso, criando-se uma zona de transição, de modo a evitar a passagem brusca dum exterior de rua para o interior sagrado.
- 1.2. Nessa zona prevê-se a colocação de avisos e, em lugar de destaque, o cartaz "síntese do mistério do Domingo".

(Espaço destinado à Assembleia)

- 2.0. Esta área constitui um espaço uno, estendendo-se de modo a ser encabeçado pelo altar e pelo lugar da Palavra.
- 2.1. A área disponível permite a presença de 70 pessoas sentadas e mais 150 pessoas de pé, em condições normais. Sabido que muitas das crianças não são acompanhadas pelos pais, reserva-se-lhes um espaço livre à boca do Santuário, acompanhadas pelos seus catequistas.
- 2.2. A disposição dos bancos é a clássica. Dois alinhamentos separados por um coxia central de 1,20 de largura, mínimo que assegura a passagem processional dos ministros e do Povo, quando as funções normais ou especiais o exigirem. Deverão ser simples, sem costas e sem genuflexórios.



- 2.3. Previu-se um lugar destinado ao grupo coral (cerca de 10-12 cantores) localizado à boca do presbitério, do lado direito da assembleia. No começo da Missão, dada a pouca maturidade e disciplina, o grupo coral instalar-se-ia em baixo, no espaço da futura fonte baptismal.

(Presbitério)

- 3.0. O presbitério destina-se aos ministros sagrados. É distinto da Assembleia pela articulação e por um degrau, porque constitui um espaço à parte, embora a ela ligado pela zona onde o povo vem receber a Eucaristia.
- 3.1. As suas dimensões, ainda que reduzidas, prevêm o desenrolar da acção na Missa Solene e exprimem a dignidade especial que ocupa no espaço sagrado da Capela.
- 3.2. O altar, elevado sobre um degrau, foi implantado de modo a permitir a celebração "versus populum".
- 3.3. O Ambão - lugar da Palavra - tem lugar próprio, suficientemente destacado, de acordo com a importância da proclamação da Palavra numa obra destas. É duplo, isto é, servindo dum lado para as funções normais, e do outro, voltado para o Povo, fazendo (tipo estante) a entronização da Bíblia.

(Iluminação e ventilação)

- 4.0. A iluminação natural faz-se pelo lado esquerdo da Assembleia (janelas abrindo para o pátio), e pelo telhado atrás e por cima do baldaquino do altar. No entanto, os actos matutinos, vespertinos e noturnos irão exigir uma conveniente instalação de luz artificial.
- 4.1. A ventilação prevê-se que seja natural e regulável, conforme as necessidades impostas pela afluência e épocas do ano.

(Campanário)

- 5.0. Previu-se de fácil acesso pela sacristia um suporte para um sino, ou torre sineira, anunciador das cerimónias.



(Sacristia)

6.0. A sacristia destina-se à paramentação dos ministros e acólitos, assim como à guarda dos paramentos. Além do espaço para uma mesa, um armário e uma arca comprida tipo banco, incluirá um lavabo para as abluções rituais. Dispõe-se num rectângulo alongado, de 2x6 metros.

(Sala de reuniões, cartório, etc.)

- 7.0. Os serviços de secretaria, antes e após o baptismo e o matrimónio, o gabinete do padre (antes de instalada a residência) e o lugar para as poucas reuniões de contacto, fazem-se num bloco contíguo à capela, com 50m² de área.
- 7.1. Essa área inclui, à entrada directa do pátio, a pequena instalação sanitária para ambos os sexos.
- 7.2. Como zoná de isolamento intermediária entre a capela e a área referida, dispomos ainda dum espaço coberto de 20m² que pode também ser utilizado já para reuniões, já para a catequese, na primeira fase da Missão.

(Centro de convívio paroquial: Dados fundamentais e programa)

0. Sendo tida a comunidade, ou pequenas partes dela, como uma família, este núcleo deverá desempenhar a função de recepção, promovendo o seu convívio. Aí se descreve simultâneamente o convívio do grupo paroquial e o convívio deste com os membros da comunidade que quiserem frequentar a Unidade.
1. Qualquer reunião, qualquer sala, qualquer peça de mobiliário ou instalações (bar, televisão, etc.) são agentes de sociabilização e de culturalização e, por isso, as actividades deste centro estão integradas no Sector Missão da Obra.
2. Dum modo mais vivo e eficaz, mas prolongável para fora, aqui se descreverá a vida em caridade fraterna da comunidade pré-paroquial.



(Salão convívio)

- 1.0. Deverá ser este pequeno núcleo que faz a apresentação da Unidade aos estranhos - ou, se quisermos, a apresentação da Missão. A primeira sala em L (48m²) destina-se para bar e televisão, ou até para pequenas festas. Comportaria mesas tipo café ou chá. Localiza-se nas proximidades da entrada, de modo a aguentar o embate dos recém-vindos, fazendo-os contactar com os de dentro.

(Sala de jogos)

- 2.0. Relacionada com o salão anterior, prevê-se uma área de 16m² para sala de jogos ou leitura ligeira.

(Espaço para festas)

- 3.0. Para teatro, cinema, variedades, leilões e outras actividades ou festas populares, prevê-se a utilização do pátio, com lugar, em condições normais, para 60 pessoas sentadas e outras tantas de pé. Dada a possibilidade inesperada de mau tempo, prevê-se a cobertura desse espaço com uma lona.

(Centro de Assistência ou beneficiência; Lactário)

- 1.0. Não constitui um espaço próprio mas apenas uma outra função do salão-convívio. Destina-se a servir refeições ligeiras às crianças da catequese, e funcionará também como lactário para as crianças filhas de paroquianos necessitados. Poderá ter instalações para fogão a gás, e assim servirá para aulas de culinária para raparigas ou para aulas de puericultura. As horas a que satisfaria tais funções não coincidem com as horas de funcionamento como salão convívio. Como televisão e bar, trabalharia às últimas horas do dia e primeiras da noite.
- 1.1. Prevê-se a armazenagem de sacos de farinha e leite em armários adequados. Outros cómodos guardariam os géneros alimentícios até serem distribuídos pelos serviços de Angariação e Distribuição da Caridade Fraterna.



(Dispensário)

- 2.0. Compreende uma sala de 20m2 destinada a pequenos curativos e onde se guardarão os remédios recebidos, e a distribuir, num armário apropriado. Podia incluir ainda uma mesa e uma cadeira.

(Gabinete da Assistente Social)

- 3.0. Este gabinete estaria acumulado com o dispensário referido na alínea anterior. Contaria com uma secretária com gavetas, e cadeira própria, um pequeno armário para arquivo e alguns livros, assim como uma outra cadeira.

(Centro Missionário e de Formação Cristã - Dados fundamentais e programa)

0. A acção da Equipa é uma obra da Igreja. Como ela, é essencialmente Missionária. Não só principalmente, como ainda primeiramente, dadas as características da Obra e das populações a que se destina a Missão.
1. A acção de missionação não é só e directamente desenvolvida pela equipa missionária, mas por leigos locais e pelas suas organizações de apostolado.
2. Intencionalmente, este Programa juntou missionação e formação cristã. Com efeito, sempre, e por maioria de razão num meio como esses onde trabalhará a Missão, é necessário prever a indispensável preparação do missionário e criar as condições materiais necessárias a essa preparação.
3. Não deverá ser esquecido que será o núcleo que os leigos locais sentirão como seu. E não só seu de todos (como o centro de convívio), mas especialmente seu do grupo ou grupos especializados.



Programa do Centro Missionário e de Formação Cristã
(sedes das organizações de apostolado e catequese)

(Salas de catequese)

- 1.0. Destinou-se à catequese um espaço coberto de 40m² seccionável por painéis amovíveis, dispostos conforme as conveniências, que vão desde os grupos isolados de 8 crianças assistidas por catequistas estagiárias, até às turmas de 40 perante a lição duma catequista diplomada. A área abre para o pátio e conta com outro espaço coberto para recreio, pavimentado a ripas de madeira. Os quadros para catequese podem ser integrados nos painéis. Contaríamos ainda com as cadeiras próprias e 2 pequenas secretárias para as lições grandes.

(Salas de reuniões)

- 2.0. Prevê-se que venha a funcionar como tal o espaço amplo anexo à capela, como já referimos no capítulo I.
- 2.1. Uma outra sala de 12m² implanta-se entre o gabinete da assistente social e a zona da catequese. Destina-se à Mesa Administrativa, Conselho Paroquial, e poderá servir ainda de gabinete de estudo destinado a pequenos trabalhos de sociologia religiosa. Contaria com uma estante para painéis e livros, assim como um estirador e placa de afixação.

(Residência - Dados fundamentais e programa)

0. A residência faz parte da Unidade não para comodidade de alguns dos elementos da Equipa Missionária, mas porque a sua presença também é missionária; o missionário habita entre o povo, faz parte, de certo modo, do povo - aí reside.
1. A residência, embora não interesse directamente à comunidade, é suficientemente acessível e despretensiosamente aberta de acordo com os dois princípios gerais inumerados em 0. e 4.



(Núcleo privado)

- 1.0. Compõe-se de dois quartos e um quarto de banho ou de um quarto e de um escritório, além dum pequeno vestíbulo de entrada e espera. A articulação das divisões será aquela que as situações do momento mais recomendarem. Aquela que vai indicada na planta seria adequada para a vida dum missionário ou de dois. A uma outra possível, recorrer-se-ia, caso um dos missionários - o padre - residisse com uma pessoa de família de sexo diferente.

(Sala comum)

- 2.0. Os dois quartos da alínea anterior estão ligados com um vestíbulo - roupeiro que, por sua vez, dará para uma sala comum a servir de sala de jantar e sala de estar íntima.

(Cozinha e copa)

- 3.0. Dispõe-se duma pequena cozinha contando com uma copa intercalada entre ela e a sala comum.



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



A. **U.** INTRODUÇÃO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



C. O. D. A.

I. U. PARÓQUIA NOVA



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



C.O.D.A.

1. A EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA MODERNA

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

"Dois gigantes dominam o mundo contemporâneo:
o medo do poder destruidor do homem, que au-
menta rapidamente, e a esperança no desenvol-
vimento da solidariedade internacional, cujos
progressos são mais lentos".

(Tibor Mende)



O homem em tudo que experimenta, e à procura da verdade, terá de contar, porque é falível, com o erro, o desvio, a repetição, o retrocesso. Mas se nessa procura, apesar do doloroso peso dos inêxitos e das desilusões, conseguir vencer o desânimo e a indiferença, o homem de espírito honesto sai engrandecido por este próprio esforço, esforço válido.

Nas últimas centenas de anos nascidos do Renascimento, do brilho de pequenos grupos que marcam a cultura do tempo o homem passa a novas vivências aprofundando o conceito e a experiência da sociedade.

1.1. O mundo novo: aspectos económico, político e social

Na longa gestação da idade contemporânea, tem visto o dia uma nova sociedade que se desenvolveu sem medida comum com as sociedades anteriores: trata-se, com efeito, nada menos que da sociedade humana mundial, que se organiza, não sem graves dificuldades, aos nossos olhos.

U. PORTO
(Económicos)

"Todo aquele que se não ilude apercebe-se de que há uma desigualdade gritante na distribuição das riquezas mundiais"(1).

O escalão geográfico onde se descreve a nova vida é consideravelmente aumentado e tem por limite (e talvez por pouco tempo!...) o mundo inteiro. As facilidades materiais conseguidas esfumam as fronteiras: as nações, movimentadas pelas viagens, pelas publicações e pelas trocas, apercebem-se da dimensão familiar do glóbó e aprendem a coexistir, se não até a cómungar.

A economia conhece um outro espaço geográfico. Desde a estrutura de base familiar que dá lugar (2) à grande empresa, ávida de maiores capitais que lhe possibilitem o necessário investimento numa maquinaria complexa e dispendiosa, passando por várias formas de agrupamentos industriais (3) até à já bem desenhada participação nos mercados únicos, veio a economia, por estas diversas formas, a impôr-se à política, obrigando-a a rever-se, convidando-a a preparar-se para novas es-



truturas.

A industrialização reforça-se, porque se consome toda a produção ao entender-se ao maior número o padrão de vida que se quer comum. A divisão do trabalho e a especialização explicam a eficiência conseguida em organização e planificação e impõem-se como factores essenciais de maior produção e melhoria das condições materiais de vida. Esta melhoria interessa directamente aos produtores, já porque motiva um maior número de vendas, já porque, por isso mesmo, vai permitir a redução de preços das unidades..., e esta baixa ocasiona maior venda, e esta, maior produção.

(Políticos)

Politicamente, pressente-se a corrida dos dependentes para a autonomia, quer no plano interno de cada país, quer dos grandes grupos relativamente uns aos outros. É difícil a aceitação da autoridade em moldes noutras épocas fora de causa.

A participação de todos na cultura do tempo e a competência, ainda que do mais humilde, no campo que lhe está confiado de serviço da sociedade, aviva a consciência do direito de todos participarem no poder e interferirem nos destinos próprios e comuns. Nota Mendès-France (4) em fruto de viagens de estudo recentes do grande político francês, quanto aos seus compatriotas estavam em contacto directo com as realidades, sentindo-se "responsáveis por qualquer etapa da sua evolução e do seu futuro".

"Após um quarto de milhar de anos de quase-monopólio do poder - e em menos duma geração - a nossa sociedade ocidental teve de se habituar à ideia de não ser mais do que uma minoria rodeada de países, de civilizações e de raças até aqui subestimadas ou desperzadas e com as quais é obrigada daqui em diante a tratar em pé de igualdade. A tarefa de readaptação é pois simultâneamente urgente e imensa".(5)

Assim, no plano internacional, assiste-se à independência conseguida ainda que por povos chamados subdesenvolvidos que, mesmo se obrigados por mais algum tempo a uma dependência económica e cultural de outros maiores (vítimas de um



neo-colonialismo), se esquivam à tutela nos moldes tradicionais, não sem excessos mas também não sem razões.

Despertam aí os nacionalismos, o que, se para nós, europeus, não é facto inédito, nos não deixa de parecer um anacronismo obsoleto à século passado.

Percebe-se, todavia, como ponto de partida, como dominador comum, o desejo vital de afirmação.

"A sua possibilidade de se abrir ao que poderia vir a ser um socialismo africano ou asiático depende do progresso do seu crescimento, da melhoria progressiva dos níveis de vida, sobretudo dos progressos da educação e da generalização no povo, pela acção cooperativa nas experiências locais, do sentido das responsabilidades individuais e associadas".(6)

Aprendamos a esperar que saibam colher algum proveito das últimas décadas de espírito democrático europeu, sem escândalo das demoras e dos caminhos em zigzag, reconhecendo, no entanto que essa mesma democracia lhes aparece ainda com o rosto do liberalismo capitalista.

No caso da Rússia assistimos à "destalinização" e ao destronamento do culto da personalidade, aos debates abertos sobre o marxismo-leninismo e até à discussão das próprias figuras governantes e directrizes do partido, ao arripiar caminho de certo purismo simplista por formas de maior flexibilidade. Os jovens, "que sofrem duma indigestão de cursos de marxismo obrigatórios, não se revoltam ainda, mas tornam-se indiferentes, cépticos e começam a procurar outras coisas".

Depois de vermos a Rússia transplantar a luta com o Ocidente para a competição económica e técnica, e as desinteligências com os partidos comunista Albanês ou Chinês, talvez não seja optimismo compartilhar a profetização de André Philip, quando diz "não ser de excluir que à força de querer ultrapassar os E. U., a Rússia atinja enfim o século XVI e comece uma Renascença, com uma reinvidicação de laicismo, espécie duma independência da escola e do pensamento em relação ao partido" e ainda quando diz "não obstante todas as denúncias do revisionismo, evoluirá para uma verdadeira descentralização, administrativa e industrial, sob o modelo jugoslavo; a via seria então aberta para uma democracia".(7)



Os Estados Unidos oferecem-nos panorama típico: a braços com graves problemas e tensões internas, o presidente, apesar de toda a sua autoridade, é muitas vezes manietado nas intenções de "abertura" e "colaboração" pelos grandes magnates que dominam o Congresso. O desemprego aumenta, ocasionando misérias tipicamente norte-americanas porque não são materiais: as facilidades materiais de vida dum simples operário impossibilitam os programas políticos de melhoria de vida, facto inédito no mundo de hoje. E assim, "não se trata já aqui somente das estruturas económicas, mas de valores de civilização que importa reencontrar e renovar para criar na liberdade uma sociedade igualitária"(8).

A Europa oscila indecisa entre as tradições prestigiosas de nações independentes e uma colaboração comprometedora, mas vital é apaixonante, num plano comum de troca e trabalho. E depois, talvez, de defesa e política comuns. Se do plano da nação passarmos ao da família, o conceito de propriedade privada terá de se desapegar mais do direito e abraçar a função social que lhe é inerente. Entre nós é comum ouvir afirmar que temos o direito de queimar o que é nosso: é desconhecer a função social da propriedade; mas se não tanto, pelo menos seria interessante e altamente construtivo para o mundo, especialmente para os povos da última hora que têm (ou tiveram?) os olhos em nós, que lhes soubéssemos dar o "escândalo" dum direito a que conscientemente renunciávamos recorrer.

"Mas ao mesmo tempo, justamente porque tudo se torna serviço público, tudo escapa cada vez mais à velha administração centralizada; por toda a parte se multiplicam as associações, os grupos profissionais, as necessidades duma política de território, as organizações de juventude etc, em que, no quadro de plano de conjunto, às iniciativas são tomadas pelos próprios homens".(9)

Em todos os planos, (de algum modo havia de ser proveitosa a herança do direito), procura-se um equilíbrio contractual que discipline as forças e as faça colaborar. O Estado limita-se à mera função de arbitragem (fora, claro, os planos em que é legítima a socialização nacional) garantindo o equilíbrio, na justiça, das actividades e iniciativas dos va-



riadíssimos grupos. "O Estado político é aquele que deve ter a última palavra, mas verdadeiramente a última depois que todas as outras tenham sido pronunciadas e muito cuidadosamente escutadas".(9)

Também aos europeus, parecem anacronismo os gritos de revolução vindos por exemplo, da Ásia Menor e da América Latina, já que na velha Europa a complexidade das funções e relações estabelecidas, a delicadeza do organismo económico-social, quando pede a reforma ou actualização das suas estruturas, sabe bem o cuidado que se impõe salvaguardar, porque não se está numa sociedade onde nada há a perder e onde qualquer passo mal desenhado não motiva a paralização de grossos contingentes de trabalho e capitais. "Não se trata já de combater, mas de construir, não de contestar, mas de participar"(10)

Não se trata duma tomada de poder tipo despotismo protecçãoista justificado nas promessas de futuros paraísos e na salvaguarda dum património ameaçado, mas antes no esforço das pessoas massificadas para que se desperte em todas a dignidade de pessoa comprometida numa construção comum responsável.

"Esta planificação descentralizada, esta multiplicidade dos grupos aos quais cada um pode pertencer, é para o homem uma libertação. Quando o indivíduo pertencia a um só grupo, em particular ao Partido - Igreja, este cobria toda a sua existência e exigia dele o dom da sua pessoa: hoje, o homem tem cada vez mais a possibilidade de pertencer a uma série de grupos funcionais, tendo em cada um deles uma acção limitada, e reservando perante todos a sua liberdade fundamental de julgamento e de acção"(2) e "adquire o sentido do respeito do outro e da diversidade necessária das opiniões"(10).

O povo não deve trabalhar sem os olhos da consciência do bem comum ainda que os seus interesses e bens fossem magnificamente administrados por uma "classe político-eclesiástica", por um "Partido-Igreja"; tal mōdus faciendi, salvo o caso das situações de arrancada especiais e passageiras (a Argélia, a Rau...) levará à própria destruição da nação porque se desgasta e dissolve a consciência de querer conjuntamente, princípio da sua própria existência. Para que haja um Estado, não



basta um território, uma política e uma capital, mas sim, porque é uma nação politicamente organizada, tem por base ineludível essa mesma nação.

"Chega-se assim ao grande problema da nossa época; as democracias não sobreviverão senão se os cidadãos, para lá das suas divergências de vistas é de interesse, cheguem a concordar sobre certos princípios que se comprometerão a respeitar em quaisquer circunstâncias, porque eles constituem a própria definição do seu tipo de civilização. É, primeiro, a afirmação que o homem é na terra o valor supremo, passa à frente de todos os grupos, a própria pátria mãe não é um dado natural, mas a expressão da vontade de certos indivíduos de viver em conjunto (...); nenhum grupo pode afirmar-se como um absoluto, mas como um meio ao serviço do homem"(11).

Já se pensou que os fins justificariam os meios; já se corrigiu que os fins não justificavam os meios, que pressuõem uma justiça particular independente dos objectivos que perseguem. Hoje prefere-se tomar os meios pelos fins, os principais fins, o "essencial" nas justas reivindicações: - "o essencial não é o fim mas o meio empregue".(12)

Esboçam-se e concretizam-se as pequenas e grandes organizações internacionais que, apesar de todas as vicissitudes, vêm dando provas que justificam de sobra os sacrifícios, as despesas na sua manutenção, e enchem de alegria os corações dos homens verdadeiros do nosso tempo: alegria e orgulho.

Dizia o Papa João em Abril de 63: "Fazemos ardentes votos para que a Organização das Nações Unidas - nas suas estruturas e meios - se conforme cada vez mais com a vastidão e nobreza das suas finalidades, e chegue um dia em que cada ser humano encontre nela uma protecção eficaz dos direitos que promanam imediatamente da sua dignidade de pessoa e que são, por isso mesmo, direitos universais, invioláveis, inalienáveis. Tanto mais que hoje, participando as pessoas cada vez mais activamente na vida pública das próprias comunidades políticas, denotam um interesse crescente pelas vicissitudes de todos os povos e maior consciência de serem membros vivos de uma comunidade mundial".(13)

Será profecia leviana esperar que essa ou outra organi-



zação internacional equivalente venha a interferir no próprio foro interno de cada nação, sempre que os direitos fundamentais dos povos estejam ameaçados? Até agora, com muito escrúpulo, procura-se distinguir e evitar a interferência nos problemas internos das nações: um dia, quer porque essas nações confederadas em vastos blocos conhecem um governo comum, quer porque, mantendo a independência de hoje se associam com base no direito e reconhecem o seu poder não absoluto de dispor de tudo adentro das fronteiras, assim como a família tem direito de represália sobre aquele dos seus membros que ameça atingir a liberdade dos outros, assim como a Nação tem direito de represália sobre aquela família que ameça atingir a liberdade das outras, podemos ver as Nações, politicamente associadas, usando o direito de intervir adentro de quaisquer fronteiras, quando, por inépcia ou má intenção dum qualquer governo, o povo se veja ameaçado nos direitos fundamentais e comuns à humanidade.

U. PORTO

(Sociais)

Pela Revolução Francesa a classe privilegiada perde as suas prerrogativas; porém, chega a hora à sua principal opositora, ridicularizada e despojada pelo proletariado. Hoje, essa mesmo, ou se emburguesa ou se vê também ultrapassada, obsoleta enquanto classe, para dar lugar a uma sociedade onde as funções as substituem.

Desaparecidas as classes, depois de desaparecidas as castas, (lembramos que as estamos a tomar no sentido de classes redentoras e não como meras categorias sociais), destroem-se então as rígidas delimitações dos campos de competência. O da economia, por exemplo, estava interdito ao homem de cultura mediana (e claro que entre nós ainda está...) e a muitos de preparação superior: a recente obra de Mendès-France, La République Moderne, esforça-se por trazer a perspectiva necessária e o convite à colaboração de todos. Entre nós, para citar só mais um trabalho de divulgação, a obra de Francisco Pereira de Moura (14) em forma de curso para qualquer universitário ou pessoa de preparação equivalente, esforça-se, recorrendo a com-



petência, habilidade e boa vontade, por tentar preencher o "deserto" português.

O extraordinário aumento da população mundial, ainda há poucas gerações imprevisível, obriga à inação ou ao desaparecimento das pequenas comunidades locais de tipo patriarcal pela invasão, por toda a parte, duma massa heterogénea. Dessa, nascem outros grupos baseados na posição dos seus elementos perante o trabalho. Embora já conhecidos, não deixam de surpreender os números que traduzem o aumento da população do globo e a sua previsão para um futuro próximo: em número relativos podemos dizer que a população vai desde 2,5 no começo da nossa era, para 5 no começo do século XVIII (dobra em dezoito séculos), passando a 7 por altura da Revolução Francesa, até 28 nos nossos dias (quadruplica em menos de dois séculos) e caminhando para 60 no ano 2.000 (isto é, outra vez duplicada, agora em poucos anos).

São especialmente as cidades (mòrmente algumas delas que melhor se prestavam) que sofrem esse aumento populacional. A industrialização atrai grossos contingentes, que não só a preenchem como ocupam os seus arredores.

Empregados nas unidades industriais, inúmeros trabalhadores vão tomando consciência da sua situação peculiar, do seu número, da sua força: nasce a classe operária.

Também na cidade, desenvolve-se o tipo de homem novo, que as condições de higiene e outras condições materiais possibilitam, nasce a escolha e a selecção das relações, as profissões especializadas, os agrupamentos específicos: o homem aprende a colaborar (a dar aos outros e a depender dos outros), purifica o conceito de bem comum, na medida em que mais se especializa. A consciência de que se fala motiva a criação de grupos (e estes fortalecem aquela) que, no plano da cidade, se sentem responsáveis por determinados sectores do pensamento e da acção.

1.2. O homem novo: concepções

"A humanidade parece aproximar-se do seu ponto crítico de socialização".

(Teilhard de Chardin)



(A pessoa)

Desde a Renascença - fora as tentativas de algumas correntes da Idade Média - o homem sente-se atraído por um melhor conhecimento da natureza, das suas leis e do lugar proeminente na Criação: senhor para a conhecer e a dirigir. Estas preocupações haviam de explicar todo o esforço científico e as criações técnicas posteriores. Enamorado pela natureza e pelas altas expressões do pensamento, fecha-se em pequenas elites, indiferente aos valores comunitários do homem. Mais tarde há-de sentir-se impelido a estender a toda a humanidade os úteis conhecimentos adquiridos, aplicando-os ao quotidiano, generalizando o mesmo padrão de vida e uma comum concepção para lá das barreiras particularistas de "fês" acientíficas, do homem e do Universo.

Essa exigência de coerência no conhecimento, tão característica do mundo moderno, já a sentia vivamente o sábio Galileu quando, perseguido pelos seus contemporâneos por desrespeitar os sagrados sistemas de Ptolomeu e Copérnico: - "olhem pela luneta", pedia o grande físico em resposta ao convite dos seus opositores para... "discutir o problema"!

A ciência económica, por exemplo, escapa à tutela da doutrina económica, para se prender a métodos positivos e desenvolvê-los, estudando com avontade fenómenos tal como se apresentam e um pouco ao contrário do que até aqui, fornecendo à própria doutrina o material com que lida.

Sócrates, conta Cícero, comprazia-se na qualidade de cidadão do mundo: vinte e dois séculos depois o simples homem da rua, talvez com menos consciência porque lhe falta a sabedoria, vive, com todos os sentidos, essa enriquecedora realidade. Dois grandes riscos ameaçam o homem: ou se dissolve na massa anónima incapaz de preparação e cultura ao nível das novas exigências, ou se embriaga com o imenso poder que julga encontrar na sua condição divinizada. É assim que passa pelo antropocentrismo renascentista, pelo revisionismo e livre consciência protestante, pelo livre pensamento e agnosticismos, por muitos ateísmos até ao contemporâneo, especialmente marxista e existencialista ateu, fechados a tudo que ultrapasse o homem, uma vez habituados a descobrir progressiva-



mente as razões dos inexplicáveis da Idade Média. Crê-se bom, naturalmente bom. E do "bom selvagem" estragado pela sociedade, o homem passa pela desproporcionada crença na livre consciência e na organização espontânea até ao messianismo da classe redentora, o prolétariado. Numa palavra: de todos os individualismos a qualquer dos totalitarismos.

Tal levou os personalistas às reflexões sobre a pessoa humana, clarificando o conceito por vias da distinção indivíduo-pessoa.

Além da nossa realidade biológica que constitui o que podemos chamar o indivíduo, há em nós, conceito inseparável daquele outro mais distinto dele, uma categoria moral, a pessoa.

"A pessoa é dotada de liberdade, enquanto que o indivíduo se considera como o efeito estritamente determinado da organização biológica". (15)

É essencial à personalidade tender para a comunhão, afirmou J. Maritain. (16)

A pessoa tem necessidade, para se desenvolver, da sociedade em que está integrada. Necessidade, já no sentido estrito e material da palavra, já no sentido mais lato e espiritual.

Desde a primeira infância "logo após a afirmação do eu a criança começa a construir o seu eu social, (17) e aprende progressivamente, nas relações com os outros, a tomar consciência da unidade do seu eu". (18)

Também na idade de adulto, o homem deve à sociedade grande parte da origem da sua unidade: continua a aprendizagem, a esplêndida autoeducação que lhe oferece a convivência.

"Os sociólogos mostram algures que nas sociedades primitivas a noção de pessoa mal existe. As funções dos indivíduos não são suficientemente diferenciadas para que estes se singularizem no grupo". (19) O próprio uso da palavra, referem os mesmos autores, teve e ainda tem o significado de função social exercida. "É somente no fim duma evolução social que nós nos reconhecemos todos como pessoas. Durkheim explicava esta evolução pela divisão do trabalho social que individualiza o papel de cada um na produção. E já sublinhámos a importância da Revolução Francesa que criou pessoas, no sentido próprio do



termo, ao dar a todos direitos que pertenciam a alguns e ao tornar os privilégios de minorias em direitos Universais. Hoje chamamo-nos todos Senhores, somos todos eleitores, somos todos personagens!"

É a esta mesma forte contribuição da sociedade para a dignificação e complementaridade da pessoa, a contribuição do todo para a parte, que J. Maritain se refere na obra Pessoa e Bem Comum.

Não começa o filósofo por se referir às necessidades materiais advindas dos limites do indivíduo, alimentação, vestuário, abrigo, etc.; antes, refere-se às necessidades que nascem não dos limites do homem, das imperfeições, mas das "perfeições que lhe são próprias e da abertura às comunicações do conhecimento e do amor e que exigem a entrada em relação com outras pessoas". E conclui: "A Sociedade surge então como proporcionando à pessoa as condições de existência e de desenvolvimento de que tem necessidade". Ou como Mounier "não existo se não na medida em que existo para outrém, no limite, ser é amar".(20) O homem, para progredir no conhecimento e numa exigência de vida moral, necessita do concurso do semelhante, quer se chame educação, quer se chame auxílio.

Maritain distingue a noção de bem comum da noção de bem público. Este é necessário àquele mas não basta por si. Não é só com escolas, estradas e hospitais que se assegura a exigência do bem comum. Todo o homem tem direito à educação e ao acesso aos níveis superiores da cultura. Note-se o caminho das reivindicações da classe operária: primeiro, sociais, depois políticas e agora culturais. Esse direito pode não ser explicitado por cada um ou por cada "meio"; podem, até, grandes multidões de homens não se aperceberem da dignidade da sua condição e manifestarem um primitivo desprezo pelos planos superiores do espírito: "A maioria dos homens prefere a escravidão na segurança ao risco na independência, a vida material e vegetativa à aventura humana".(21)

Mas aqueles que vivem horizontes mais largos não estão dispensados perante essa recusa dos seus semelhantes a pugnam contínuo e persistentemente pela sua evolução.

"É próprio do homem ser simultaneamente um ser sociável



e um ser sociabilizado isto é, uma pessoa aspirando a comunicar com o seu semelhante e o membro duma sociedade que existe, préexiste e o forma, o controla quer queira quer não".(22)

No plano filosófico, o personalismo foge, quer à confusão da pessoa no indivíduo concreto e limitado, quer à dissolução da pessoa numa realidade abstractizante, absolutista e contrária a qualquer enraizamento. Daqui advém que "no plano político os personalistas não querem nem o individualismo anárquico nem o totalitarismo que abafa o indivíduo".(23)

"O século XIX fez a experiência dos erros do individualismo. Vimos desenvolver-se por reacção uma concepção totalitária ou exclusivamente comunitária da sociedade. Para reagir ao mesmo tempo contra os erros totalitários e os erros individualistas, era natural que se opusesse a noção de pessoa humana, comprometida como tal na sociedade, simultaneamente à ideia do estado totalitário e à ideia da soberania do indivíduo."(24)

(Relações entre pessoas)

Vimos que a necessidade de comunicação, experimentada pela pessoa, dimanada da própria perfeição. Perguntemo-nos, porém, se a pessoa é capaz de comunicar com outras pessoas ou se esse impulso congénito está condenado a pura e simples frustração.

"O problema da comunicação das consciências - na primeira fila das nossas preocupações contemporâneas - nunca foi tratado pelos filósofos do século passado, porque não aprofundaram a noção de pessoa"(25).

A afirmação de Maritain que o amor não vai para qualidades nem para naturezas ou essências, mas para pessoas (26), está a uns vinte e dois séculos do conceito de amor e das lições de Platão. Este, pedindo aos discípulos que da contemplação dum corpo belo, abstraissem a todos os corpos belos e daí a todas as belas formas, passando pelas virtudes e ciências até, finalmente, tocar a ideia de belo em si da qual o corpo primeiro não seria mais do que o reflexo passageiro da Ideia, documenta o desinteresse pelas particularidades individualizantes e caracterizadoras de cada pessoa encarnada. É numa



perspectiva destas que encontramos os personalistas e, dum modo geral, uma das bases mais significativas do cristianismo.

Ainda para filósofos modernos (Descartes, Leibnitz, etc.) a pessoa está condenada ao isolamento pela incapacidade de comunicação com as outras. No entanto, como notam Huisman e Vergez (27), "a experiência do outro é antes de mais uma experiência vivida, uma atitude irreflectida (desde o primeiro sorriso da criança que comunga com o sorriso materno) mas fundamental da pessoa, uma característica primitiva da nossa inserção no mundo e na humanidade". (E, acrescentamos pelas palavras de Maisonneuve, "o outro, longe de ser perante mim uma "parede", pode ser uma valorização, uma "ponte" em ordem à mais profunda revelação do que eu sou"(28).

Sem nos determos aqui nas variadas posições de alguns filósofos contemporâneos, interessa-nos especialmente reunir em poucas linhas a posição dos católicos a esse respeito. O católico não duvida da existência dos outros. Acredita que são irmãos seus, filhos dum Pai comum, e libertados pelo sacrifício dum outro irmão, também Deus. Foi-lhes dito que se conheceriam como filhos do mesmo Pai e discípulos do mesmo Mestre, pelo amor de uns pelos outros. Esse amor não exige só a justiça (não fazer o que não queríamos que nos fizessem e "dar ao outro o que lhe pertence"(29), mas a caridade (fazer o que queríamos que nos fizessem e "dar ao outro o que nos pertence (30) dom gratuito ao outro que o faz comungar comigo na realidade do nós. Todos os seres humanos unidos num mesmo amor (que é o mesmo amor do Pai sob o aspecto de caridade fraterna) constituem um só corpo (porque há uma só caridade), são os membros dum corpo em que o Mestre é a cabeça desse mesmo corpo.

Esta doutrina de Cristo, aceite e alimentada pela fé, não deixa de pôr o problema da possibilidade ou não de comunicação dos homens entre si (tal como põe, por exemplo, a angústia do existencialismo ateu) simplesmente porque se não contraria a razão humana, também não foi fruto espontâneo dela mas constitui um mistério que a transcende.



f. A. M.

(O respeito pela pessoa: a justiça e a caridade)

Os privilégios duma só classe até à Revolução Francesa darão lugar aos direitos de todos os homens independentemente do meio onde nasceram. Lê-se na Declaração dos Direitos que "todos os homens nascem iguais em direitos". A igualdade de facto não pode ser afirmada sem motivar um sorriso de des-crédito especialmente no que se refere aos dons do espírito. Mas precisamente para que esses dons se possam desenvolver livremente e rendam para proveito do conjunto, se defendeu a igualdade dos homens perante a lei.

Pobres ou dotados participam todos na dignidade humana. Muitas desigualdades que se tomam por desigualdades de facto podem desaparecer desde o momento em que o homem tem acesso a uma vida digna, não esmagada por um trabalho aviltante e por preocupações desesperadas ou ameaça constante da miséria, que o embrutece.

Por seu lado, para os católicos, a caridade dá um senti-do especial à justiça. "Enquanto que a justiça diz respeito a aspectos objectiváveis da existência, regulariza as trocas, as funções, instaura um sistema de direitos e de deveres recí-procos, definindo assim as condições duma solidariedade, a caridade visa principalmente a instaurar uma comunidade de pessoas (G. Madinier define a comunidade como a unidade duma sociedade de pessoas amadas e amantes onde cada uma tira o seu ser e a sua alegria do dom que faz de si própria a todos os outros).

Daí a oposição entre a universalidade abstracta da jus-tiça e o carácter concreto e pessoal da caridade".(31)

O católico deve pugnar pela justiça, por esses direitos que a sociedade politicamente organizada tem o dever de ga-rantir a todos e a qualquer um, sem pensar contudo que se po-de dispensar do dom gratuito, incomensurável, da caridade.

(A vida em sociedade)

O homem encontra-se inserido em vários grupos sociais. O primeiro grupo - grupo natural para a grande parte dos pen-sadores antigos e contemporâneos - é a família. Depois dele,



pelo menos a nação, até à humanidade.

Qualquer dos extremismos - já aquele que viu na família o grupo valendo por si mesmo e ao qual se deviam sujeitar todos os seus membros sob a autoridade dum único chefe, já aquele que viu na família a instituição ultrapassada, origem dos piores males para o indivíduo, fonte de pesados danos à sua liberdade e originalidade próprias - qualquer destas posições extremas, dizíamos, contribuiu à sua maneira para que se aclarassem posições, para que a instituição saísse reabilitada enquanto sobre limitações que a razão do mundo moderno fez notar, tornadas agentes da referida reabilitação.

Qualquer dos grupos - a família também - são feitos para as pessoas e não estas para eles. Só têm sentido enquanto contribuam para o seu desenvolvimento e enriquecimento moral: é este o primeiro ponto que convém reter.

Por seu lado, a psicologia experimental contemporânea oferece-nos conclusões interessantes sobre esse grupo natural nas implicações tidas com a criação e o desenvolvimento da criança. Praticamente toda a pedagogia - ou psicopedagogia recente - revela as vantagens insubstituíveis da família para a criança, em especial nos primeiros tempos da sua vida, mostrando também quanto o afastamento ou inexistência dela está na origem da delinquência e da criminalidade. Em contrapartida, o conhecimento da necessidade de relações da criança a partir de tenra idade convida-nos ao realismo de querermos a instituição familiar de portas abertas para o convívio com outras famílias. Para a educação do carácter tem contribuído a pedagogia moderna na insistência, por exemplo, da ginástica de grupos, e do jardim escola, que antecipa o ensino primário elementar tradicional, cronológica e mentalmente, contribuindo para o enriquecimento do vocabulário da criança, desenvolvendo-lhe a capacidade manual e daí a intelectual, educando a afectividade e, enfim, proporcionando-lhe um ambiente de colaboração, auto e coeducação.

"O primado do valor específico da pessoa é um dos principais pontos característicos da doutrina social personalista, mas isso não significa de modo algum o enfraquecimento da comunidade; porque uma sociedade não se pode constituir senão



sobre personalidades que tenham valor próprio"(32).

Os problemas de educação dos filhos ajudam a criar o clima de entreajuda entre famílias que residam numa mesma unidade territorial e daí, por definição, aparece a unidade de vizinhança.

Se já lá vai o tempo em que o pater familias de poder absoluto (e muitas vezes despótico) dispunha impunemente da liberdade dos membros do clã, devia ir também o tempo em que os indivíduos se sujeitavam à entidade Nação - ou mais praticamente à sua forma organizada, o Estado - dela dependendo inteiramente.

Das teorias absolutistas em que "o soberano é o próprio Deus" passa-se às teorias anarquistas em que "o Estado é condenado porque ele é a alimentação da liberdade" individual.

Reconheçamos com os anarquistas que a pessoa humana é o único valor, a felicidade das pessoas o único "fim em si". Mas acrescentemos, contra eles, que o Estado - esta abstracção incarnada em instituições, em administrações, em leis - é um meio necessário à realização das aspirações individuais. (33)

Em democracia, o estado é a Nação organizada politicamente para defender os interesses dos indivíduos e não é um fim supremo, nem tem em si qualquer fim ou interesse para além do interesse deles.

Porém, a democracia liberal vem sendo fortemente abalada no nosso século. As possibilidades técnicas criadas, quer porque exigem largos capitais de que só poucos poderão dispor, quer porque, além disso e progressivamente, vai concentrando tudo nas mãos de alguns, conduziram à situação de alerta contra o liberalismo económico. Pode dizer-se que é doutrina universalmente aceite hoje a necessidade de intervenção do Estado no sector da economia (especialmente neste, porque dele dependem outros).

O socialismo respondeu ao descrédito da democracia liberal: para Charles Andeer, "enquanto que a democracia é a divisão e distribuição igualitária, o socialismo põe em comum todos os recursos e todos os esforços; é sentimento vivo da solidariedade" (34).

Porém, o modo e o grau de intervenção não são aceites



por todos os povos ou todas as correntes doutrinárias. Assim, conhecemos, para só falar em duas experiências extremas, o fascismo e o socialismo comunista, já um, já outro, soluções totalitárias.

O objectivo que temos em vista dispensa-nos a demora. Há, porém, um aspecto ainda dentro deste capítulo, que merece atenção especial.

Dizíamos que a nação, tal como a família, não é um grupo ao qual se subordinem as pessoas, mas são grupos de serviço. Não é fácil descobrir a razão ou razões porque esta ou aquela Nação são grupos independentes, recorrendo a factores tradicionais: origem étnica, território e língua comuns.

A importância absoluta e determinante de qualquer um destes factores está desmentida no mundo contemporâneo: basta olhar e pensar um pouco em alguns estados modernos. "A Nação assenta antes de mais na vontade dos seus membros, na sua consciência e desejo de formar uma Nação" (35). É conhecendo e partindo daqui que devemos começar a trabalhar se quisermos que qualquer comunidade se mantenha autónoma: é preciso que se torne autêntica comunidade, isto é, grupo consciente como tal. Do mesmo modo, para que parte duma comunidade legitimamente se separe do resto basta que haja na neo-comunidade um tal desejo, e o escalão corresponda ao grau de independência procurada.

(Problemas morais da vida económica)

A origem da realidade a que todos os homens estão ligados - o trabalho - exprime a situação de servo do ser humano. E não deixa, simultaneamente, de constituir um dos mais poderosos meios de libertação e de domínio de que dispõe o homem.

Por ele, o homem aprende a dominar a natureza depois de a conhecer, a aproveitar as forças naturais, a humanizar o meio onde vive; tem por objecto a transformação da natureza, tornando-a útil para si próprio. Mas não só é útil pela consequência directa - a transformação das coisas - como ainda é útil ao próprio trabalhador que conquista a confiança em si, aprende a ser útil aos outros e a depender do trabalho deles,



tomando consciência da convergência dos esforços de todos.

É esta a melhor pedagogia ao serviço da harmonia dos grupos. Notava Saint Exupéry: se quereis ver os homens em guerra distribuí-lhes o pão, mas se os quereis ver trabalhar em paz levai-os a construir em comum a mesma torre (36).

A gratidão que a história faz nascer em nós pelos inúmeros inventos dos nossos antecessores, cujas vantagens usufruímos, deverá levar-nos à confiança na utilidade dos esforços de nossos contemporâneos, mesmo naqueles que pareçam mais gratuitos.

As condições em que se faz hoje o trabalho divergem muito de lugar para lugar: desde aqueles pontos em que o trabalho é indigno por falta de actualização dos meios, até aos pontos onde é ainda indigno por falta do perfeito domínio dos poderes e recentes meios utilizados.

É inútil, porém, lamentar o mal da mecanização e automação do trabalho. As vantagens são inegáveis mesmo que os perigos lhe sejam, como em tudo, proporcionais. Aliás como alguém afirmou já, o maior perigo da mecanização é a pouca mecanização e a pouca maturidade do modo como convém aproveitar o seu serviço. Ou, como escreveu Bergson, "o corpo engrandecido (pela técnica) espera um suplemento de alma e a mecânica exige uma mística" (37).

Escreveu João XXIII, na sua última encíclica, referindo-se ao direito ao trabalho que "comporta certamente a exigência de poder a pessoa trabalhar em condições tais que não se lhe minem as forças físicas nem se lese a sua integridade moral, nem tampouco se comprometa o seu desenvolvimento do ser humano ainda em formação". Chama também a atenção para o trabalho da mulher e para a remuneração da prestação de trabalho.

(A consciência comunitária)

Laloup e Nélis, autores de "Commnauté des Hommes" (38), num claríssimo capítulo que consagram à tendência comunitária, começam por notar que não seria já sentido comunitário mas ainda simplesmente individualismo, o mero reconhecimento intelectual de que o homem precisa da sociedade e como tal deve ocupar-se dela.



Acompanharemos os referidos autores. A história ensina que o homem nada é sem o seu meio, uma cultura comum, uma civilização comum. "Pode dizer-se que se, com raras excepções, algumas pessoas são capazes de se humanizarem pelo seu próprio esforço, a grande maioria só lá chega pela convergência de elementos colectivos, preparados com tempo por gerações e cuidadosamente mantidos por um escol que pensa e age. Ou ainda, o humanismo autêntico não se irradia senão numa comunhão de pensamento e acção (39).

Por seu lado, a psicologia moderna - especialmente a psicossociologia, seu novo ramo, a meio caminho entre a psicologia tradicional e a sociologia - mostra quanto o indivíduo depende da sociedade em que está integrado, isto é, quanto o conhecimento da própria pessoa está ligado à comunidade, e quanto o desprezo ou afastamento dela diminui o homem.

Fora da comunhão, isolado, o homem mata-se a si próprio, não só porque a sua inteligência vive empobrecida da falta de diálogo e exercício, como ainda sente o amargo da sua inutilidade fechada num círculo vicioso, egocentrista, de inutilidade.

Por sua vez a filosofia, sem deixar de nos pôr de sobre-aviso contra as subordinações da pessoa aos grupos sociais, insiste pela voz dos personalistas, como vimos atrás, que "o indivíduo não é um absoluto que condescende em abdicar uma parcela do seu poder, mas um relativo que procura necessariamente unir-se aos outros para procurar em conjunto um valor superior, um desenvolvimento último que nenhum deles, abandonado às suas próprias forças, poderia jamais atingir"(40).

O melhor contributo para a sociedade é a honestidade e valorização do indivíduo, assim como para este conta a perfeição e exigência do grupo. O alheamento destas realidades são a principal causa da nossa mediocridade: nossa de homens de hoje e nossa de portugueses, parece que tão pouco predispostos ao trabalho de equipa.

A própria teologia não escapou à influência do individualismo. Já neste século numerosos teólogos redescobrem a comunidade e insistem na doutrina do Corpo Místico, na missão universal de Cristo, no amor duns pelos outros, sinal do Réino.

"Numa palavra, assistimos ao nascimento dum "homem novo":



distingue-se daquele que o precedeu por uma concepção, um desejo, uma mística, instituições comunitárias" (41).

(Conclusão)

Mais do que nunca a humanidade aprecia as exigências de rigor do conhecimento. Debruça-se e prescruta a realidade nos campos mais diversos, recorrendo a técnicas há pouco tempo imprevisíveis.

Também no decorrer de longas e dolorosas experiências em que tantas vezes se cerceou ilegítima e desastrosamente a sua liberdade, o conhecimento do próprio homem foi mais fundo, procurando-se compreendê-lo e garantir-lhe as condições indispensáveis à sua felicidade e pleno rendimento.

O padrão de vida comum generalizou-se, ajudando a estreitar os laços fraternos numa convivência, entre trocas reciprocamente enriquecedoras.

A necessidade de comunicação experimentada pela pessoa dimanada da própria perfeição da categoria social que ela é, e tem origem nas exigências dessa perfeição. Mas essa comunhão não deverá abafar a liberdade de cada um, mas alimentar o interesse pelas particularidades individualizantes caracterizadoras de cada pessoa incarnada.

A experiência do outro é uma atitude espontânea, mas fundamental, da pessoa e é nesses contactos que se revelará a nossa própria personalidade. Daí, cada um contar com os outros e estes com cada um, desde o mais elementar respeito pela dignidade humana, desde as exigências da mais universal justiça, até ao dom gratuito da caridade que me faz, com o outro, comungar na realidade do nós. Para os cristãos, os seres humanos unidos num só amor constituem um só corpo.

Na vida em sociedade, os grupos existindo para o serviço das pessoas, garantirão a entreeajuda, desde o plano família, à unidade de vizinhança, ao plano nação, até à consciência do todo - a humanidade. Não se sobreporão às pessoas, deixarão de existir quando as não servirem, ou tornar-se-ão independentes doutras comunidades maiores em que se inseriam, a partir do momento em que se possa falar numa consciência de



que existe como comunidade e em que o escalão corresponda ao grau de independência procurada.

As pessoas têm direito ao diálogo e à consciência da sua participação, pessoal e insubstituível, na construção e no governo das colectividades.

"O século XIX foi o grande século das ciências da natureza e do determinismo. O século XX pode dizer-se o século das ciências do homem e da liberdade. À Natureza e à História, o homem do século XIX lançava o desafio do seu novo poder, um pouco à maneira dum adolescente. Na Natureza e na História, o homem do século XX inquieta-se com o seu poder crescente e sente-se responsável dos seus actos" (42).

Acreditamos como Georges Lefranc (43) que no "nosso século de progresso técnico, a máquina não condena necessariamente o homem ao silêncio e ao vazio intelectual: ao lado dos interesses e das grandes paixões colectivas, os sonhos generosos e as ideias lúcidas podem ainda contribuir para orientar a história".

As nossas certezas de que o mundo moderno melhorou sob imensos aspectos não as cremos infundadas. No entanto, a experiência ensina e a exigência de realismo obriga: "tudo está sempre ameaçado, e os valores de civilização não podem ser mantidos senão por uma intervenção criadora permanente" (44).

Veremos adiante algumas dessas intervenções criadoras do feliz tempo que aprouve a Deus que nós vivêssemos.



2. RESPOSTAS NOVAS AO MUNDO NOVO – ALGUMAS DAS

RESPOSTAS MAIS RECENTES
U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

"Ninguém se engana quando diálogo".

(João XXIII)



Os problemas peculiares do nosso tempo e o nosso modo de lhes responder, as concepções que temos sobre a legitimidade, ou não, e a eficiência, ou não, de certos meios, haviam de estar na origem de numerosas iniciativas e experiências que, vindas a público, discutidas e avaliadas hão-de levar-nos ao limiar de técnicas específicas, bem distintas e características do modo de agir nesta segunda metade do século XX.

Entre elas queremos referir algumas, tidas por mais significativas.

Como o trabalho que nos ocupa tem por objecto populações no sentido de unidades sociais de base geográfica (isto é, povos circunscritos a um território), limitamo-nos quase só a referir aquelas experiências que lhes digam respeito, passando em branco muitas outras iniciativas tais como, por exemplo, as realizadas quer dentro da empresa (experiências de planificação do trabalho, melhoria das suas condições,...), quer sobre puras categorias sociais (iniciativas em prol da cultura, programas de rádio e T.V....) quer sobre grupos sociais mas não de base geográfica (técnicas de Acção Católica,) etc.

Convém distinguir entre si algumas unidades sociais evitando confusões quanto às características daquelas que nos ocupam.

Uma categoria social (45) reúne as pessoas, não na realidade física e externa, mas, segundo uma construção mental do observador que lhes atribui uma ou mais características comuns.

Tem uma base existencial e real, uma base objectiva, que consiste numa característica comum: característica real naquelas que são consideradas uma unidade social mas que nenhum contacto têm entre si, nem se encontram em comunicação recíproca.

Um agregado social faz-nos dar um passo em frente. A sua unidade não depende da construção mental do observador, porque as pessoas como agregado social encontram-se em estado de proximidade física, embora sem comunhão recíproca. As pessoas são relativamente anónimas, estranhas umas às outras. Esta unidade social não é organizada e estruturada; desconhece a



hierarquia de posições e funções: existe apenas um contacto social limitado, ainda que a proximidade física seja grande. São estas as principais características que as distinguem das unidades sociais seguintes.

Um grupo social implica vários graus de interacção, de comunhão, de relações sociais. Um deles, o grau mais elevado de interacção é a comunidade. Esta, segundo Maisonneuve (46), caracteriza-a um factor decisivo: querer ser conjuntamente e querer em conjunto: assumir conscientemente um mesmo esforço e um mesmo ideal. É um conjunto (um grupo) duma vontade única e lúcida, consciente de si próprio e do que quer.

Ora, já o dissemos, interessam-nos - porque vamos tratar de paróquias ou obras para-paroquiais ou ainda obras-para-unidades-de-escalão-equivalente - referir as experiências e investigações em agregados e grupos sociais de base geográfica.

(Algumas das respostas mais recentes)

De todos os trabalhos a que pudémos recorrer, escolhe-mos estes:

- Como técnica de progresso social, o chamado desenvolvimento comunitário;

- Como principais investigações ao serviço da pastoral paroquial, os trabalhos de sociologia religiosa nos últimos doze anos;

- Como técnicas de pastoral já lançadas, os Movimentos e Obras recentes;

- Como testemunhos, as experiências tidas entre operários ou bairros proletários:

a) a do Padre dominicano Jacques Loew;

b) a do Bispo Auxiliar de Lião D. Alfredo Ancel;

c) a do Padre Michonneau.

- e, finalmente, as tentativas da Paróquia Experimental no Padrão da Légua (arredores da cidade do Porto) concorrentes à acção evolutiva partindo duma pastoral de rua até à criação duma comunidade paroquial.



2.1. O "Desenvolvimento Comunitário".

Das características fundamentais dessa técnica de progresso social - o desenvolvimento comunitário - convém recordar algumas delas (47).

Se bem que todas as iniciativas tidas pela população não tenham que aparecer com carácter espontâneo (48), mas sim por sugestão ou actuação directa dos agentes do desenvolvimento (49), estes prescrutam as necessidades reais sentidas pela população (50) e daí partem por etapas progressivas para a solução dos problemas sociais. "Não se trata duma determinação meramente científica com base exclusivamente em trabalho de gabinete; o ponto nuclear da técnica do desenvolvimento comunitário consiste, justamente, em levar as próprias populações a distinguirem entre si as suas necessidades colectivas, a tomarem consciência delas duma forma ordenada e ainda a procurarem, na medida do possível, pelos seus próprios meios, uma solução conveniente"(50).

"Escreveu-se que o desenvolvimento não depende exclusivamente do progresso técnico ou da organização social, mas é o resultado de um esforço colectivo - esforço dos indivíduos, dos grupos, das instituições, do Estado. Para que este esforço se possa realizar é que se torna necessário haver uma organização social em que se enquadrem os grupos, se distribuam os recursos e se promovam a instrução, a mudança de mentalidade, e o desenvolvimento da cultura"(51).

Assim qualquer programação e realização, depois de prescruadas e discutidas as necessidades, conta com a livre opção dos interessados, não só porque a dignidade da pessoa o exige, como ainda porque, no plano da simples eficácia, a omissão deste escrúpulo não contribui para a tomada das responsabilidades inerentes na base da desejada revisão e reforma de vida.

Além desta participação consciente da população, está na base da eficiência da técnica, também, procurar atingir "todos os aspectos da existência do indivíduo na colectividade - o educacional, o económico, o social, o religioso, etc. (52).

E mesmo se o nível económico duma região dispensar por



desnecessária qualquer tentativa para o melhorar, oferece-se ainda ao desenvolvimento comunitário um campo especial e merecedor de atenção: é o caso do D. C. de tipo americano, a "organização comunitária", que procura criar laços de cooperação entre as populações. "Os casos de aplicação deste método são principalmente bairros novos ou zonas semi-urbanas recentemente criadas, onde os indivíduos não conhecem uma integração social autêntica"(53). Socorrendo-se necessidades comuns pela criação de escolas, igrejas, parques, etc. "vão-se criando elos entre a população que passará gradualmente duma situação de anonimato à de mais alto nível de integração social"(2).

2.2. Os trabalhos de sociologia religiosa

A mesma preocupação de analisar as autênticas realidades locais e de lhes dar a resposta mais adequada pelo meio mais concreto possível, impulsionou os trabalhos de sociologia religiosa no campo da pastoral reformada.

"A Igreja é uma sociedade viva, a sua mensagem evangélica é uma doutrina de vida - escreve L. Cross, vigário geral de Marselha (54) - e são comunidades vivas que ela deve animar pelos seus sacramentos, a sua liturgia, as suas iniciativas apostólicas de todos os géneros".

A sociologia religiosa começou há alguns vinte e cinco anos e, especialmente nos últimos doze, dá os seus mais numerosos e valiosos frutos. As investigações fazem-se, primeiro, nas grandes áreas rurais da Europa; cabe depois a vez às cidades e outras têm lugar fora do continente, na África do Norte e na América. Aparecidas primeiro as cartas da prática religiosa, seguem-se-lhes os trabalhos sobre pequenos e grandes centros populacionais de 1950 até hoje. Muitas cidades da França, também alguns trabalhos da Espanha, da Itália, da Bélgica e dos Estados Unidos. Em Portugal, em 1956, fez-se a sondagem da assistência à missa dominical no patriarcado de Lisboa (55).

Sobre dezassete cidades europeias (56) (fora Strasburgo



cuja percentagem é de 40% e Liège que conta 28%) a prática religiosa conhecida por consultas dominicais vai de 15% a 22%.

Estas percentagens tão baixas de prática religiosa foram a primeira alerta dos estudiosos e dos pastores, porque deixavam antever a situação do cristianismo nos meios urbanos e suburbanos, mesmo onde as igrejas cheias... pareciam provar o contrário.

Outras observações e reflexões levariam os pastores a rever o seu trabalho.

Chenu, referindo-se às grandes cidades, sublinha e analisa o enormíssimo alcance humano e cristão da separação generalizada do meio da residência e do lugar de trabalho (57), que convida a pensar na necessidade premente duma pastoral de conjunto. A população, que antigamente permanecia o dia inteiro no território simultaneamente de residência e trabalho, vê-se hoje dispersa, durante a maior parte das horas do dia, fora dele.

"A integração na Igreja pela via paroquial não é unívoca, e no próprio seio de cada nível prático aparecem muitos outros modos de união à Igreja" (58). Mas, precisamente por isso - pareça, embora, paradoxal -, a paróquia viu-se como a única via para muitos de ligação à Igreja. O aparecimento e amadurecimento de outras organizações de acção e vida cristã, já não de base paroquial, contribuíram para definir os respectivos campos e acções.

Descobriu-se também que o nível de prática religiosa está profundamente ligado à situação económica e à posição social das camadas da população e dos sectores geográficos. Do inquérito em Saint-Pothin, refere Jean Labbens (59), "a prática religiosa do sector mais burguês é de 37%, enquanto que o sector mais proletário não conta mais de 6% de praticantes". E "se bem que a assembleia cristã é composta por metade de pessoas pertencendo à burguesia, esta não constitui senão 20% da população total e a classe operária, que constitui igualmente 20% da população, não forma senão 6% da assistência cristã" (59). Do mesmo modo, no inquérito à diocese italiana de Mantova (60), "da comparação dos cartogramas onde se lêem



os níveis de prática religiosa por grupos profissionais, ressalta a percentagem de 45-59% ou até 60-74% dos praticantes lavradores, a percentagem 35-44% ou até 23-34% dos comerciantes e artesões, a percentagem mais generalizada de 23-34% para os operários agrícolas e a percentagem que por vezes não ultrapassa os 20-24% para operários industriais". E conclui: "verifica-se que quanto mais se desce na escala social, mais a percentagem dos praticantes se torna fraca".

Destas verificações ressalta, primeiro, que se não trata só do abandono da prática religiosa por indivíduos isolados, ainda que muitos indivíduos, mas sim de inteiras camadas sociais, e assim "não são somente os indivíduos que é preciso cristianizar, é também o meio"(61); segundo, o baixo nível de vida e as dificuldades tantas vezes angustiantes não favorecem a prática religiosa e assim não se pode levar muito longe a exigência da Palavra, se simultaneamente se não faz todo o possível por elevar o nível económico e melhorar as condições de vida e trabalho dos mais desfavorecidos (62).

Verificou-se também que a quebra da unidade familiar é acusada pelas diferenças de prática religiosa (63) especialmente com repercussões na educação das crianças (64). Reciprocamente, podemos arriscar-nos a concluir, com Mendras, da importância da religião como "o factor mais importante de integração social"(65).

Por seu lado, o aumento populacional acusa quase sempre, um decréscimo da prática religiosa: "A relação entre o nível de observância dominical e o aumento populacional devido à imigração (carta da Bélgica por base de paróquias) é geralmente negativa; a prática mais fraca corresponde ao crescimento mais forte (falta de integração dos imigrados nas antigas paróquias...)" (66).

Daqui ressalta, quer a necessidade duma pastoral de conjunto que acompanhe a deslocação das populações e as ajude à rápida fixação e integração nos novos lugares, quer a necessidade de reestruturar o cristianismo tradicional, insistindo nas verdades essenciais, preparando os cristãos para o embate com o mundo laicizado.

A paróquia deve ser "uma comunidade de vida litúrgica,



uma comunidade de formação e informação, uma comunidade de ajuda fraterna, uma comunidade de dedicação e generosidade, uma célula local da civilização cristã"(67).

Na Bélgica também se observa "uma relação positiva entre a prática dominical e as regiões agrícolas, uma relação negativa entre regiões industriais com alta densidade da população e a prática religiosa"(68). Na Itália "a prática religiosa é ainda assaz boa nas zonas agrícolas e geograficamente isolada; oscila entre os 75% e 40% da população sujeita à obrigação de assistência à missa"(69). Numa outra paróquia (Burianó) com 961 habitantes, cujos homens trabalham em fábricas, os praticantes são apenas nove, isto é, 5% dos homens obrigados ao preceito"(69).

Finalmente (para só referirmos os aspectos mais importantes destas descobertas e das respectivas linhas de acção - - resposta) recordamos que a figura do padre tem sido alvo do interesse de alguns contactos com populações locais. "Os padres deveriam ser santos, mas duma santidade que serve os seus irmãos. Devem ser zelosos, menos tradicionalistas, adaptados aos tempos modernos; que eles não se interessem só pelas almas, mas também pelos corpos; que sejam menos conservadores, e partidários da justiça social. Que os padres preguem melhor, que preguem o Evangelho e não a política. No confessional, que sejam mais compreensivos e melhores conselheiros. Que nas suas relações com as pessoas, sejam menos ditatoriais, e mais "democráticos"(70).

Parece-nos que estas aspirações seriam bem adoptadas pelas populações dos nossos subúrbios ou qualquer aglomerado um pouco já industrializado.

2.3. Os "Movimentos" e "Obras" recentes

Ao lado dos trabalhos de investigação foram aparecendo e estruturando-se quer grupos de espiritualidade, quer movimentos, quer vivências, já por pequenas equipas, já por um só. Todas essas tentativas estão profundamente enraizadas na consciência aguda do nosso mundo novo.

Referimos algumas mais importantes.



Uma das que conquistou maior atenção e simpatia na juventude foi o testemunho de vida do Padre Foucauld, testemunho hoje continuado nas "Fraternidades": Viver a vida tal como ela se apresenta nos ambientes mais cruelmente desfavorecidos; reduzir a organização ao indispensável; apresentar-se sem cálculo, oferecendo-se sem programa.

Também os chamados padres operários conquistaram todas as atenções, umas apoiando outras discordando, mas ambas as fracções violentamente empenhadas na disputa de razões. Entrar nas classes trabalhadores de dentro, fazendo-se o padre um trabalhador manual como qualquer operário; testemunho sacerdotal dado lado a lado, numa vida de trabalho levada em comum. Embora com características especiais (veremos adiante) incluímos neste grupo a Obra do Prado.

Entre os movimentos contamos o Movimento para um Mundo Melhor: Reconhecido o descrédito das imensas obras dentro da Igreja, tantas vezes indiferente umas às outras quando não em oposição flagrante, o Movimento tem em vista criar o clima favorável à comunidade na celebração, à consciência do esforço realizado em comum e, daí, conseguir uma maior eficácia. Dentro dele, tipo especialização, o Fac preocupa-se com a revitalização da comunidade paroquial, recorrendo a um espírito e a uma técnica. Também os Cursos de Cristandade, experimentando uma técnica minuciosamente estudada, propõem-se proporcionar aos cursistas um meio de conversão.

A favor de qualquer um destes Movimentos ou tipos de acção, diremos que se impõe pela boa vontade dedicadíssima dos seus obreiros, por procurarem dar a resposta mais concreta e realista possível ao mundo de hoje (caracterizam-nos a actualidade) e por tomarem por desleixo imperdoável a não recorrência a uma forma actual de acção e até a uma ou várias técnicas que o mundo profano sabe usar com êxito. Reconheça-se ainda a consciência viva do estado empobrecido das estruturas tradicionais da Igreja.

Em desfavor de quase todos eles, diremos que parecem não acreditar na possibilidade de revitalização dessas referidas estruturas, empenhando-se mais em construir à parte, ou a contribuir indirectamente, do que em estudar os moldes novos em



que a Diocese, a Paróquia e a Acção Católica, sem nada perder e sem necessidade de nada pedir emprestado, se devem reencontrar.

Assim, é característica de alguns desses movimentos a pouca preocupação em descobrir as particularidades específicas de cada meio e situação, em descobrir os moldes originais de trabalho mais convenientes, em acompanhar as pulsações da vida da Igreja e do ano litúrgico, em substituir algumas vezes a oração oficial por fórmulas novas a pretexto duma maior eficácia, em, mesmo sem querer, quase pisar o risco (limite onde a liberdade de cada um é perdida) em insistir por vias sentimentais puxando pela afectividade, em não saber esperar pacientemente que a pessoa regressasse convencida por si própria e plenamente consciente... enfim, a tudo isto somado um desejo pouco sensato de eficiência, ou melhor: de eficácia.

Alguns escreveram no seu credo a certeza e a pressa de que chegou a hora de agir, e não mais de estudar, de aprofundar os trabalhos de teologia, liturgia e bíblia modernos e talvez a isso seja de atribuir a pobreza dum pensamento tantas vezes exposto, repetido e repetido..., recorrendo sempre aos mesmos exemplos, abusando de comparações superficiais.

Noutro âmbito bastante diverso situam-se as experiências-testemunhos. A flexibilidade que as caracteriza deve garantir, para futuro, a valia de todos esses trabalhos preciosos de pensamento e acção.

2.4. Alguns testemunhos: experiências tidas entre operários ou bairros proletários.

Em que consiste a resposta que se chama PARÓQUIA.

A experiência do padre dominicano Jacques Loew (71), em Marselha (fins de 1941 a 1943).

O livro de J. Loew ocupa-se com um "apostolado missionário que tende para a evangelização do proletariado, tentando responder duma maneira adequada e eficaz às necessidades verificadas e aos obstáculos encontrados"(72).

O autor foi o agente da missão entre proletários de Mar-



selha, durante dois anos.

Convém destacar dois aspectos que a obra nos oferece: primeiro, a lenta mas progressiva e segura amizade eficaz que se foi criando entre o padre missionário e seus vizinhos; segundo, as reflexões do P. Loew respeitantes à acção específica junto dessa gente.

Confessa a impossibilidade de fazer de fora seja o que fôr. Urge um trabalho dentro contra a miséria, material e espiritual, que conhece um só caminho: vivê-la. (73).

E assim fez: instalou-se entre eles como um deles; viveu paredes meias com a maior miséria. Se os primeiros contactos se fazem cheios de reserva e desconfiança, os laços de amizade vão-se estruturando progressivamente, até ao momento em que é tomado já como um deles. O primeiro escândalo no bairro é o aparecimento dum padre entre os pobres, um padre não confinado aos ricos (74). Poucos meses depois as portas abrem-se-lhe. Vive já na maior intimidade com uma família do bairro onde aprende a conhecê-los melhor e a servi-los conforme as oportunidades se oferecem. As conversas sobre temas até aí nunca suspeitados estabelecem-se naturalmente; a catequese é ensinada, contacto de pessoa a pessoa, aproveitando uma próxima primeira comunhão. A irradiação da presença do padre estende-se nas ruelas dos arredores: "Ah! se todos os padres fossem como o Senhor" (75).

Trabalhar pelas suas próprias mãos - conclui o missionário - primeiras condições para reencontrar o homem e salvá-lo (76) porque "a eficácia é proporcional ao contacto" (77).

Padre Loew vem dormir todos os dias ao bairro e apesar de o deixar cedo pela manhã, para só regressar à tardinha ocupado na cidade com questões económicas e sociais, consegue fazer parte da vida do bairro. "O facto de dormir, de estar no sentido jurídico e autêntico da palavra domiciliado no bairro, constitui uma enorme diferença com o que aconteceria se eu passasse todo o dia ao serviço do bairro, mas à tardinha me ausentasse para ir dormir ao convento" (78).

A própria ideia duma residência comum, onde a amizade pudesse tornar-se ajuda eficaz e adaptada às necessidades de cada um (79), só nasce na devida altura após o empenho cons-



ciente de muitos dos vizinhos. Tudo nasce se se pode contar com a colaboração dos interessados; absurda a tentativa piedosa de procurar resolver as necessidades de fora, meio que suscitará o desinteresse ou a repulsa pelo paternalismo que o informa. Só pela partilha da miséria, dos cuidados do trabalho, das injustiças, se pode atingir o homem na totalidade da sua vida e não só sob determinado aspecto (80). Observa o autor que "pedir alguns milhões para fazer um centro social e obtê-los é fácil; contudo é difícil convencer os patrões a rever a organização do trabalho"(81).

Terminando, o missionário redescobre a paróquia. O Padre Godin fez-lhe ver que o método dos contactos pessoais levaria, quando muito, a atingir cem ou duzentas pessoas ou famílias, mas não mais. Por outro lado, se a eficácia é proporcional ao contacto, também é certo que "será importante mais tarde fixar-lhe os limites"(82). "Assim cada vez mais a paróquia revela-se a grande realidade fundamental"(83). Realidade cuja actualização está no regresso ao essencial, às origens. "Logo que os meus vizinhos vão, por uma razão ou outra, à paróquia, encontram lá um santo padre mas não encontram uma comunidade paroquial para os acolher e sentem-se estrangeiros na igreja" (84).

A experiência do "bispo-operário" D. Alfredo Ancel em Lião (1954-1959).

Monsenhor Ancel, bispo auxiliar de Lyon, viveu cinco anos entre trabalhadores dos subúrbios lioneses, presidindo à acção duma comunidade mista - dois sacerdotes e dois irmãos leigos. Como superior dos padres do Prado e como bispo com responsabilidades especiais sobre os "padres-operários", sentiu-se inclinado a fixar-se em Gerland, um bairro no extremo Sul de Lião, em 2 de Outubro de 1954. Em 1963 conta-nos a sua experiência (85) num livro de quinhentas páginas que, por isso mesmo, dificilmente conservaria a frescura da obra do Padre Loew. Porém, algumas delas merecem atenção pelas reflexões preciosas de que estão cheias.

Uma das primeiras características diversificadoras da



missão em Marselha é a insistência na necessidade dum conhecimento tão perfeito quanto possível do mundo operário como "condição primeira de qualquer penetração missionária"(86). Todavia, como nota um dos seus prefaciadores, partiu para Gerland "não como sociólogo, nem explorador, nem repórter, mas como amigo" (87).

Dizia o Padre Chevrier, fundador do Prado: "Irei para o meio deles viverei a sua vida"(88). É este o ponto fundamental do programa, o espírito que o alimenta, a obsessão pelo mistério da Incarnação: o verbo fez-se carne e habitou entre nós (89). "Tem-se sobretudo insistido, no ponto de vista teológico, sobre o aspecto ontológico deste mistério: "O verbo fez-se carne" (João, I, 14), mas não se insistiu talvez suficientemente sobre o seu aspecto sociológico: "e ele habitou entre nós"(14). (90).

O autor ocupá-se, à laia de introdução, com a descrição da comunidade de Gerland - é para nós, aliás, a parte de maior interesse e valia do trabalho,. Ocupa-se, depois, com reflexões sobre a linguagem dos operários e os traços característicos da sua alma. Termina, reservando uma outra parte às reflexões pastorais, além de outros documentos pessoais ou não, inseridos na obra.

Ao prometer o relato sucinto da obra de Jacques Loew, dissémos que destacámos dois aspectos: a acção pròpriamente dita desenvolvida pelo agente da missão - ou seja o autor do testemunho vivido - e as reflexões ofêrecidas pelo autor do testemunho escrito. Este último aspecto, na experiência de Alfred Ancel, foi preenchido com reflexões à priori: as intenções tidas pela "comunidade" ao fixar-sé em Gerland. Não que o autor se furte ao trabalho de oferecer longas considerações sobre a experiência depois de vivida; no entanto, apesar delas ocuparem a maior parte do livro, estão expostas recorrendo a uma sistematização e, sob muitos aspectos, dum modo que não nos interessa de momento e assim as intenções de ponto de pártida coincidem melhor com o relato da missão de Marselha.

A primeira intenção do superior do Prado foi a revitalização do apostolado paroquial e da A. C., recorrendo a "um género de vida mais pobre e ao desprendimento cada vez mais



completo no exercício do apostolado de modo a fazer desaparecer os preconceitos populares contra a Igreja"(91). "No entanto, e sem contestar de modo algum o valor do apostolado paroquial e da A. C., perguntávamo-nos se não haveria outras iniciativas a tomar"(92). Confessa Monsenhor Ancel que de princípio não compreendeu como o trabalho manual do padre se integrava numa vida que devia ser unicamente sacerdotal. Assim, fez experimentar a acção duma pequena comunidade (um padre e um seminarista) em 1945-1946 instalada num quarto dum rua da cidade idêntico aos mais pobres do bairro. Porém, algumas semanas depois, "era obrigado a verificar que a pobreza e a conformidade no género de vida não bastava para integrar este padre e este seminarista no mundo operário"(1). Pela primeira vez se propôs experimentar, em determinadas circunstâncias, o compromisso do padre com o trabalho manual, caminho duma presença directa e mais viva no mundo operário(93).

Foi aqui que nasceu a ideia de participar pessoalmente numa missão. A comunidade instala-se em Gerland, onde ocupa parte dumã antiga fábrica vidreira, "simplesmente como teria feito uma família operária"(94).

"Mas não basta estar presente no bairro e aí trabalhar manualmente para que, imediatamente, se estabeleçam contactos. Aliás, sublinha A. Ancel, não temos querido agir à maneira dum padre de paróquia que vá visitar os seus paroquianos. Proibimo-nos qualquer contacto que não fosse um contacto natural" (95). E assim "foram precisos três anos para que fôssemos verdadeiramente adoptados pelo bairro"(3).

Ao mesmo tempo a comunidade vai aproveitando as oportunidades junto dos adultos atingindo os não cristãos. "Pouco a pouco um certo número de operários não praticantes mas abertos ao cristianismo habitua-se a vir à comunidade. Vinham primeiro dum modo individual contínuo, e não quisemos reuni-los antes que eles próprios o pedissem" (96). Nessa altura foi aproveitada a visita do Cardeal, estabelecendo-se o primeiro contacto directo dum grupo numeroso com a Igreja. Desta conversa nasceu a vontade de reunir de tempos a tempos para a continuar.

A influência vai alargando: duas primeiras comunhões de



adultos enquanto que outros vinham ocasionalmente à missa. "Cada vez mais, a nossa pequena comunidade tornava-se um centro de irradiação cristão da qual é impossível determinar a amplitude; ela era enfim para muitos um sinal verdadeiramente perceptível da presença da Igreja no mundo operário"(97).

A nota mais notável e coincidente com as conclusões finais do Padre Loew refere-se ao modo como foi considerada a comunidade conseguida: não como "comunidade definitiva, mas como comunidade intermédia e puramente transitória"(98), tendente à integração na paróquia. "Parece-me - escreve Alfred Ancel - que esta integração pode realizar-se em dois tempos: pode fazer-se primeiro pela ligação da comunidade à paróquia; pode fazer-se em seguida pelo seu desaparecimento na paróquia, quando o fim pelo qual foi criada tiver sido atingido"(99).

Convém notar ainda que "os factos põem problemas, mas não dão solução. É por isso que se quis, a partir dos factos, interrogar a Escritura e os documentos da Igreja afim de descobrir uma orientação pastoral que fosse ao mesmo tempo profundamente tradicional, no sentido mais elevado da palavra, e verdadeiramente adaptada (100).

Quais as causas que "determinaram a fundação de Gerland e quais os objectivos que prosseguimos"?(101).

Como todas as outras experiências deste tipo, tem, como base, ou ponto de partida, "a tomada de consciência cada vez mais dolorosa da separação que existe entre a Igreja e o mundo operário"(101).

Os elementos da comunidade missionária recorrerão ao trabalho manual como meio de mais eficaz inserção. O "bispo-operário" conseguiu autorização para trabalhar no domicílio, enquanto que os outros dois padres trabalharam em atelier artesanal e os leigos, com o tempo completo, numa fábrica.

O autor estabelece o paralelo entre as suas intenções e o programa de vida das comunidades Foucauld. Como elas, pretendiam também adoptar o género de vida e habitar entre os desprotegidos, mas, enquanto que naquelas se trata duma vocação, uma vida assim adaptada de forma definitiva, para o Prado constituía uma etapa preparatória para a vida pública (102). "Não admitimos pois o trabalho manual senão na medida



em que será necessário para que o padre seja verdadeiramente inserido no mundo operário. O padre que trabalha por suas mãos permanecerá unicamente padre, unicamente orientado para a sua tarefa sacerdotal" (103), porque "não vemos o trabalho manual como uma função normal do padre" (104). No entanto, confessa que só então "compreendeu o que se aprende progressivamente, cada dia, vivendo no mundo operário"(105), "aprendendo a ouvir"(106).

O testemunho do Padre Michonneau em Colombes
(Sacré-Coeur) (1941 e anos seguintes).

Cronologicamente, é o primeiro trabalho do tipo das experiências que atrás referimos e como tal parece que o devíamos ter inserido antes da descrição das experiências de Jacques Loew e de Alfred Ancel. Porque o não fizemos?

Se o testemunho é do tipo dos anteriores, e os objectivos equivalentes, já o caminho escolhido foi um pouco diverso: estamos perante uma obra puramente de pastoral paroquial, mais "confessional", diríamos, que as anteriores, mais clara nos objectivos, mais "tradicional" nos meios utilizados, mais profundamente eclesial. Por isso a guardamos para agora; quise-
mos referi-la em último lugar.

Pusemos já em evidência a tendência das experiências anteriores, por vontade dos seus agentes, em ordem à paróquia, à integração na Paróquia. Atrás, foi preciso, pelo menos assim pensavam os seus responsáveis, começar de mais longe; foi preciso começar com mais prudência: primeiro, uma presença quase tão comum como a dum novo vizinho; depois, uma amizade, quase tão natural como a dum velho vizinho; finalmente, e só então, para uma acção apostólica mais declarada, clara, objectivos ineludíveis, tendência para uma comunidade de fé, a paróquia: uma acção, portanto, para-paroquial ou pré-paroquial. Esta, agora, começa menos de longe: começa logo por ser "paroquial", sem alterar nada da "prudência" das outras, da paciência na espera, da austeridade, da pobreza e do desprendimento.

Foi por ser mais paroquial, repetimos, que a guardamos para depois.



Mas não porque a julgemos superior, nem sequer mais completa ou eficaz: Tudo depende das condições peculiares que se põem à missão e do modo como os seus agentes as descobrem e ajuizam. Porém, sem julgarmos, verificámos só: as outras (confessaram) tenderem finalmente para a paróquia. Ora se não queremos dizer que esta seja a melhor solução, queremos dar a entender que é a solução normal para condições não de todo em todo anormais e para estas, sim, a mais completa e eficaz.

O Padre Michonneau, não fez o livro "Paróquia, Comunidade Missionária"(107): teve um relator que o escreveu em colaboração consigo: Talvez por isso e talvez não só - nada nos diz, de directo, sobre o modo como a obra começou, como se desenrolou progressivamente e, em cada fase, quais os resultados obtidos. Conta, é certo, por exemplo, que o número dos praticantes tem vindo a crescer 10% por ano (pag. 28) e que foi sempre crescente (mostra com números) a presença dos rapazes e moças aos retiros pascais e o número das comunhões na manhã de Páscoa (p. 284), etc.. Mas também previne que "pedir um método apostólico que ele se prove por resultados tangíveis é querer medir os fenómenos espirituais com instrumentos de precisão". Aliás, qualquer esforço de boa vontade, mesmo que duvidoso, consegue tantas vezes resultados mais fascinantes... Aqui, a razão porque, como escrevemos acima, o livro nada nos diz concretamente sobre as fases e progressos da obra: foi uma obra vulgar, apesar da invulgaridade, uma obra comum como o deviam ser todas as outras paróquias.

Nada nos descreve directamente sobre o modo como nasceu, as intenções primeiro tidas e o desenvolvimento e amadurecimento da comunidade - "Não se procure, no que lhe vamos dizer, ordem cronológica; nem seríamos capazes de dar nenhuma"(p.124)- - porque, como já notámos, a vulgaridade do trabalho dispensa a explicitação sistematizada das intenções; mas oferece-nos, sim, e com forte originalidade, demoradas considerações sobre as preocupações que a paróquia deve ter, sobre as características da "paróquia missionária".

Apoiando-se nas opiniões e reflexões do Padre Michonneau vamos, primeiro, dar uma ideia do que se passa no comum das



paróquias e depois apresentar também a paróquia tal como ele a vê, a paróquia de face lavada, a "paróquia missionária".

No respeitante ao que se passa em quase todas elas consideramos os efeitos do conceito de paróquia igual ao meio paroquial (igual a grupo de ferverosos), para depois considerar as tentativas de pseudo-"missão" tão comuns numa grande parte delas.

(a paróquia coincidente com o meio paroquial)

Considera-se, senão teòricamente pelo menos na prática, que a paróquia é um meio paroquial, aqueles já devotos ou ferverosos que frequentam habitualmente a igreja, são amigos do Sr. Abade e dão dinheiro para as obras.

"Julga-se a paróquia pelos contactos com a igreja e com a sacristia, ou então em vista aos pais dos meninos do catecismo e do patronadô, ou com os que vêm para se casar" (p.34). A prática religiosa, e a medida do seu cristianismo, confina-se à vida à Missa e passar pela sacristia, "o lugar da administração eclesiástica, uma réplica da prefeitura municipal" (p. 130).

Quanto à organização, e muitas se contam impecavelmente organizadas, estrutura-se uma preocupação contínua de "defesa". "Compara-se a Santa Igreja com uma mãe muito precatada que, para impedir que seus filhos enveredem por meios perigosos, guarda-os dentro de casa em estado de infância ou de pseudo-inocência que lhes não permite ser homens..." (108).

(pseudo-missão)

O padre julga-se o animador profano insubstituível do grupo paroquial. "Certos padres "triunfam" prodigiosamente no ministério por terem talento de cantores, encenadores, organizadores, até mesmo de desportistas e regentes de teatro. Dir-se-á "prendado" o padre que possuir esses dotes exteriores" (p. 128).

Uma das mais comuns preocupações, confiantes nos prodígios das boas e vastas instalações paroquiais, é a "doença da



pedra", como lhe chama o P. Michonneau, que os leva "duma paróquia a outra, passando a vida a construir" (p. 204). "Ao sair duma visita na qual o pároco lhe mostrou com orgulho as belas salas que acabava de construir, um padre, de índole zombeteira, diz-lhe: "Afimal, só falta mesmo enchê-las". - Isto mesmo, responde cãndidamente, só falta enchê-las" (p. 204).

Depois das vastas instalações vem a tentação dos espetáculos: o cinema, o teatro... mas "na maior parte dos casos perde-se tempo e não se atinge o alvo" (p. 114). O teatro de "elenco paroquial" desperta vaidades, ocupa tempo precioso nos ensaios para conseguir meros "números de patronato" (p. 116).

Noutros lugares, as peças são originárias de "intelectuais" que se julgam empenhados na "educação e salvação do povo". Conta o autor: "os artistas, os burgueses, os estudantes, no salão à saída, babavam-se de admirações exclamando: Eis a restauração do teatro popular e o nossó povinho a acotovelar-se dizendo: "Por quem essa gente nos toma"! (p. 220).

Finalmente, ainda na preocupação de atingir um maior número, recorre-se às "missões paroquiais": acções passageiras, que lhes falta a permanência demorada, porque "deviam fixar-se num território não algumas semanas, mas vários meses, até mesmo um ano ou dois" (p. 238).

(a paróquia-missionária)

Prometemos apresentar em seguida a "paróquia missionária" tal como a vê o pároco de "Sacré-Coeur", em Colombes.

"Incumbe à paróquia ser missionária". (p. 37). Como pode e como deve a paróquia ser missionária? Michonneau caracteriza dois tipos distintos de fazer cristandade. "Há no apostolado, diz, duas grandes tendências que poderíamos esquematizar por estes dois títulos: há os "salvadores de almas" e os "fundadores de cristandade". Os primeiros vêm, antes de tudo, a salvação individual das almas que urge garantir por todos os meios possíveis, quer se trate de meios improvisados, quer de amplas redes destinadas a atrair ou conservar no bem as mul-



tidões de moços e velhos. O que conta para eles é o número de almas que serão salvas no último dia, é garantir o arrependimento final do maior número possível. Pescam de anzol ou de rêde, mas o que os preocupa acima de tudo é o número de peixes para a captura celeste, o que os atormenta é o pensamento do número imenso dos que se decidem à eterna perdição. Os fundadores de cristandade - continua - certamente não desviavam os olhos desse espectáculo, porém a sua principal observação é o pensamento do "reino de Deus" que urge desenvolver. Pensam mais em bloco, mais "comunitariamente", e o objectivo da sua inquietude são os imensos circuitos de vida cristã que quereriam lançar através da sociedade. A sua angústia é o espectáculo das massas que escapam à influência cristã; o seu sonho, reconstruir uma sociedade cada vez mais imprégnada de cristianismo.

Se os outros, consoante expressão já corriqueira, vão à pesca com anzol ou com rêde, estes sôham mudar a água em que nadam os peixes"(79).

Já notavam os padres Godin e Daniel (109) e insiste nisso Michonneau, a impossibilidade de atrair ao Cristo, individualmente, cada um dos homens destes meios: ou virá o grupo todo ou não virá nenhum deles (p. 31). Assim compreendemos a razão porque a paróquia não é o meio paroquial mas todos aqueles que residem no seu território (ps. 33, 34 e 35).

Para fazer cristandade há que saber apresentar o Cristo. Sabemos bem que as populações "deixar-se-iam de bom grado seduzir pela mística do cristianismo", mas não nos esqueçamos que "são decididamente rebeldes às práticas religiosas"(p.29), porque não compreendem "os nossos ritos, os nossos dogmas, as nossas categorías" (p. 30). Lembra o autor: "convidar à prática religiosa pessoas que não têm o sentido cristão, é fazer cálculo errado, é contar as presenças na Igreja para julgar dos progressos ou dos malogros de uma evangelização em andamento (ps. 30 e 31). "O nosso povo ainda está ao nível dos tempos apostólicos em que era mister apresentar o Cristo, atrair para reuniões muito espontâneas, convencer e "envolver" antes de organizar e sujeitar (p. 306). E por isso mesmo "urge apresentar-lhes um cristianismo muito mais puro, muito mais



espíritual, se assim se pode dizer, muito mais desinteressado: algo por encarnar em sua vida e ainda não encarnado em organizações já prontas. Apresentar-lhes o Cristo, o Cristo sem mais, em toda a sua beleza, em toda a sua grandeza e amor, mas sem o revestirmos de qualquer espécie de uniforme; o Cristo que eles próprios integrarão em sua vida, que eles próprios encarnarão em sua existência quotidiana. Não pelas obras, e sim pela palavra, pela convicção profunda, pela exposição clara da narrativa evangélica. Melhor ainda: é mister para isso que uma alma se entregue a outra alma, que se narre a si mesma, diga a sua própria existência, suas próprias descobertas, projecte o seu clarão sobre as dúvidas e incertezas da outra" (p. 126).

(as obras)

Michonneau reconhece os serviços prestados por muitas dessas obras que pululam em todas as paróquias, mas sabe também alertar os interessados pelos custos elevados na sua manutenção em dinheiro, tempo e energias (p.75).

As obras de lazer absorvem o padre ocupando-o a guardar crianças e a distrair rapazes (p. 85). Estes crescem muitas vezes num ambiente rarefeito, quente mas artificial, que muito pouco contribuirá para o desempenho do seu papel, mais tarde e desde já, no mundo. Quanto às crianças, escreve o autor: "o nosso grande princípio é nada fazermos que possa dar às famílias a ideia de que se podem desobrigar, à nossa custa, do cuidado de velar por elas e ocupar os seus lázeres" (p. 150).

As obras de assistência burocratizam-se no aspecto primário de ajuda material, quando cabe ao "Estado, porque tem o encargo do bem comum temporal, utilizar os meios poderosos de que dispões no mundo moderno em proveito dos necessitados"(p.104).

O objectivo em vista é "estabelecer a paróquia missionária" e não fundar qualquer tipo de obra que, pergunta, "não se tornaram, de maneira muito subtil e sem que o percebessemos, obstáculos tanto quanto meios"? (p. 81).

Um dos maiores entraves postos à pastoral são as questões relativas ao dinheiro. Ou porque se sorvem grandés quantias em



construções, aliás, "onde quase não progride a obra de Deus", ou porque a manutenção das actividades de numerosas obras as requerem, muitos párocos não fazem outra coisa senão pedir desde os processos de porta em porta, até às próprias homilias. Os próprios sacramentos parecem coisas que se compram; os casamentos e funerais não são iguais para todos. Deste estado de coisas foi-se estruturando a convicção que "a religião é questão de dinheiro" e de tal modo essa ideia tornou foros de comum que a visita do pároco, ou qualquer leigo mandatado por ele, significa pedido de auxílio material e consequentemente leva as pessoas "a procurar na carteira ou na gaveta" o óbulo, mesmo se as visitas se não destinam a isso.

Um dos primeiros trabalhos será desfazer essa ideia e reconduzir o dinheiro ao lugar próprio. Só assim a paróquia poderá trabalhar. E mesmo "quando um vigário de subúrbio houver vencido o dinheiro na sua paróquia, não terá triunfado enquanto esbarra nesta objecção: "Sim, mas... o Sr. é uma excepção; veja o que se passa ali... e lá..." (p. 203). Passa-se que se fala "de dinheiro na cátedra da verdade", se fazem "distinções entre o rico e o pobre", se não "reduzem as collectas" (p. 206 e 207).

O clero, conclui o pároco de Sacré Coeur, "faria bem em confiar aos leigos cristãos o encargo das obras de caridade, sob todas as suas formas" (p. 208) e saber guardar-se para "viver intensamente o seu sacerdócio" (128) e para "dar o escândalo de alguma coisa que se não paga" (p. 198).

Os principais meios ao serviço da "paróquia missionária".

(as obras de propaganda)

As obras de propaganda "na perspectiva missionária", que é a nossa, ocupam um lugar à parte. Se há obras, por definição, missionárias, estas o são por certo" (p. 106).

Michonneau insiste na utilização do "impresso, sob todas as suas formas. O jornal, o folheto, a brochura, o livro, o cartaz" como meio previligiado de atingir muitos que de outro modo estariam longe (p. 106). Crê na "eficácia da folha volante que se lê facilmente e cujos termos, poucos e bem esco-



lhidos, nitidamente se imprimem no espírito" (p. 109), de modo que " os que recebem, quando ridigidos de certa maneira, creem-se fàcilmente diante duma certa carta pessoal"(p.109). Importa compô-los de modo a colocarem-se em cheio na vida do povo, unindo-os consoante as oportunidades. (p. 114).

(outros contactos)

Além destes contactos à distância, outros os reforçarão, desde as visitas aos paroquianos nos grandes dias, desgostos ou alegrias (p. 133) ou na própria sacristia e escritório do pároco tornados o mais acolhedores possível (p. 130).

(a liturgia)

Ainda maior força oferece uma "liturgia viva e missionária". "Se quisermos que (os cristãos) não desertem da igreja, é mister que vivam nela, que não bocejem; e se quisermos que sorvam o dinamismo necessário para que se tornem militantes, importa que as cerimónias desenroladas na igreja lhes dêem o verdadeiro senso cristão (p. 49), e "para se tornar viva e conquistadora, deve a nossa liturgia ser, antes de tudo, comunitária"(54).

(realizações originais no âmbito do apostólado directo)

Não basta aguardar que os cristãos venham à igreja, é preciso ir ter com eles, procurar os homens e encontrá-los nos seus próprios bairros. Recorre assim a acção de militantes de cada bairro e por cada bairro, depois de dividida a paróquia em sectores geográficos. No primeiro ano fizeram-se reuniões gerais para cada um, os quais promoviam as actividades que entendessem (uma festa num deles). "O segundo ano começou por um pequeno congresso paroquial dos diferentes bairros" (p. 154). Houve esse ano reuniões de militantes muito regulares; foi um ano de organização. O terceiro foi sobretudo marcado pelas reuniões no domicílio. "Cada um oferecia a sua



casa para tais reuniões". Fizeram-se muitas delas durante a Quaresma com a comparência de 10, 15, 20 ou mais pessoas à volta de temas, muitas vezes, propostos por elas. Nas férias, o clero da paróquia fez missões de quinze dias para cada bairro. E conclui: "o que denominamos "missões" não é um acto extraordinário mas normal de apostolado do clero paroquial e de esforço de conquista para os militantes" (p. 147).

(espírito de colaboração e equipa)

Não deixa o autor de se referir ao aspecto muito importante de qualquer trabalho sério e complexo: o espírito de colaboração e equipa que deverá unir todos os obreiros. "Formar equipa - diz - é querer em conjunto, pensar em conjunto, trabalhar em conjunto, progredir em conjunto, corrigir os resultados em conjunto, comprometer-se em conjunto, alegrar-se em conjunto" (p. 268).

A equipa acompanha o decorrer da semana, recorre a gráficos que testemunhem os resultados do seu trabalho e tem consciência que "formar equipa significa ainda: fazer conjuntamente a crítica da nossa acção comum" (p. 273).

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
(enfim, a paróquia)
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

A pouco e pouco vai-se construindo a comunidade e a sua vida é o melhor testemunho. "Cremos - conclui o padre Michonneau - poder dizer sem pretensão que entre nós o clero e os cristãos são simpáticos, e os mais afastados da prática católica olham a igreja com interesse. É coisa admitida por todos que as cerimónias são belas, compreensíveis, populares, todos são bem recebidos, bem aceites" (p. 285).

"Está disposta a paróquia a aceitar, é seu dever aceitar todo o auxílio que lhe vier de fora" (...) sejam porém quais forem essas novas forças, por generosas, eficientes, hábeis que sejam, necessárias e indispensáveis, a verdade é que a paróquia representará sempre a maior força" (p. 40).



3. PARÓQUIA

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

"A Igreja pré-conciliar fazia-se notar pelo seu carácter altaneiro, pelo seu conformismo, pelo seu puritanismo, por um moralismo fácil. Era, para falar com franqueza, extremamente maçadora, endomingada, hirta, falsamente solene. O catolicismo fazia bocejar crianças e adultos. A Obediência passiva estava quase a tornar-se uma virtude cardeal e a ignorância já não fazia escândalo".

(Henri Ferquet. Roma Converteu-se?
Morais Editora, 1967, pags. 169-170)



3.1. Definição

"Paróquia vem do grego paroikía. Dizia-se que alguém estava em paroikía, quando morava fora da sua terra" (110).

"Abraão começa a grande peregrinação do povo judaico. Deus promete-lhe uma Terra, Símbolo da Terra definitiva. Abraão e o seu povo serão sempre os habitantes "estrangeiros"; constituirão uma paróquia, isto é, uma comunidade de peregrinos que vivem numa terra emprestada" (111).

Tal é neste mundo a situação do cristão: como diz S. Paulo, o homem não tem morada permanente (Hebr. XIII, 14).

Mas "não é somente cada cristão que é estrangeiro e peregrino neste mundo, é toda a comunidade: A paróquia é pois, no sentido bíblico, não a comunidade de pessoas que vivem à volta do lugar de culto, ainda menos um distrito territorial, mas uma comunidade de fé que vive neste mundo como estrangeira, sem direito de cidadania" (112).

No sentido sociológico, litúrgico e pastoral, a paróquia constitui uma família. Assim, desde os primeiros séculos, a palavra entrou na linguagem administrativa da Igreja. "Devia, no entanto, decorrer ainda muito tempo até que ele se fixasse no significado preciso e determinado que hoje lhe atribui o Direito Canónico" (113).

A Paróquia é uma parcela territorial distinta, parte da Diocese. Pelo Direito Canónico (Cânon 216), caracterizam-na quatro elementos essenciais: o território, área circunscrita por limites precisos; a População, ou sejam as almas que residem no referido território; o pároco, sacerdote próprio enviado como pastor; e uma igreja própria, onde se exercem as funções paroquiais.

Nota Mons. Alerado Mazzoli (114): "Resulta, portanto, que na estrutura jurídica (ainda em vigor) da paróquia, o princípio básico é o elemento territorial: o domicílio continua a ser o vínculo natural que liga os homens de um determinado território a uma comunidade paroquial. Mediante o elemento territorial, a paróquia adquire plena objectividade: o factor determinante para a comunidade não é uma ligação subjectiva a este ou aquele sacerdote, mas a ligação objectiva



com Cristo de todos os baptizados pertencentes territorialmente à paróquia".

3.2. Origem

Se a paróquia não é, à luz da história, uma instituição divina, podemos tomá-la, à luz da fé, como criação do Paráclito. Não foi criada por Cristo nem sequer foi definida desde os primeiros dias pela autoridade eclesiástica: haviam de a propôr e compôr as necessidades dos povos e as urgências e eficiências da Missão da Igreja.

A história das paróquias está ligada às cidades desde o mais remoto passado; "o cristianismo primitivo foi, como afirma Chelini, um fenómeno quase exclusivamente urbano"(115). Nos primeiros tempos do cristianismo, o bispo era assistido pelos presbíteros e diáconos. Assim, já no século II, Roma contava com lugares de culto mais ou menos autónomos onde se administrava a Eucaristia, evitando-se aos fiéis a deslocação frequente à sede episcopal. Se ainda aí não temos paróquias, já as primeiras necessidades se impunham e as desenhavam.

No entanto, não é normal que as cidades se dividam tão cedo em parcelas pequenas. "O volume geralmente medíocre da população faz com que na maior parte das cidades, do III ao IV século, o território da cidade e a administração episcopal coincidam sem que seja necessário subdividir a cidade numa série de unidades religiosas secundárias" (116).

A princípio chamou-se paróquia à própria diocese para evitar confusões com o direito civil. Em documentos de cartórios portugueses, expedidos da Cúria romana, conta Miguel de Oliveira (117), ocorre a palavra parochia na acepção de diocese, ainda no século XII.

"Nenhuma distinção, escreve por sua vez Chelini (118) durante séculos, do V ao XI pelo menos, entre diocese e paróquia".

O fenómeno da multiplicação das paróquias desenha-se melhor nos meios rurais do que nas grandes urbes. Estas, durante muito tempo, estiveram exclusivamente a cargo directo



do Bispo, único pastor. Porém, nos meios implantados fora das cidades, urgia uma acção adequada e próxima, não compatível com as distâncias à Sé. "No princípio do século IV já o concílio de Elvira fala em presbíteros e diáconos que desempenhavam ministérios, sem a presença do Bispo, junto do povo" (119). Vão-se formando as primeiras paróquias, ainda dependentes da igreja-mãe da cidade, nas comunidades rurais mais distantes.

É o quinto século que nos traz as primeiras igrejas paroquiais; dois séculos depois, multiplicam-se. A autoridade dos ministros, delegados do Prelado, cresce progressivamente, primeiro a administração do baptismo em tempo pascal, depois a obrigatoriedade da pregação. Mesmo assim, as funções estavam ainda bastante limitadas à preparação dos fiéis para as visitas pastorais. A autonomia posterior e a redução do Bispo ao papel de mero administrador central, estava reservada nas cidades para o século XI (120).

Quanto ao fenómeno da Península, recorremos a Miguel de Oliveira (121): "No século VI, depara-se-nos já uma organização paroquial, tanto no território de domínio dos suevos, como no dos visigodos" que conta limites definidos.

No século VII, os muçulmanos fizeram desarticular a organização eclesiástica, que só reaparecerá mais tarde, aliás bastanté diferente: o território da paróquia já não abrange um extenso distrito mas apenas uma vila, entendida agora como aglomerado populacional.

As grandes áreas das primeiras paróquias são divididas e os oratórios, igrejas e mosteiros de cada vila tornam-se sedes dessas pequenas unidades.

3.3. Evolução

Das mãos dos Apóstolos que receberam directamente de Cristo o poder de evangelizar e baptizar, as pequenas comunidades vão passar a ser conduzidas pelos sucessores. Criam-se os bispos, presbíteros e diáconos.

"A partir do século II, o bispo é o senhor, o liturgo e o pastor da igreja local, com os presbíteros como conselho ou



Senado. Pelos fins do século III, o bispo celebra a Eucaristia rodeado dos seus padres..."(1). "Com o tempo, estas Igrejas locais, chamadas frequentemente paroikía, e presididas por um bispo, dividem-se em pequenas comunidades confiadas a um ou mais padres" (122).

No entanto, a plenitude do Ministério pertencia ao Bispo. Multiplicadas as comunidades, ora rurais ora urbanas, onde começam a faltar os suficientes lugares de culto, constituem-se novas paróquias.

Com Constantino, o sentido jurídico de paróquia ganha terreno.

No século VI celebra-se a Eucaristia nas igrejas locais embora o baptismo seja ainda administrado na sede episcopal. Sob a acção de sucessivos sínodos, fixam-se os limites paroquiais e os poderes dos bispos e dos padres. A estes cabe o direito de evangelizar e baptizar.

O carácter jurídico apaga quase por completo o sentido bíblico, e fala-se em beneficium. Sentem-se as ambições e reivindicações quer do clero secular, quer do clero regular.

Estávamos no princípio da Idade Média. O terreno muda-se do Mediterrâneo para o centro da Europa. Os bens das igrejas locais multiplicam-se e constituem objectos de cobiça do poder civil. Pelas fundações e doações, os leigos interferem fortemente no âmago eclésiástico. Seculares e religiosos discutem a propriedade dos benefícios paroquiais.

"A unidade religiosa medieval estava já minada muito antes da aparição de Lutero" (123).

Pressente-se um mal estar geral na vida da Igreja. "No século XV multiplicam-se os altares e as missas privadas, o que rompe a unidade da comunidade paroquial. A consciência individual desperta ao mesmo tempo que se apaga a consciência comunitária e a grande corrente do tempo, o humanismo, situa o homem no centro de tudo" (124).

Após a primeira reacção positiva ao Protestantismo, a Contra-Reforma toma a cor anti-protestante. O concílio de Trento debruça-se sobre a paróquia e fixa os poderes dos bispos e presbíteros.

As polémicas entre católicos e protestantes leva aqueles



a insistir no sacramento, esquecendo a palavra para segundos planos, "ainda que a liturgia não seja nem bem compreendida nem bem vivida pelo povo" (125).

Nos séculos XVIII e XIX conhece-se a secularização começada pelo iluminismo e terminada na Revolução Francesa.

O catecismo preocupa-se com o método; a liturgia torna-se serva do ensino e este conhece uma forte tendência moralizadora (126) que toma o lugar da fé. Contudo, as primeiras reacções fazem-se sentir sem grandes frutos. Tenta-se renovar os estudos bíblicos.

"A situação da paróquia no século XIX caracteriza-se, por um lado, pela influência absolutista do Estado e, pelo outro, pelas transformações de ordem social vindas do desenvolvimento da técnica. O problema da pastoral paroquial nunca foi tão agudo em toda a história da Igreja como a partir do fim do século XIX" (127).

O individualismo domina a paróquia. Um ritualismo substitui a religião em espírito e verdade. "A Bíblia era um livro desconhecido, perigoso e ininteligível" (128).

"Durante este tempo, a paróquia, deixada a maior parte das vezes na sombra, não representava senão um fraco papel nos acontecimentos e nas correntes de ideias da época" (129).

É esta a herança das nossas paróquias de hoje cuja vida exprime bem as vicissitudes, os caminhos em zig-zag e os desvirtuamentos experimentados nos últimos anos.

A Paróquia atravessou os tempos ora com mais felicidade e adequação às estruturas sociais, ora com menor; mergulhou nos séculos de humanismo individualista onde praticamente se dissolveu e, em formas já anacrónicas, experimenta o embate do vertiginoso aumento populacional e dos movimentos migratórios que varrem o seu território, ambos pondo em causa a justiça dos seus velhos limites, hábitos e devoções.

3.4. Situação actual

Estamos na primeira metade do século XX, com a paróquia morta ou agonizante, salvas algumas excepções de meios fora da revolução moderna, ou aquelas que foram objecto de zelo



especial de algumas comunidades sacerdotais com auxílio laical. Foi preciso que o escândalo da descristianização em massa, verificada nas novas cidades e arredores das antigas urbes, apelasse para a sua revitalização.

Quer em trabalhos teóricos, quer em experiências práticas, numerosos estudiosos e trabalhadores comprometidos debruçam-se sobre a estrutura da paróquia, sobre os fenómenos sociais que a condicionam, sobre as razões que a dissolveram. Os censos populacionais chamaram a atenção para um dos primeiros factores de desvirtuamento das velhas comunidades: o número de habitantes de algumas paróquias ultrapassa os limites razoáveis de cidade satélite. O povo perde o contacto recíproco e o contacto com o pároco. Por outro lado, o estudo da constituição socio-profissional acusou a não coincidência - fenómeno moderno - do lugar de trabalho com o lugar de residência. O passo inicial para a não fixidez das populações foi dado pelos frequentadores das universidades e centros de cultura ou preparação científica da Idade Média. Além dos estudantes, o incremento do comércio leva fortes contingentes populacionais, dedicados a este ramo de actividade, a deslocarem-se, ou para se fixarem noutros pontos ou mantendo-se em viagem permanente. O desenvolvimento das cidades levou ao trabalho mais especializado e este àquelas, resultando daí o aumento considerável do escalão de vida moderna: o trabalho e parte dos tempos livres (relações e instituições de vária ordem) fazem-se fora do lugar de residência (130).

Foi-se esfumando a consciência de que cada um fazia parte dum todo e trabalhava nele e para ele. As relações entre indivíduos estabelecem-se cada vez mais a partir de idênticos laços de preparação e de trabalho e assim vai-se diluindo a influência do meio geográfico para dar lugar aos grupos de carácter sociológico.

Longe, cada vez mais, dos lugares de culto próprios, os paroquianos daqui ou dali já não frequentam a sede mas sim a capela ou a igreja que as ordens religiosas vão construindo.

Entre nós, constrói-se muito no século XVIII e são essas igrejas (e outras pouco posteriores) que vêm prestando os necessários serviços à população e, embora a maior parte delas



não sejam sede de paróquia, foram bem suficientes até há poucos anos.

Já o mesmo se não verifica nos arredores das cidades. Aí, praticamente, nada se construiu quanto a novos e espaçosos lugares de culto. Daí, a situação particularmente difícil dos subúrbios: se a paróquia esteve e está agonizante na cidade, nunca existiu no subúrbio.

Os padres Godin e Daniel, na sua popularíssima e decisiva obra "A França lugar de missão?", classificam o país em três regiões: de cristandade, não praticantes mas de cultura cristã, e de missão.

O primeiro tipo é bastante comum entre nós, especialmente nos meios rurais. Caracterizam-no uma população composta de indivíduos, no íntimo pouco cristãos, mas agindo e exprimindo um cristianismo "sociológico", com estruturas e instituições tradicionalmente cristãs, por vezes aparentemente vivas é activas mas cuja vida privada não tenta acompanhar as novas exigências do século, não procura a conversão quotidiana, nem se preocupa com a sua irradiação ou o conhecimento dos problemas dos outros fora do seu meio. Ainda neste tipo, podíamos incluir aqueles sectores de habitantes das cidades, ligados regra geral a uma classe ou a um nível económico e estilo de vida, que já não conhecem vida de grupo mas se limitam à prática individual.

Séguem-se-lhe as regiões de não praticantes mas de cultura cristã, muito comuns entre nós em alguns meios mais povoados e industrializados. Aí, são numerosos os baptizados, são frequentes os tipos de prática religiosa caracterizados pela procura dos serviços da Igreja apenas nos três momentos maiores da vida - nascimentos, matrimónios e funerais. Quando muito, vê-se ainda a acorrência à igreja por altura das grandes festas, mórmente à "desobrigá", e outros, ora este ou aquele, ora hoje ou amanhã, frequentando ainda a missa dominical quando o bom tempo, as poucas preocupações ou a boa disposição o permitem.

Finalmente, também as nítidas regiões de missão, onde tudo está por fazer desde o início. Alguns concelhós do centro e do sul do país são casos desses.



No segundo grupo, queremos incluir a situação dos arredores da cidade do Porto. Urge que aí nasça e se fortaleça um espírito missionário, mas também, porque a existência de cristãos afastados ou simplesmente dispersos o requer, impõe-se a vinda dum pastor. Não só eles como até os não praticantes destes meios reclamam também o padre, pois não compreendem nem aceitam que qualquer acção seja começada sem a presença dele, tido como algo que a torna clara, confessional.

3.5. Actualidade: discussão e conclusão

Pergunta Mons. Mazzoli: A estrutura jurídica da paróquia, dada a fluidez ou a pouca fixação das populações aos lugares como outrora, estará ultrapassada?

Nota Gama Barros (131) "o anexo que a paróquia só por si, estabelecia entre os seus moradores", não apenas moralmente, mas até, "como primórdio de organização local". Parece ter sido esse "vínculo paroquial" um dos elementos que contribuíram para a criação das unidades administrativas (132).

"Pode repetir-se da paróquia portuguesa - acrescenta Miguel Oliveira (3) - o que Imbart de la Tour escreveu a respeito da francesa: - Além de unidade religiosa, foi a unidade social por excelência ao ser o legitimus conventus da população cristã; sobre ela assentou na Idade Média todo o edifício social ou religioso de modo "que a freguesia é constituição de ordem religiosa" (133).

Voltemos ao trabalho de Aleardo Mazzoli.

O cardeal Tardini afirmava em 1960: "O movimento pastoral está empenhado, segundo a urgência e vitalidade do problema, na renovação da paróquia em consequência das novas formas de vida: formas que se apresentam com ritmo e características insólitas. Renovação não é supressão. Permanece a vitalidade da instituição paroquial e o ministério pastoral de nenhum modo perdeu a sua forma de atracção e comunicação..." E o cardeal Van Roey, primaz da Bélgica, sustenta que "o remédio mais eficaz contra a descristianização das massas, e o primeiro que se deve aplicar, é a construção dum centro paroquial com a igreja e as obras paroquiais adequadas, em todos



os lugares onde o bem espiritual dos fiéis o exige..."
(Malines, 1952).

Também Paul Winninger, superior do Seminário de Strasburgo, se refere à vitalidade da instituição paroquial: "Nenhuma técnica moderna, nem a imprensa, nem o cinema; nenhum conhecimento, nem inquérito, nem sondagem; nenhuma presença nem na oficina, nem na família; nenhuma iniciativa, nem temporal, nem espiritual; nenhuma acção; nenhum estudo litúrgico; nenhuma missão nem regional, nem local; nenhuma arte nem sacra, nem profana; nenhuma cerimónia nem solene, nem íntima; nenhuma pregação; nenhum movimento, nem de jovens, nem de adultos; nenhuma beneficência, nem de alimentos, nem de dinheiro; e ousar dizer, nem a própria santidade activa ou contemplativa, conseguirão penetrar as massas urbanas se nos não submetemos à natureza das coisas, isto é, ao estabelecimento daquela comunidade fundamental que já agora tem 2.000 anos de vida: a paróquia (134).

Conclui Mons. Mazzoli: "a paróquia permanece ainda hoje como agente missionário mais eficaz, o factor insubstituível da acção cristã, embora a instituição paroquial, para que permaneça vital, deva renovar-se, adaptando-se às exigências da nova realidade social."

O autor também nos oferece uma síntese tratando das "correntes e opiniões sobre a estrutura moderna da paróquia". As soluções apresentadas divergem menos quanto à atitude que as informou e mais quanto às realidades peculiares em que foram encontradas. É por isso que o autor distingue a forma europeia e a forma americana.

M. Denis Szabo (francês) - A Paróquia na estrutura ecológica da cidade - observa, primordialmente, quanto a paróquia já transcende a velha estrutura familiar e se deve adaptar ao mosaico social onde cada pedaço se impõe com sua estrutura própria socio-cultural. Não faz sentido vê-las ainda quais famílias isoladas e reunidas em torno do respectivo chefe sem se aperceberem da realidade social que as obriga a submeter-se às condições ecológicas da grande cidade.

F. Arnold (alemão) - Comunidade de fé - assumindo uma posição contrária à de Szabo, sublinha o carácter comunitário



e eclesial da paróquia. "O regresso a um conceito teológico da paróquia, preparado por grande teólogos como Seiler, Mochler, Seeben, Franzelin, e desenvolvido por outros tantos insignes pastoralistas como Hirscher, Graf, Amberger, Swoboda, leva a olhar a paróquia como uma realidade que pode ser concebida, nem apenas sociològicamente, nem apenas juridicamente, mas teològicamente, partindo da verdade que o Verbo se fez Homem e a igreja é o corpo de Cristo".

E. J. De Swet (belga), bispo de Burges, insiste na realidade de vizinhança, chamando a atenção para o bairro, onde uma pastoral deve ter como base a vida de relação aí descrita para que seja eficaz e corresponda às exigências do apostolado moderno e ao que dele aguarda o mundo actual.

Houtart (belga), director do centro de pesquisas socio-religiosas de Bruxelas e uma das individualidades mais ligadas às actividades em roda da sociologia religiosa, insiste como Swet na unidade do bairro como factor perfeitamente correspondente ao conceito sociològico de paróquia, depois de preconizar o cuidadoso estudo socio-geográfico das áreas urbanas, a partir do qual se estabelecerá o planing paroquial.

P. Winninger, no seu famoso livro "Construir igrejas", levanta o problema crucial da falta de igrejas e sustenta que a construção de novos templos, quantos necessários e onde necessários, é o elemento insubstituível, base do organismo paroquial e de recristianização.

Já fora da Europa, na América do Norte, o conhecido jesuíta J. H. Fichter, descrê do esforço europeu de revitalização e reestruturação da paróquia tradicional - paróquia comunitária, isto é, um grupo primário tal como uma grande família - para se ocupar das formas modernas que os Estados Unidos hoje apresentam melhor adaptados às condições muito particulares da sua vida, nas enormíssimas urbes onde coexistem as mais diversas etnias.

Mesmo que entre nós se venham a impôr esses tipos novos e experimentados no cadinho americano, estamos talvez ainda muito longe do seu pleno desenvolvimento, justificação e aceitação.



"A partir de Leão XIII, os papas começam a encarar sob o ângulo pastoral os grandes acontecimentos do seu tempo" (135). Pio X foi o grande papa do movimento pastoral moderno; Pio XI cria a Acção Católica, participação dos fiéis no apostolado hierárquico da Igreja; Pio XII debruça-se excepcionalmente sobre a paróquia, o seu espírito pastoral, o sacerdócio e a liturgia.

O Papa Paulo VI, actual chefe da Igreja, lembrava em Junho de 1963: "a antiga e veneranda estrutura que é a paróquia tem uma missão indispensável e de grande actualidade. Cumpre-lhe criar a primeira comunidade do povo cristão, iniciar o povo na expressão normal da vida litúrgica e reuni-lo para tal, conservar a doutrina redentora de Cristo, praticar no sentimento e nas obras a modesta caridade das obras boas e fraternais".

A paróquia é hoje um dos temas mais actuais, e dele se ocupam numerosíssimos teólogos e pastores - pois oferece um campo vastíssimo à investigação e à reflexão, extensão ainda há pouco tempo insuspeitada.

Já adentro de certa especialização, teríamos os trabalhos sobre a etimologia da palavra, a história da paróquia, a sua teologia, a liturgia, o seu aspecto comunitário, o seu aspecto missionário, o seu aspecto bíblico, a sociologia da paróquia e a psicossociologia, o seu aspecto jurídico, etc.

Tais domínios, quer gerais, quer particulares, têm sido tratados ora em encontros (congressos, semanas de estudo), ora em documentos pontifícios (alocuições, cartas pastorais).

Os trabalhos colectivos, quer em publicações de equipa (8) quer em congressos (9) datam apenas de há vinte anos para cá. Também os trabalhos individuais respeitantes ao que poderíamos chamar uma visão global do problema (cerca de uma dúzia) não são mais antigos.

As publicações mais antigas, embora já todas neste século, são as relativas à etimologia da palavra e à história da paróquia.

Trabalhos de história, contam-se meia dúzia até 1940 e outra meia até 1950, sendo nitidamente mais numerosos nos últimos dez anos. De liturgia, contam-se alguns anteriores



a 1940, outros, mais numerosos na década de 40 e outros na de 50. O aspecto comunitário vem sido também tratado de há uns vinte anos para cá. O aspecto jurídico foi pouco tratado na nossa década, talvez por já ter contado um número razoável de publicações em 40 e 50.

Os trabalhos de teologia da paróquia são quase todos da década de 50.

O aspecto sociológico foi tratado exclusivamente na década de 50 (15 trabalhos) acompanhados de exemplos concretos (25) que reforçam fortemente o âmbito dessas publicações nessa mesma data.

O aspecto missionário foge um pouco à regra, vendo-se tratado quase exclusivamente nos fins da década de 50 e na década de 60: Quase dois terços dos trabalhos (21) são posteriores a 1959 e mais dum terço (12) aparecem em 1962!

Acrescentaremos que os textos pontifícios se situam praticamente na nossa década e que a bibliografia protestante conta mais de duas dezenas de obras, que se situam também na década de 50 e na de 60, com algumas poucas excepções de publicações anteriores.

Em resumo, podemos afirmar que os trabalhos sobre a origem da palavra paróquia se localizam já num passado, ainda que próximo. Também o aspecto bíblico não tem merecido obras recentes.

Podemos classificar de actuais os aspectos histórico, teológico, litúrgico e jurídico. Classificaremos de bastante actual o aspecto sociológico e, finalmente, o aspecto missionário, será classificado como actualíssimo (136). Comprovando o que acima já dissémos, transcrevemos as datas das principais publicações para que se possa ajuizar do assunto: 1943, 45, 47, 48, 49, 52, 52, 52, 53, 54, 54, 55, 56, 59, 59, 59, 60, 60, 60, 60, 61, 62, 62, 62, 62, 62, 62, 62, 62, 62, 62, 62, 62.

Como bibliografia bastará referir o trabalho de Casiano Floristan, La Paroquia, Comunidad Eucaristica. Na tradução para francês de René André, editada por Lethielleux, Éditeur, 1963, sob o título La Paroisse, Communauté Eucharistique - Essai d'une Théologie Pastorale de la Paroisse, foi inserida



a bibliografia mais recente e completa. (Mais de duas centenas e meia de publicações).

Todavia, o trabalho não refere ainda o nº. 20 de Parole e Mission (ed. Du Cerf. 1963) que oferece uma bibliografia de 70 obras, as mais significativas e com valor de iniciação.

A paróquia é um organismo sobrenatural enquanto que constitui o aspecto visível da Igreja na sua condição terrestre; é comunidade de fé porque é um corpo que recebe as instruções e pratica a verdade segundos certos ritos; é comunidade missionária pelo testemunho e pelo empreendimento organizado para a conversão; é entidade social enquanto estrutura de vida comum condizente com cada lugar e cada tempo e meio eficaz para a integração social dos homens.

O estudo da inserção espacial dos grupos sociais (ecologia), convida a que se melhore a "paróquia" recorrendo à colaboração dum "urbanismo" e, por sua vez, nem antes, nem depois, convida que se melhore um "urbanismo" que colabore com a "paróquia". Isto é, a paróquia melhorará um urbanismo e este melhorará a paróquia: assim se estruturará em comunidades agregados desconexos com vista à promoção e integração social dos indivíduos.

UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



II. POVOS DE FIXAÇÃO RECENTE

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



1. O FENÓMENO SUBÚRBIO

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

"Hoje, o fenómeno importante de que todos devem tomar consciência é o facto da universalidade da questão social".

(Paulo VI, 1967, Populorum Progressio)



1.1. Definição; aumento populacional mundical e migrações; as megalópoles às portas da cidade: as rurban areas.

Já fizemos referência ao crescimento espectacular da população mundial nas últimas décadas. Em século e meio a população triplicou.

Mas nem só o aumento da população é um facto moderno: são-no, talvez mais ainda, as migrações. O aparecimento de novas cidades, o aumento vertiginoso da população de outras já existentes mas de dimensões modestas, deve-se ao afluxo de gente dos meios rurais. No princípio do século XX não se conheciam praticamente cidades de milhão, porém, nos últimos 50 anos, deixam de se contar pela dúzia para ultrapassar as três dúzias.

No entanto, o aumento da população do mundo é pequeníssimo, comparado com o crescimento das cidades que viram a sua população multiplicada por 20.

Não é apenas o aumento da população, repetimos, que vai levantar problemas, desenhar uma das características do nosso tempo; é, sim, a passagem dum tipo de população distribuído para o tipo concentrado. Em 1800, menos de 2 pessoas em cada 100 residia na cidade; 13 em cada 100 fixaram-se aí em 1950 e esperam-se 20 em cada 100 para 1975. E há quem preveja, para daqui a um século, 90 pessoas em cada 100. A cidade é pois uma das grandes características da idade contemporânea (senão a maior delas) e adivinha-se que o seja também dos tempos futuros (138).

Um quarto da população europeia é constituído por cidadãos, contando já hoje com a percentagem que o mundo, ^{por}inteiro, aguarda para 1975.

O aumento verificado não se explica pela pressão demográfica local, mas pelos movimentos migratórios, até porque a cidade apresenta, normalmente, menor índice de natalidade do que o campo.

O forte crescimento populacional não é a única nota original: assistimos ao "despovoamento" dos "centros" citadinos e ao crescer vertiginosos da extensão dos arredores. As "portas" das cidades formam-se impressionantes megalópoles. Após



o recenseamento de 1940, os especialistas americanos (139) pressentem o erro de se designar por população rural os habitantes das zonas dos subúrbios o que não permitia, lógicamente, acompanhar o fenómeno moderno do preenchimento dos arredores. Daí a necessidade de criar uma outra palavra - curiosa designação - corpo dum conceito intermédio entre urbano e rural: as zonas rurbanas (rurban areas, de rural + urbain).

1.2. Nótula sobre a situação económico-social do País.

Se, num quadro referente ao mundo (140), procurarmos os números que traduzem a posição relativa de Portugal, desenhase-nos a sua situação pouco brilhante. O rendimento anual por habitante em 1957 é de longe o mais baixo dos países europeus do quadro (que compreende também a Itália, a Espanha e a Grécia); também, em calorías por habitante e por dia, ocupa o último lugar europeu e, mesmo comparado a outros países não europeus, vê-se à frente apenas de Marrocos, da Índia, do Japão e do Paquistão; o consumo de energia por habitante e por ano está longe da maior parte dos outros países, é inferior, embora perto, da situação da Itália e é igual ao da Espanha; o número de médicos por milhão de habitantes é apenas melhor do que na Jugoslávia; finalmente - para não referir senão estas colunas - a tiragem dos jornais diários também só é superior à Jugoslávia.

A situação de desfavor relativamente a outros países é agravada pelas assimetrias do progresso internas.

Referiremos alguns aspectos ao acaso: "A frequência aos espectáculos públicos acusa uma desigualdade profunda"(1), quase 2000 em Lisboa em ~~conjunto~~ com os 250 de Bragança.

A taxa média de mortalidade infantil (74,6%) é ultrapassada nos distritos de Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Guarda, Porto e Vila Real (141).

"A falta de assistência tanto nos nascimentos como nos óbitos é, ainda hoje, uma realidade muito generalizada nos vários distritos. No continente, 57% dos partos fazem-se sem assistência de médico ou parteira. Esta média, porém, é ainda largamente ultrapassada em muitos distritos (1). (Em alguns acima dos 80%).



1.3. Aumento da população Urbana no País.

O Porto: o distrito e concelho - ideia do "fenómeno" no distrito do Porto e nos concelhos limítrofes da cidade (reflexão sobre cartogramas).

No País, as grandes correntes migratórias fazem-se do campo para as cidades, especialmente para os dois maiores núcleos nacionais: Lisboa e Porto.

A população aglomera-se extremamente no Norte e no Centro do País (além da cidade de Lisboa) enquanto a metade Sul e a faixa Nascente estão pouco menos que despovoadas.

"Entre 1950 e 1960, enquanto nos quatro distritos de Lisboa, Porto, Aveiro, e Setúbal, a população aumentou de 12,7% contra apenas 4,7% no conjunto do continente, a população de metade dos distritos do continente (Beja, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Portalegre, Viana do Castelo e Viseu) diminuiu. Verifica-se portanto uma concentração crescente da população nas zonas urbanas e circum-urbanas"(142).

No que respeita à cidade do Porto, os levantamentos da época mostram-nos aquela estendendo-se por área bem pequena ainda há pouco mais de um século. Só neste século o Porto cresce até atingir a Circunvalação, e não em toda a periferia, e é já quase nos nossos dias que a ultrapassa em áreas consideráveis.

(A população do concelho)

Se construirmos um gráfico da população dos concelhos suburbanos, Gaia, Matosinhos, Gondomar, Maia e Valongo, marcando no eixo das abcissas os anos 1890, 1900, 1911, 1920, 1930, 1940, 1950 e 1960 e, no eixo das ordenadas, as respectivas populações para cada concelho, veremos os pontos obtidos elevarem-se, cada vez mais acentuadamente, nos concelhos de Maia, Gondomar e Valongo e quase verticais nos concelhos de Gaia e Matosinhos.

Vejamos o que se passou nos concelhos do Distrito.



(Densidades)

Se construirmos cartogramas do concelho do Porto, distinguindo a duas cores: preto, para os concelhos cuja densidade é superior a 250 h/km² e branco, para aqueles outros em que a densidade é inferior, vemos, a preto, já no cartograma referente a 1890, os concelhos de Gaia, Matosinhos e Póvoa (além da cidade do Porto) e toda a restante área do concelho, ainda a branco. No cartograma de 1900, aparece-nos um outro concelho a preto - Maia: no de 1911, Gondomar, e nenhum mais, atinge a coloração preta em 1920; o de 1930 dá-nos a preto o concelho de Valongo e no de 1940, o preto cobre, além desses, os concelhos de Vila do Conde, Santo Tirso, Paços de Ferreira e Felgueiras, isto é, só em 1940 é que mais de metade dos concelhos do distrito acusam uma densidade para cima de 250 h/km², enquanto que já há mais de 70 anos os concelhos de Gaia, Matosinhos e Póvoa apresentavam uma densidade razoável.

(Aumento ou variação da população)

Construamos um cartograma da variação da população no distrito do Porto no período de 1891-1940. Matosinhos apresenta a maior variação, seguido por outros concelhos a ponte; os concelhos a nascente - Paredes, Lousada, Felgueiras, Penafiel, Marco, Amarante e Baião - oferecem pequena variação.

Consideremos um período mais restrito (1911-1940) e fazamos o cartograma com a variação da população nos concelhos. Os concelhos a nascente - Penafiel, Felgueiras, Amarante, Marco e Baião - acusam apenas uma variação entre 0% e 24%. Os de Paços de Ferreira, Lousada, Paredes, Póvoa, Vila do Conde e Gaia acusam entre 25% e 49%. E os concelhos de Matosinhos, Maia, Gondomar, Valongo e Santo Tirso entre 50% e 99%.

Se limitarmos ainda mais o período de observação oferecem-se, em linhas gerais, as mesmas conclusões para o decénio de 1940-1950; e para o decénio seguinte (1950-1960) aparecem-nos o concelho de Gaia com um fortíssimo aumento populacional.



(Situação em 1960)

Para fazermos uma ideia da situação de hoje dos concelhos convém considerá-los:

- quanto ao número de habitantes;
- quanto ao número de habitantes por km², ou seja a densidade;
- quanto ao aumento absoluto de cada um;
- quanto ao crescimento relativo, isto é, por cada 1.000 habitantes.

Dos 16 concelhos do distrito (à parte a cidade do Porto), os 7 primeiros mais populosos são por ordem decrescente, Gaia, Matosinhos, Gondomar, Santo Tirso, Maia, Penafiel e Vila do Conde.

No último decénio, os 7 primeiros que maior aumento sofreram foram os de Gaia, Matosinhos, Santo Tirso, Gondomar, Maia, Paredes e Felgueiras.

Vemos já, que à excepção de Paredes e Felgueiras, os outros cinco concelhos são os de maior população e são aqueles que experimentam maior aumento populacional.

Os 7 primeiros cujo crescimento (por 1.000 habitantes) foi mais acentuado, são os concelhos de Gaia, Ferreira, Matosinhos, Santo Tirso, Valongo, Paredes e Gondomar.

Daqui, convém reter três aspectos;

a) - Ferreira e Valongo, embora não apresentem uma grande população nem um grande aumento absoluto, experimentam um dos mais fortes crescimentos por 1.000 habitantes e podem, assim, brevemente, oferecer problemas equivalentes aos dos concelhos limítrofes da Cidade.

b) - Paredes, embora não apresente grande população, oferece um aumento populacional e um crescimento que o coloca em sexto lugar. De futuro pode vir também a conhecer problemas equivalentes.

c) O concelho da Maia conheceu um aumento e oferece uma população classificado em quinto lugar. No entanto, o crescimento por 1.000 habitantes não é dos mais acentuados.

d) - Os restantes - Gaia, Matosinhos, Santo Tirso e Gondomar - são, simultaneamente, os quatro concelhos



de maior população, os quatro de maior aumento e os quatro de maior crescimento.

O estudo das migrações diz-nos donde vêm e para onde vão esses novos e grossos contingentes populacionais; a comparação entre as populações rurais e urbanas oferece-nos a razão ou a consequência da fixação em alguns concelhos; o estudo dos movimentos fisiológicos (natalidade e mortalidade) revela-nos uma das primeiras consequências da forte densidade populacional em populações mal equipadas.

(Migrações)

Recorramos a novos cartogramas que facilitem a leitura desses fenómenos.

Assinalando a percentagem dos não naturais do distrito do Porto, residindo em cada um dos concelhos (de 1890-1940), vemos os concelhos de Gaia e Matosinhos (além da cidade) contando para cima de 10 por 100 habitantes oriundos doutros distritos; Póvoa com mais de 5 em cada 100; a metade oriental conta apenas entre 0 e 2 não naturais em cada 100 habitantes.

Se, ainda noutro cartograma, assinalarmos a percentagem dos não naturais de cada concelho residindo nesses mesmos concelhos verificamos que Matosinhos (além da cidade) conta para cima de 20, Gaia, Maia e Valongo entre 12 e 19 e os restantes concelhos entre 6 e 11, excepto os concelhos rurais a nascente - Amarante, Marco e Baião - que apenas contam entre 0 e 5.

(População urbana)

Noutro cartograma da população urbana em 1911 os concelhos a nascente aparecem-nos com população rural. Os de Gondomar, Valongo, Vila do Conde e Santo Tirso acusam uma população urbana entre 1 e 24 por 1.000 habitantes. Os concelhos de Gaia, Matosinhos e Póvoa contam 25 a 49 por 1.000.

(Natalidade e mortalidade, ou movimento fisiológico)

Observemos o cartograma da taxa média de natalidade nos concelhos (1931-40). Gaia e Matosinhos oferecem apenas 25 a



34 por 1.000, taxa inferior a quase todos os restantes concelhos.

Se observarmos o cartograma da taxa média da mortalidade vemos que todo o concelho anda abaixo dos 15 por 1.000, excepção para Gaia, Matosinhos, Gondomar, Póvoa, Maia, Valongo e Vila do Conde que acusam uma taxa elevada para cima dos 19 por 1.000.

Este rápido relance sobre os concelhos do distrito - população dos concelhos, aumento populacional, densidades, crescimento, movimentos migratórios e fisiológicos - deixam antever a sua situação, preenchidos recentemente por população que chamamos povós de fixação recente.

A planificação urbanística dentro do último Plano (Plano Director da Cidade do Porto) limitada ao espaço abraçado pela Circunvalação, irá agravar possivelmente a situação da periferia vizinha se os concelhos em causa não souberem pôr cobro a tempo em colaboração com a cidade.

1.4. O "aparecimento" do Padrão da Légua (cartogramas)

Matosinhos é um dos concelhos de mais forte percentagem de população de fixação recente. Por isso pareceu-nos bem escolhida uma área de escalão de paróquia - o Padrão da Légua - que se implanta à roda do cruzamento de duas vias: a saída do Porto para Vila do Conde (que aliás a Via Norte hoje, em parte, substitui) e a via de cintura de S. Mamede de Infesta para Matosinhos e Leça da Palmeira.

Procedemos a um inquérito sobre a idade das construções. Os resultados do trabalho podem ser dados por uma série de seis cartogramas onde se assinalam as construções existentes de decénio em decénio no período de 1900 até hoje.



CONSTRUÇÕES 1900

U. PORTO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

ANTES DO COMEÇO DO SÉCULO E SEU PRINCÍPIO CONTAVAM-SE APENAS ALGUMAS CONSTRUÇÕES MAIS ANTIGAS, ESPECIALMENTE NO LUGAR CHAMADO DO SEIRO, FORMANDO AINDA HOJE UM NÚCLEO TÍPICO DE CONSTRUÇÕES DE CARÁCTER AGRÍCOLA.



CONSTRUÇÕES 1910-1920



U. PORTO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

EM 1910-1920 JÁ AS CONSTRUÇÕES SE DISPÕEM EM 2 COMBÓIOS PARALELOS,
DESENHANDO NITIDAMENTE AS RODOVIAS.



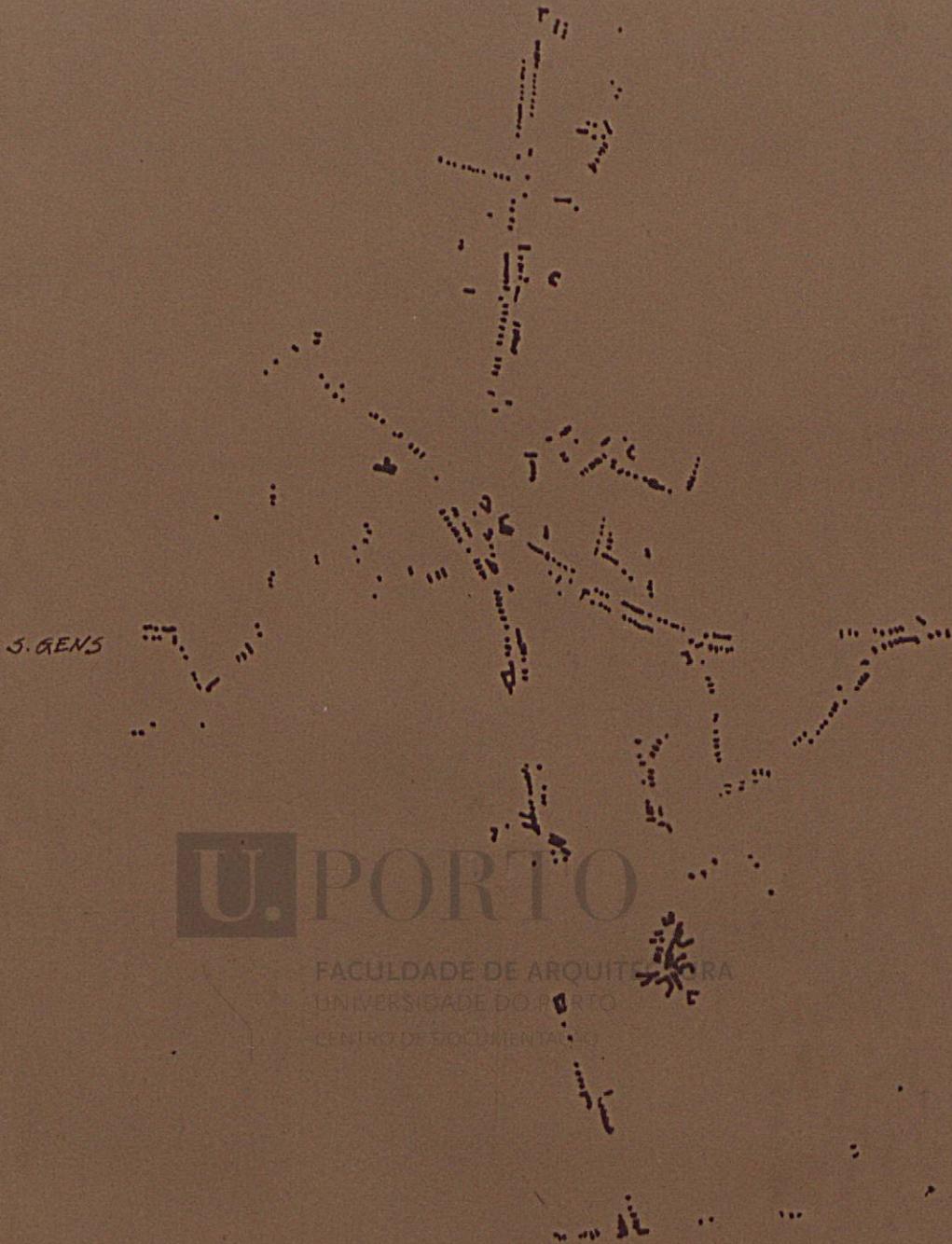


U. PORTO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

EM 1930, APARECEM OUTROS ENFIADOS INTERIORES, UNINDO PONTOS DAS PRIMEIRAS VIAS E DESENHANDO-SE COM INSISTÊNCIA OS LUGARES DA ARROTEIA, PARTE NOVA DE MONTE DA MINA E PARTE NOVA DO SEIXO.





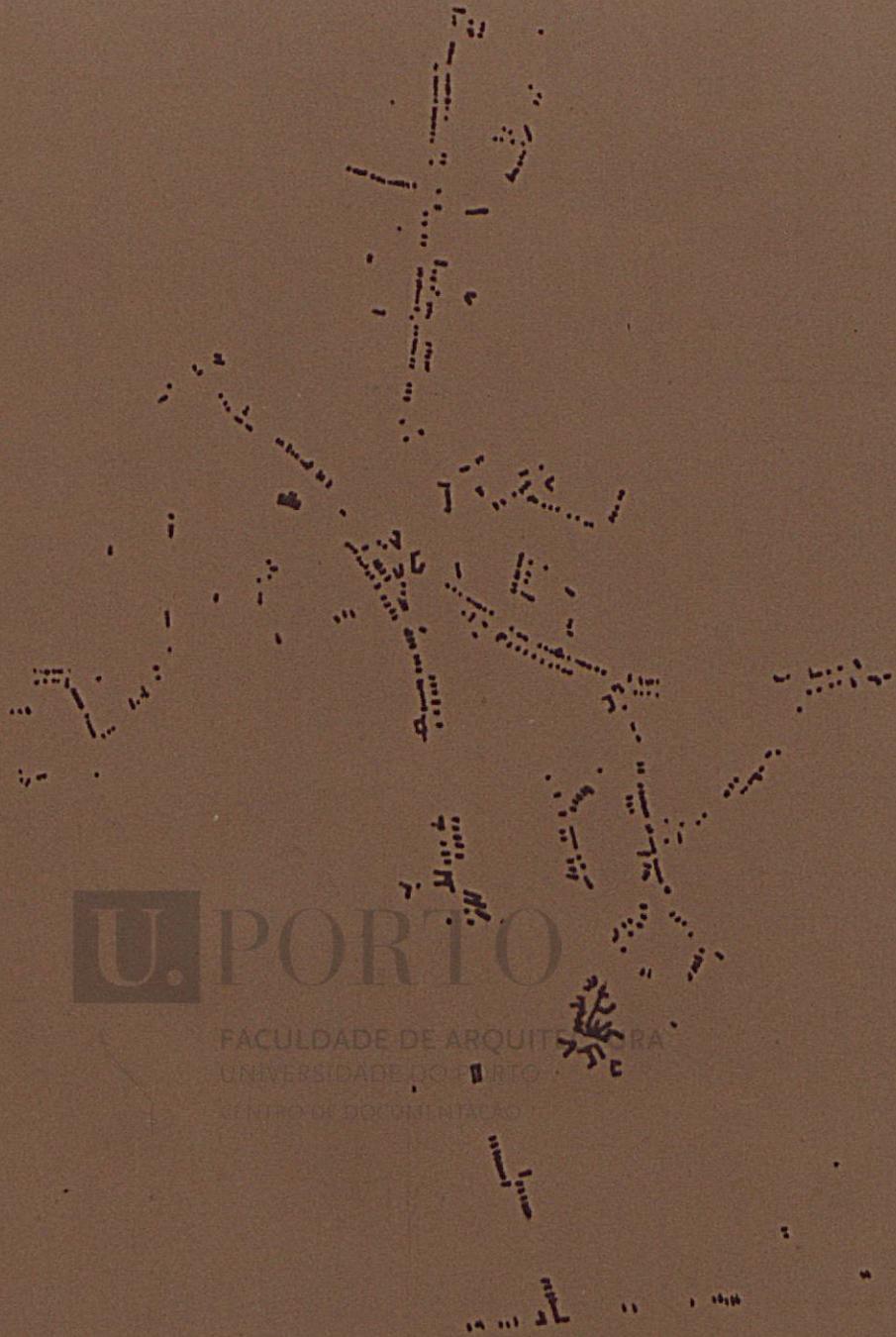
S. GENS

U. PORTO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

E' PRECISO ESPERAR POR 1940 E ATÉ POR 1950 PARA SE VER ESBOÇAR
O LUGAR DE S. GENS.

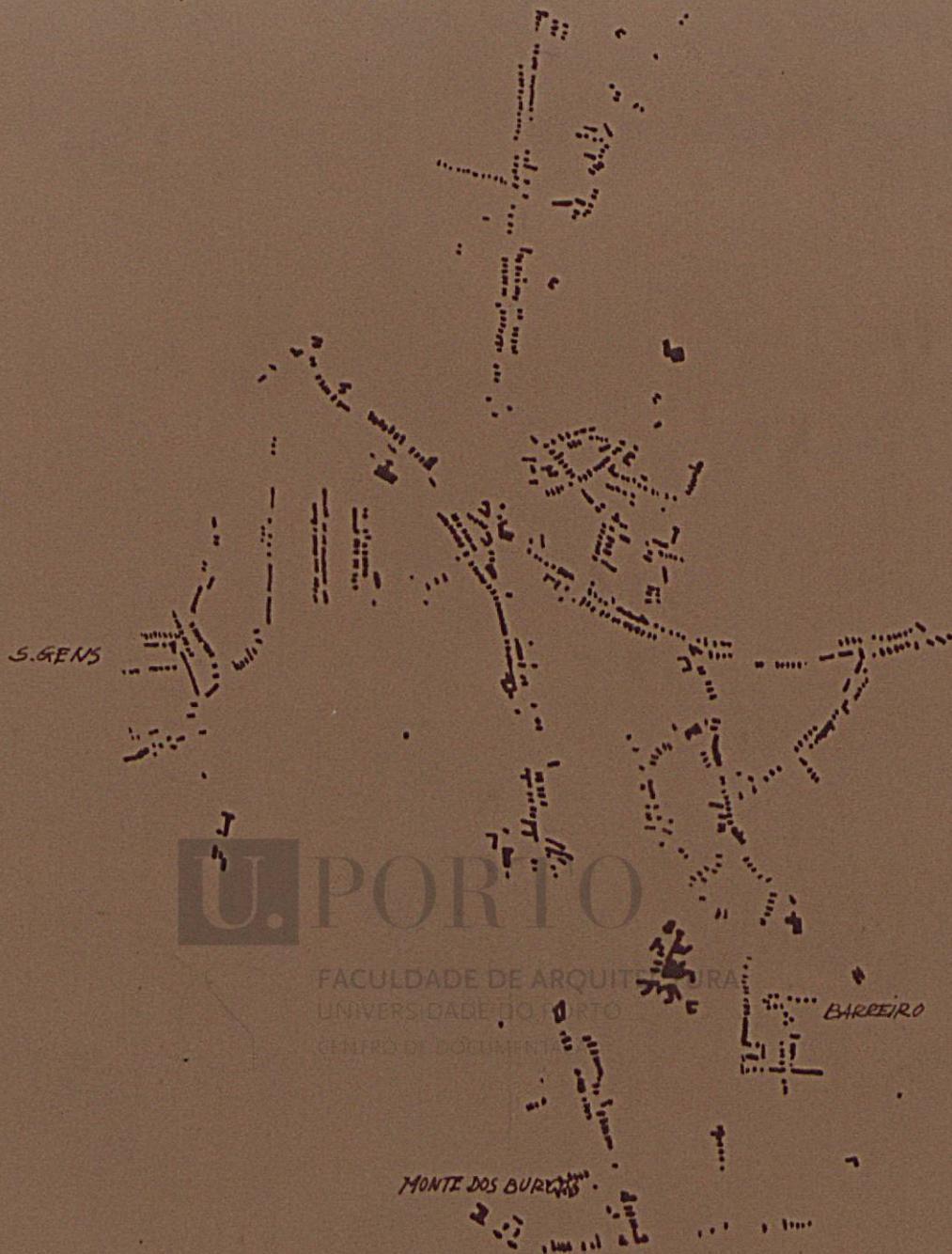




U. PORTO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
GRUPO DE DOCUMENTAÇÃO





U. PORTO

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

S. GENS, só EM 1960 O PODEMOS ENCONTRAR NA CONFIGURAÇÃO ACTUAL
COM UMA POPULAÇÃO DE CENTENAS DE FOCOS. NOTE-SE A DIFEREN-
ÇA DO NÚMERO DE CONSTRUÇÕES DE 1950 PARA 1960 E O APARE-
CIMENTO DE NOVOS LUGARES COMO OS DO BARREIRO E MONTE DOS BURBOS



II PORTO

2. TRABALHOS SOBRE OS SUBÚRBIOS



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



Dos raros trabalhos sobre os subúrbios de que podemos hoje dispor, escolhemos quatro:

- Études sur la banlieue de Paris (1950);
- Del campo al subúrbio (1959);
- La vie quotidieune des familles ouvrières (1956/59);
- 5 ans avec les ouvriers (1963).

Cada um destes trabalhos toca fundamentalmente um aspecto essencial do problema.

O primeiro debruça-se sobre o fenómeno subúrbio, define a expressão, trata a realidade sob o ponto de vista geográfico e administrativo. Verifica as alterações quantitativas da constituição sócio-profissional. Descreve o aspecto formal dos subúrbios e esboça o tipo de relações e principais características.

O segundo trabalho estuda a passagem do emigrante das regiões rurais para as proximidades da cidade.

O terceiro, analisa as condições de existência da família operária, os meios de trabalho e de residência.

Finalmente, o quarto trabalho oferece-nos reflexões sobre as características do pensamento operário.

2.1. "Études sur la banlieue de Paris" (1950)

O pequeno volume - trabalho de equipa constituída por Pierre George e quatro colaboradores seus - abre com um trabalho do famoso geógrafo francês dedicado aos subúrbios (143).

A expressão francesa banlieue, afirma recorrendo a Clozier, data da Idade Média, embora o facto geográfico seja fenómeno muito recente. "A palavra designou no francês antigo uma periferia jurídica dentro da qual se localizavam, ao longo das grandes vias de comunicação, os faubourgs. Os intervalos rurais vazios entre eles, tornando-se uma realidade urbana, desaparecem: a cidade incorporou a antiga zona jurídica dos subúrbios, tornados porção de si mesma".

"Esta evolução é específica duma forma de crescimento urbano que é o das cidades comerciais, administrativas e industriais ao longo do período que precedeu o desenvolvimento da grande indústria" (pag. 13). Os subúrbios de Paris constituem-se a partir do princípio do século, cronologia que não



está longe da realidade portuguesa.

"Do ponto de vista administrativo, trata-se de qualquer fracção do conjunto urbano situado fora dos limites jurídicos e financeiros da "velha cidade", à volta da qual as aglomerações proliferam numa época recente". O cidadão tem do subúrbio a "noção formal decalcada das contingências derivadas da concepção administrativa, uma noção de distância e, secundariamente, uma noção de condições de habitabilidade, e de natureza do povoamento" (pag. 14).

As alterações sofridas pela cidade nos fins do século passado e durante o nosso século, foram inicialmente de natureza quantitativa: a cidade cresce rapidamente. (Em parte, o povoamento dos subúrbios deve-se à deslocação das populações do centro da cidade).

Porém, não se trata só dum aumento quantitativo, mas sim duma profunda alteração qualitativa. A implantação dos grandes estabelecimentos industriais, comerciais e bancários, os funcionários especializados que pressupõem, os transportes e comunicações, aumenta o número de pessoas agregadas às cidades e conduz também à "mudança qualitativa das relações sociais".

"O facto social mais importante é o aumento do número de operários de indústria, dos empregados dos grandes armazens, de estabelecimentos de crédito, de pequenos funcionários e agentes de serviços públicos, transportes, polícia, etc., que constituem economicamente um proletariado com diversificações internas" (pag. 16).

Enquanto a indústria se circunscreve a pequenas oficinas, estas implantam-se na própria cidade, junto do comércio e das zonas residenciais e só na altura em que se constroem as grandes fábricas se ultrapassam as fronteiras administrativas, se processa "a procura de terrenos planos bem servidos pelas vias de comunicação prestando-se aos transportes de massa"(pag.18).

"A criação de grandes fábricas atrai o povoamento proletário para as suas proximidades, mas verifica-se depressa que as relações reais entre residência e trabalho deixam de ser relações geográficas" (pag. 19). Conhece-se o fenómeno moderno das deslocações de trabalhadores entre os lugares de traba-



lho e os de residência. A proximidade dos mercados de trabalho atrai e fixa a mão de obra, nem que esta acabe por procurar outro mercado de trabalho (pag. 19).

"O desenvolvimento do grande comércio, das actividades bancárias, dos serviços públicos, aumentou o número dos assalariados não directamente produtivos que - embora paradoxal - se têm por socialmente superiores aos assalariados produtivos. Este conjunto, que pertence às classes médias pelas suas aspirações e o seu comportamento, muito mais do que pelos seus recursos, e que aspira a um tipo de habitação mais individual, localiza-se nos subúrbios residenciais (banlieues de résidence) bem servidos pelos meios de comunicação que conduzem ao centro da cidade onde se encontram os lugares de trabalho"(pag.21):

Os subúrbios juntam-se a núcleos de habitação anteriores, certas construções de uso rural que depois são adaptadas; dispõem-se ao longo das estradas que saem da cidade e muitas vezes mudam de função e mesmo de aspecto (pag.22).

O segundo trabalho é um estudo da opinião pública num município de subúrbio. Analisa os aspectos políticos da passagem da população rural ao agregado suburbano. Descreve, primeiro, a transformação geográfica, o aumento numérico da população, a sua nova composição social, os interesses das diversas classes (antigas e novas) perante o fenómeno da urbanização. Sublinha como a região agrícola, o subúrbio residencial é o subúrbio industrial têm, cada um, características económicas próprias cujas alterações provocam perturbações e crises nas condições de vida dos homens. Recorda a novidade do povoamento, isto é, aglomerado sem passado, sem história, sem tradições, onde a descristianização é rápida e quase total. A grande especialização económica do subúrbio que concentra trabalhadores dados às mesmas ocupações, cria entre essas massas de homens chegados simultâneamente e que conhecem o mesmo destino, a consciência de classe e de grupo; enfim, recorda o próprio carácter geográfico do povoado sem centros de atracção, simples espaço de unidade abstracta onde os habitantes se constituem por grupos sem se fundirem com os existentes, porque nenhuma razão comum se impõe.



Outro dos ensaios inseridos no volume nota que "o fenómeno dos subúrbios é certamente o mais importante e o mais mal conhecido dos fenómenos urbanos" (pag. 59).

Se, para limitar as perdas de tempo em idas e vindas, o profissional procurava antigamente habitar na proximidade do seu lugar de trabalho, o número de profissionais trabalhando fora do lugar onde residem não cessou de crescer desde que os meios de transporte foram aperfeiçoados e as horas de trabalho reduzidas.

Seguidamente, demora-se com a análise dos bairros e tipos de habitantes classificando-os, comparando, distinguindo. Noutro capítulo dedicado ao comportamento humano, afirma que "as implantações humanas resultam da justaposição de grupos de mobilidade desigual. As classes não são apenas grupos em que os índices de natalidade, de nupcialidade diferem, caracterizam-se ainda pelo modo de agrupamento, pela sua extensão, pela natureza e frequência das suas deslocações". "As classes têm, nota, uma tendência a separarem-se umas das outras, pelo menos no espaço".

Sobre a prática religiosa observa que "à volta de cada igreja o número de praticantes é assaz elevado e quanto mais nos afastamos do lugar de culto, mais decresce o número de fiéis. As vendas de caridade são o único meio de atrair os habitantes da periferia paroquial. Dum modo geral, os meios proletários rompem com a igreja de maneira bem nítida nos bairros de forte percentagem operária.

Outros trabalhos, para nós de interesse menos directo, completam o volume.

2.2. "Del campo al subúrbio". (1959)

O autor estuda a passagem do imigrante oriundo das regiões rurais para as proximidades da cidade e os factores ineludíveis de integração no novo plano económico e social. Considera província de imigração aquela em que, segundo o censo espanhol, mais de 15% dos habitantes nasceram fora da província (pag. 28).

Com base em fichas constituídas a partir das histórias



personais e familiares contadas pelos imigrantes, os motivos das deslocações são fundamentalmente a fome e a miséria no campo e, em alguns casos, a fuga dum ambiente social que os novos suportam mal.

O imigrante procura a cidade em busca de trabalho, do qual espera a possibilidade de comer (pag.233), penetra nela "pelas linhas de menor resistência", isto é, onde encontra os alugueres mais baixos (pag.293) e estabelece-se à margem dela, à parte alguns contactos acidentais (pag.233).

Sofre então um período mais ou menos longo de adaptação (6 meses a 2 anos) (pag.233) e, quando consegue superá-lo, não atinge pelos seus próprios recursos formas seguras de sociabilização: "As suas relações com a paróquia, com a empresa ou com o sindicato, para citar formas possíveis de associação, são débeis e predominantemente de tipo passivo, parecidas com as que pode estabelecer com qualquer organização pública de tipo assistencial" (pag.261).

As suas duas necessidades e preocupações fundamentais no momento em que chega à cidade são encontrar trabalho e moradia.

A primeira parece-lhe a mais urgente e a mais difícil, mas logo reconhece que é muito difícil também descobrir uma habitação (pag.242).

No que respeita ao trabalho, optam uns pela construção civil, vida dura, sem garantias e de trato rude; outros pelo trabalho de fábrica, mais fixo e seguro mas, quase sempre, ainda pior remunerado: "Os escassos recursos económicos da família imigrante podem ser aumentados com o trabalho feminino. No entanto, esta solução, não é muito frequente" (pag.254).

A deficiência das habitações não são atribuíveis somente à falta de espaço mas à sua organização e equipamento internos - água, cozinha, serviços higiénicos, etc. (pag.242) - de modo que "o baixo nível da habitação exerce pressão sobre a vida familiar" (pag. 247).

Os tempos livres são muitas vezes passados na taberna pois a habitação não oferece as condições de permanência. As crianças também vêm a ressentir-se: "Pense-se o que significa para um lactente a falta de água corrente ou duma alimentação adequada" que explica a elevada mortalidade infantil e as



frequentes infecções e doenças (pag.256).

O imigrante desinteressa-se Praticamente do jornal, cinema, rádio, futebol (pag. 262).

O subúrbio, mero aglomerado de vivendas, desconhece uma estrutura social (pag.269) que ajude a integrá-lo. "O papel do indivíduo é sobretudo passivo (pag.272). O subúrbio não é um povo, na opinião do autor, nem será capaz por si só de chegar a uma estrutura social (pag.295). Qual então a atitude e quais os métodos que assegurem a organização e a estruturação do subúrbio?

O subúrbio não é um problema de beneficiência, campo de "caridades" individuais, nem é tão pouco campo de uma outra forma de protecção - o estadual.

Conduzido pelo primeiro destes modos, o subúrbio **abservará** grandes quantidades de energias e de dinheiros sem resultados apreciáveis (pag14) e, conduzido pelos segundos, é tantas vezes interesseiramente experimentado pelas ideologias totalitárias que justapõem ao papel de protecção a acção coactiva (pag.273).

"O subúrbio, como escreve Miguel Siguan, não é a raiz das dificuldades do imigrante, mas apenas um sobproduto da sua falta de adaptação" (pag.16). Assim, não é "saneando" ou "humanizando" o subúrbio que se resolvem os seus problemas mas há que recorrer aos factores de integração do imigrante, resolvendo-os na sua base (pag16). "Trata-se de conseguir uma elevação humana e uma integração social" (pag.14). "Quanto mais o Estado substitua as iniciativas que deviam partir dos indivíduos, menos provável é que a vida se desenvolva. Um subúrbio "modelo", construído e administrado pelo Estado, ou por qualquer corporação, seria um asilo de luxo, não porém, um centro de vida social própria nem um meio para o imigrante alcançar a plena cidadania"(305).

"A verdadeira solução construtiva seria conseguir que no próprio subúrbio se criasse uma associação vicinal capaz de assumir a sua representação em frente aos organismos públicos, reclamar uma solução provisória e administrar a sua execução" (pag 298) (144).

O trabalho, a assistência social e a habitação são os



três factores de integração social do imigrante. Escreve: "O dispôr duma habitação própria é a condição indispensável para a integração familiar, o primeiro degrau, por sua vez, duma integração social satisfatória" (pag. 304).

Mas a própria construção de habitações não deve ser "projectar blocos mas sim bairrós" (pag. 305) onde se preveja e estime "a participação activa dos indivíduos" (pag.305).

O ensino supõe o número e qualidade das escolas que permitam a instrução, educação e desenvolvimento da criança (pag. 308); é também indispensável o esforço de educação e preparação da mulher para as suas funções (pag. 309).

Há que aproveitar a actividade social típica do subúrbio - as relações de vizinhança. Mas confessemos "que para baixo de certo nível de vida mínimo, os habitantes do subúrbio não são capazes de criar nenhum tipo de agrupamento superior para além do contacto ocasional e da finalidade imediata. O impulso neste caso, há-de recebê-lo de fora (pag. 315).

O trabalho, por seu lado, é o factor integrante por excelência (pag. 311) e impõe-se que seja devidamente assegurado.

Concluamos com Miguel Siguan: "Os elementos fundamentais no processo da adaptação à sociedade citadina são, ou podem ser, dois: A paróquia missionária e a empresa industrial"(p.16).

2.3. "La vie quotidienne des familles ouvrières"(1956/59)

O trabalho de Chombart de Lauwe realizou-se nos anos de 1950-1952, debruçando-se "sobre a análise das condições de existência do homem, da mulher e das crianças nas habitações e bairros operários".

Os problemas que condicionam a vida da família operária divergem profundamente das outras classes e situações: problemas da profissão, da habitação, familiares, relações, etc.

Chombart de Lauwe começa por distinguir dois factos de primordial importância: a oposição entre o meio de trabalho e o meio de residência, dois polos de vida social. O primeiro, meio de consumo, dominado pela família e pela vizinhança; o segundo, meio de produção, lugar do salário que mantém a família, dominado pelas organizações do trabalho.



É diverso o modo como cada um encara a profissão, se sente ou não inclinado para ela, a exerce com prazer ou desprazer. A enorme proporção de operários descontentes chama a atenção sobre a necessidade da orientação profissional (pag. 19).

A fadiga é outro peso experimentado pela maioria dos trabalhadores, assim como a rotina, especialmente sentida por aqueles, sem preparação e com outras preocupações além das sempre presentes, em que o espírito não se prende ou distrai com o trabalho e se mantém preso às dificuldades angustiantes da vida.

Os transportes demorados aumentam consideravelmente o número de horas ocupadas fora de casa e tantas vezes, de regresso do trabalho, o ambiente não garante o descanso, devido a crianças ou má habitabilidade.

Assinala-se também a grande instabilidade no emprego especialmente da mão de obra menos qualificada.

Embora o tempo passado no meio de trabalho seja muito mais longo do que o tempo passado em casa, não deixa de ter muita importância. "No bairro, a família mantém em geral uma estrutura sólida (...); é a comunidade essencial" (pag.36).

Algumas mulheres trabalham também nas fábricas, tendo assim um tipo de ocupações idêntico ao do homem. Mesmo aquelas que não trabalham fora, estão ocupadas com o trabalho pesado de casa, desde a lavagem da roupa aos enervamentos quotidianos motivados pelas crianças. O trabalho tido com elas é alternado, ou faz-se simultaneamente com outras tarefas.

O ambiente de casa é profundamente diferente segundo a idade dos filhos.

A mortalidade infantil é enorme nestas camadas sociais (vai, na França, de 19,1/1.000 nas profissões liberais até 61,7 nos trabalhadores normais). (145.)

Os tempos livres são fundamentalmente os do Domingo, ocupados com passeios, visitas, cinema ou pequenas ocupações domésticas. Esse tempo é preenchido com alegria: "Um dos aspectos mais chocantes no acolhimento das famílias operárias é a alegria, a camaradagem, o humor, Esta contradição aparente entre as dificuldades materiais e as reacções psicológicas não é um dos menores assombros dos meios desfavorecidos"(p.62).



O autor analisa também a importância das condições do habitat sobre o comportamento. "Para baixo duma certá superfície por pessoa, a vida familiar torna-se cada vez mais difícil de suportar"(pag. 80). Porém, uma vez que se respeite esse limite crítico, a família operária dispensa melhor do que a burguesa os grandes espaços, aprendendo a preencher os espaços livres comuns, inserindo as suas relações no grupo de vizinhança.

2.4. "5 ans avec les ouvriers" (1963)

Alfred Ancel oferece-nos demoradas reflexões sobre o mundo operário - mundo complexo - durante uma boa parte da obra.

Essa complexidade enraíza no nível de vida usufruído por cada categoria de operário desde o mais especializado até ao simples trabalhador manual; assenta no nível de enraizamento na medida do ser comprometido, divergindo muito as reacções conforme as categorias; e ainda da forma do trabalho, do habitat e quaisquer circunstâncias em que se encontre; finalmente, complexidade, advinda das opiniões sindicais e políticas, filosóficas e religiosas.

Estuda então a linguagem operária. Limita-se especialmente à categoria do operário especializado. Faz notar a pobreza do vocabulário "quando se quer compreender uma palavra, é preciso referirmo-nos à atitude concreta que ela traduz numa situação dada" (pag. 127).

O caminho do pensamento não conhece, como ponto de partida, uma ideia ou uma teoria, mas factos. É um caminho "concreto, muito perto da vida, dos factos e da acção"(pag. 133).

"Para que um pensamento seja plenamente concreto ~~h~~ escreve o autor - não basta que tenha o seu ponto de partida nos factos e que responda a necessidades e aspirações, é preciso ainda que ele se oriente para uma acção e é preciso que esta acção seja eficaz" (pag. 137).

Para conhecer bem o pensamento operário é preciso prescrutar a sua alma: "a alma operária é a alma dum trabalhador normal, que se sente vítima duma injustiça social, e que se sente solidário com todos aqueles que partilham da sua condição" (pag. 159).



3. COR ESPECIAL DOS SUBÚRBIOS DO PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



As características dos subúrbios na maior parte das grandes cidades do mundo (mesmo europeias ou americanas) não coincidem perfeitamente com as dos subúrbios do Porto.

E não é só uma questão de escala - aquela característica que distingue tantas das nossas realidades das suas similares europeias. É que nem sequer a "expressão" patente em Lisboa se assemelha ao caso do Porto.

Aqui, ainda é na proximidade do centro que se encontram as piores condições de habitat. As "ilhas" albergam uma população incrível (a contagem num hectar tipo revelou 1.900 habitantes no Barredo), em condições tremendas.

Lá fora (em Espanha, por exemplo, já sem falar nas tristemente famosas "favelas" do Rio de Janeiro ou, dum modo geral, em toda a América Latina), predominam as construções elementares, de madeira, folhas de zinco velho, papelão, etc., que em conjunto se designam bairro de latas. Lisboa conhece-os; no Porto, são praticamente desconhecidos.

3.1. O habitat.

Não queremos dizer que os concelhos, como Matosinhos ou Gaia, não contem com um índice razoável de construção clandestina. Mas o movimento não é de molde a ocupar áreas extensas nem a constituir bairros inteiros. Umhas dezenas ou centenas dessas barracas encontram-se perdidas, envergonhadas nos pinhais dos nossos arredores. Ao longo das ruas abertas com a aprovação ou da iniciativa das Câmaras Municipais, aparece um outro tipo de edificação que, embora por dentro com aspecto tantas vezes confrangedor, oferecem-se, por fora, aparentemente razoáveis.

Adiante, referiremos outros aspectos.

3.2. Um escalão: o de Paróquia.

Além das diferenças de aspecto que distinguem as barracas das moradias dos nossos subúrbios, diversificam-se também pelos seus moradores, pois estas são ocupadas por representantes de várias camadas sócio-profissionais. Quer dizer, enquanto o



bairro de lata é ocupado, senão até construído, por pessoas do mesmo meio, os subúrbios do Porto são preenchidos por gente de várias camadas sociais, ocupando-se em profissões e níveis de trabalho distintos.

Além disso, acentua-se, no nosso caso, uma estabilidade maior que é simultaneamente aproveitada e testemunhada pelo comércio local. No bairro de lata não há comerciantes de porta aberta, e em todos os arredores do Porto encontramos, pelo menos, a adegas ou já a venda, ou daí para a mercearia, ou até para um equipamento mais completo que vai da padaria até à farmácia e à loja de panos, sapataria, etc. (146).

No entanto, o desenvolvimento dessas comunidades parece votado ao fracasso enquanto entregue às iniciativas desencontradas, às boas vontades dos particulares ou até aos habitantes locais. Falta-lhes a perspectiva e a acção sobre uma região mais vasta e os consequentes capitais e preparação técnica necessária.

Por outro lado, as grandes organizações e o próprio Estado dificilmente se comprometem nos problemas peculiares dessas regiões.

3.3. As relações sociais.

No que diz respeito às relações sociais, suas características e problemas, acrescentaremos alguma coisa àquilo que os autores estrangeiros, atrás referidos, escreveram sobre outros lugares.

Mais entre nós do que lá fora, o homem do subúrbio perde-se na multidão, privado de comunidades que o situem e em que se desenvolva.

Alguns dos grupos sociais mais elementares, embora indispensáveis, são também o seio de inúmeros atritos, sofridos nos contactos sociais, na família, na escola, nos bairros residenciais e no trabalho.

(A família)

O primeiro grupo é a família. Constituída legítima ou ile-



gítimamente e até por vezes ilegalmente, a família mantém em geral uma estrutura sólida, impondo-se como comunidade essencial; apesar dos perigos e dificuldades que a ameaçam conhece relativa estabilidade, pelo menos, comparada com outros meios.

O número de uniões livres é muito grande. Parece notar-se porém, na camada mais jovem, um desejo de "compor a situação" que se não verificava na geração de seus pais.

(A criança)

As crianças, quando em idade escolar, e dada a elevada afluência às escolas, estão ocupadas só de manhã, ou só de tarde, por turnos. A vida na rua, jogando e brincando, ocupa grande parte das horas livres do dia.

(O jovem)

Para alguns jovens a escola primária prolonga-se bastante e vai apanhar os primeiros anos da juventude. Regra geral, porém, nesses primeiros anos começa o trabalho sujeito a um patrão.

O emprego é aceite "onde calhar que apareça" sem escolha: a profissão não conta mas sim o ganho por semana.

A inconsciência perante o mundo do trabalho e a falta de dignidade profissional provocam prejuízos materiais às empresas empregadoras. Em contrapartida, pelos mais pequenos motivos, são despedidos ou castigados; e até nesta segunda hipótese, muitos abandonam a fábrica.

Aqueles que não encontram emprego de maior estabilidade deitam mão da construção civil onde ganham mais, embora com muito menos segurança e sujeitos a um quotidiano mais variado e mais duro, por causa do frio e das grandes caminhadas.

Esta juventude no contacto com os trabalhadores mais velhos, conhece novas experiências e aventuras: frequentam prostíbulos aos 13 anos, etc.

O contacto com a cidade, a empresa e as profissões provoca nos pais o interesse pela instrução dos filhos, precioso factor de promoção social. Quase sempre, porém, a falta de



conhecimentos desorienta-os, preterindo a preparação técnica pela frequência (incompleta, muitas vezes) do Liceu.

Uma percentagem já razoável frequenta as escolas técnicas. A quase totalidade inscreve-se nos cursos nocturnos porque trabalha durante o dia. A escola põe, fundamentalmente, o problema da profissão, o problema da escolha.

A vida com os colegas de curso parece que pouco se impõe naqueles que frequentam cursos nocturnos e moram longe (arredores) precisando de utilizar os transportes públicos onde continuam o convívio mais com os seus vizinhos do que com os colegas. Nestes casos, parece assim que a atracção da vizinhança em ordem ao convívio é maior do que a qualidade de condiscípulo. Os que frequentam o liceu, onde os pais vêm maior garantia de promoção social, fazem mais vida com os companheiros de curso e acabam por se desligar, muitas vezes, dos antigos companheiros de vizinhança.

Antes da idade do namoro passam os tempos livres em camaradagens de 3, 4 ou 5 passeando e "fazendo namoro" às raparigas que encontram.

Há dois dias por semana destinados ao namoro: tal situação, toma foros duma verdadeira instituição que os pais respeitam.

O namoro é normalmente bastante livre permitindo por vezes a experiência sexual antes do casamento. Quase sempre acabam por casar para "regular as coisas".

Como é natural, são os jovens os mais devotados frequentadores dos bailes. Elés mesmos os organizam; constituem-se em grupos que, para sua diversão, usam emprestado qualquer recinto, uma garagem, por exemplo, assim como alugados ou emprestados também os discos e a instalação sonora.

Especialmente na idade juvenil, quando o tempo ainda sobra e os sacrifícios se aturam com prazer, conhecem-se as habilidades naturais de alguns, cultiyadas por eles e admiradas pelos amigos. Habilidade para a música, a dança, o teatro, etc. Criam-se facilmente pequenos grupos instrumentais, que vão actuando, mediante convite, aqui e acolá. A acção de um ou outro é extra-local, deslocando-se até Lisboa e actuando em casas de jogo.



(O casal e a mulher)

O meio que o homem mais sente como seu, se sente mais à vontade é, em muitos casos, o meio de trabalho. Em casa passa pouco tempo e os trabalhos caseiros não lhe dizem respeito. No entanto, entre os mais estáveis e qualificados, encontra-se o gosto pelo trabalho em casa, o prazer "de arranjar coisas", ou tratar do pequeno quintal. O vinho e até o compromisso com relações extramatrimoniais de alguns chefes de família agrava as dificuldades domésticas, quer o equilíbrio da convivência, quer o orçamento familiar. O baixo nível de cultura leva ao uso de métodos anticoncepcionais como único recurso para a limitação do número de filhos, impossibilitando-os de conhecer e praticar uma disciplina legítima e conveniente.

A mulher em casa ocupa-se no trabalho do lar deitando mão, simultâneamente, de várias tarefas. Algumas preferiam trabalhar fora de casa pensando que o trabalho seria mais leve e lhes traria outra independência e desafogo económico.

Em muitos lares o papel da mulher é decisivo no equilíbrio doméstico. É frequentíssimo o homem que apenas "é trabalhador", sem iniciativa e poder de organização. Nessa família, a mulher, com mais tempo livre ou de ocupação mais variada, torna-se o chefe de facto e o responsável pelo prestígio nas relações externas, aconselhando o marido do modo como em cada caso devem proceder.

Há mulheres que, recorrendo a trabalhos por vezes excessivos, tentam suprir as deficiências morais do seu marido (bebidas, mulheres, etc.) para poder alimentar e vestir os filhos. São frequentes mulheres cheias de respeitabilidade que pelo seu volume moral são procuradas ou pelo menos respeitadas em raios de vizinhança consideráveis.

(A habitação e a vizinhança)

A imigração é muito grande. Daí, a instabilidade de parte da população. Uma percentagem elevada da população é oriunda dos lugares mais diversos e afastados do país. Essas populações provêm da província atraídas pelas "facilidades" da cida-



de e tentam fixar-se nesta; ao fim de um período curto (um ou alguns meses), as dificuldades de alojamento provocam a "retirada" para os arredores; é então que se fixam nestes meios (em quarenta ou cinquenta anos, a população, agora residente, não existia). Haverá que contar para o recém chegado com um período mais ou menos longo de adaptação.

Simultaneamente à fixação dos imigrantes nestes lugares, dá-se a fixação de famílias burguesas ou cujo chefe exerce uma profissão liberal, que aqui vêm construir ou alugar a sua casa longe do bulício e escassez do espaço da cidade. A quase totalidade dessa gente não faz propriamente vida aqui.

A carestia e a insuficiência das habitações obriga a coabitarem várias gerações, e daí a razão das dimensões e do número de peças abaixo do ponto crítico, tal como as inevitáveis consequências físicas e morais (são frequentes os fogos dispondo apenas de uma, duas ou três divisões). A falta das instalações higiénicas indispensáveis, ao ponto de algumas delas não terem retrete ou, quando a possuem, ser comum com outras famílias, deixam bem prever as consequências que tais situações podem acarretar.

Muito embora haja uma fiscalização das Câmaras, os imóveis só por fora conservam um ar apresentável, sendo por dentro subdivididos e subalugados a numerosas famílias que ficam desprovidas de água, serviços higiénicos, fogo próprio, etc.. O baixo nível da vivenda deve exercer em muitos casos pressão sobre a vida familiar, mantendo-a numa estabilidade e numa tensão psicológica interna grande.

Em alguns lugares de construção mais recente, os bairros não passam de simples aglomerados de vivendas, longe duma planificação urbanística conveniente. As habitações constroem-se ao longo das ruas ou até das estradas, algumas destas, hoje de forte tráfego, o que origina desastres frequentes, principalmente fazendo vítimas entre as crianças das escolas.

Falta uma planificação prudente e sensata - já não pedimos de grande valor social e artístico. Os erros de urbanização repetem-se todos os dias, permitidos ou propostos pelos serviços das Câmaras Municipais. Não só se não constroem as habitações necessárias para a satisfação da procura, como ao



construir se tem em vista exclusivamente o lucro material, construindo-se não bairros mas simples aglomerados de casas.

A dificuldade de encontrar habitação, mesmo por renda não barata, é crescente e leva os menos favorecidos a afastarem-se cada vez mais da cidade. A proximidade residencial e a exiguidade interna das habitações exercem um papel preponderante na sociabilização dos bairros. Entre os operários, a tendência sociabilizadora é muito forte, criando-se grupos fortemente solidários. As relações de vizinhança são grandes.

O abastecimento mais elementar (vendas, mercearias) vai aparecendo com o tempo, seguido por outro equipamento maior.

Num certo sector, a tendência individualista faz-se sentir à medida que as famílias se guindam socialmente e se emburguesam. O ideal do empregado superior de empresa (desenhadores, etc.) é "não ser incomodado pelos vizinhos" e por isso "não incomoda ninguém". Nesses faz-se sentir o individualismo do pequeno burguês, o gosto de se "não misturar com o povo". Mas é fácil, num e noutra meio social, encontrar pessoas susceptíveis de serem ajudadas no seu interesse real de colaborar no bem comum.

3.4. A profissão. ILDADE DE ARQUITECTURA

UNIVERSIDADE DO PORTO

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Note-se que o encontro no meio do trabalho não basta para criar comunidades. Acontece nada se ter de comum, especialmente entre pessoas de condição social mais elevada.

(O trabalho na indústria)

O trabalho profissional mantém-se a um ritmo bastante constante e sempre igual para a maior parte dos casos. Assim, a vida dum operário conhece um ritmo sempre idêntico. Um dos maiores pesos da condição operária é a ligação estreita ao trabalho em série e ao ritmo da máquina. Muitos não gostam desses trabalhos "porque se faz sempre a mesma coisa".

A fadiga é outra consequência e ameaça permanente do trabalho, Também os transportes são, não raro, muito demorados, dada a distância entre o local de residência e o local de tra-



balho.

Cada profissão exige as suas qualidades próprias cujo exercício varia muito de umas para outras, exercendo assim influência diversa sobre os comportamentos. É grande a ausência de gosto pela profissão, especialmente junto dos trabalhadores não qualificados. Uma profissão é boa ou má em função do grau de segurança presente e futuro sob o ponto de vista material e em ordem aos encargos familiares. Em certos, encontra-se uma estabilidade na profissão e no emprego: (um caso: um rapaz de catorze ou quinze anos em pouco mais de um ano percorreu cinco empregos muito diferentes). Entre operários não qualificados o emprego é que condiciona a profissão.

Uma grande percentagem dos trabalhadores não qualificados trabalha na construção civil e assim estão sujeitos à instabilidade própria do emprego. O trabalho numa empresa é, regra geral, mais estável. Mas a idade e o exame médico são muitas vezes barreiras para alguns. Esquece-se que a cada um deve convir o direito de exercer o trabalho mais adequado e mais proporcionado às suas qualidades e aptidões.

A oficina não é sempre uma escola profissional do operário, como devia, porque é o único meio e lugar da formação e escolha dos chefes. Há empresas onde já se conhecem tentativas para encarar a oficina como um forte e precioso agente de sociabilização, estruturando-se um tipo de relações entre os operários e outros empregados com base na diversão, culturalização, previdência, etc.

A franqueza nas relações e a aceitação fácil dum caminho exigente e renovado é, porém, uma das características favoráveis ao trabalho sério num meio destes.

(A mendicidade e o roubo)

A mendicidade não toma geralmente a característica de profissão (estado social do mendigo instalado). É motivada pela diminuição de recursos causados pela perda do trabalho, doença, etc.. Na generalidade, o mendigo é um trabalhador sem emprego. A mendicidade é uma situação própria a uma condição: a do trabalhador assalariado. É uma permanente ameaça no hór-



zonte do trabalho, sentimento constante de insegurança do trabalhador. O mendigo raro é um inadaptado social e nem mesmo um incapacitado para o trabalho. Aqui, é mais um capacitado para o trabalho, sem emprego ou com emprego insuficiente para custear as despesas da família.

Só no campo da mais elementar assistência os problemas são inúmeros, porque as dificuldades são numerosas e grandes: a fome, o frio, a doença, a necessidade de decência, a necessidade de conforto moral, a necessidade de companhia, a necessidade de educação e a dificuldade de escolha da profissão.

A tentação do roubo é comum entre os menos qualificados profissionalmente e entre aqueles que maior privações passam pelos salários muito baixos. Dum modo geral, porém, trata-se de gente séria que não toca nos objectos de valor e muito menos no dinheiro (sempre que se lhes deposita confiança).

(O trabalho profissional da mulher)

O número de mulheres com o trabalho fora de casa parece ser diminuto. A percentagem de mulheres casadas trabalhando fora de casa é pequena, relativamente ao que se podia supor.

A mulher fora de casa significa o abandono do lar e o abandono parcial dos filhos, dada a ausência de creches, jardins, etc. O sistema de amas ajuda as mães que se vêm forçadas a abandonar as crianças pelo trabalho profissional. Essas mulheres não têm preparação alguma especial.

3.5. Os tempos livres.

A exiguidade do modo de passar os tempos livres, especialmente o curto espaço de tempo após o trabalho, acusa nas vendas ao copo uma afluência extraordinária. (Trezentas vendas, numa freguesia).

Num meio destes o "rádio" tem uma acção muito grande. Os discos na moda são repetidos e os seus principais textos cantados, principalmente pelos rapazes. Comparado com o meio rural e o meio burguês, este é o meio mais favorável àquelas expressões. O "rádio" também é mais ouvido pela mulher, quando esta fica em casa.



Pouca gente lê diàriamente o jornal. Outras leituras são também raras: limitam-se às colecções de "cinema" ou "histórias aos quadrinhos" de aventuras. Um só livro divulgado de tempos a tempos, tipo propaganda protestante ou sobre "Os Milagres de Fátima", conhece grande aceitação. Não se trata portanto duma propaganda tipo escaparate mas tipo livro único. Os jornais da JOC e a revista da JOCF têm alguma venda entre as famílias e amigos dos jovens trabalhadores católicos.

Também o futebol não conta grande número de adeptos entusiastas. Apreciam bastante, em contrapartida, as saídas dos meios onde vivem, passeios, excursões, etc.. E também apreciam as festas, especialmente tipo variedades (revista, etc.), logo seguidas pelo teatro e pelo "cinema cómico".

A T.V. "arrasta" os frequentadores habituais de cada venda para outros locais onde haja televisor às horas mais apreciadas.

Os agrupamentos colectivos mais comuns são os "grupos recreativos". Conhecem uma orgânica elementar, mas suficiente e eficaz, onde os "sócios" têm um papel activo (pelo menos, de algum modo activo, comparado com os moldes em que se descreve a vida local).

Os transportes colectivos - o autocarro, por exemplo - proporcionam um meio regular de encontro e convívio.

Além dos passeios também se apreciam as festas, mormente tipo variedades (revista, etc., logo seguida pelo teatro e na cauda pelo "cinema cómico"). Assim, organizam-se festas - bailes, "magustos", variedades... Além das recreações organizadas ora aqui, ora acolá, já por estes, já por aqueles, festeja-se o tradicional S. João. Em quase todos os lugares uma área ou troço de rua é embandeirado - ornamentações tradicionais de madeira e papel - ou dispõem apenas dum altifalante e duma banca na rua para venda de vinho. Regra geral, as ornamentações fazem-se próximo das "vendas" cujos proprietários são os patronos e promotores das festas. Dança-se na rua ou na estrada. Os gastos nas ornamentações são às vezes custeados por subscrições. Além disso usam-se "cartões" ao longo do ano. Na Arroiteia, eram de 1\$50 por semana - pagos durante 52 semanas - em 1961.



Num meio onde a solidariedade é muita e se encontram exemplos de força coesiva e auxílio mútuo, também -á movimentos explosivos de repulsa, dramatizando-se os pequenos acontecimentos desagradáveis. Do "escândalo" faz-se um verdadeiro pas-satempo, com a diferença de que o jogador não joga com calma e não sai ileso da contenda, dando origem a desagradáveis e imprevistas consequências.

A gabarolice, que é uma espécie de vaidade, ocupa grande parte dos momentos passados com "uma pessoa importante", ocasião aproveitada para relatar e enaltecer as próprias façanhas, a rectidão de carácter, a coragem "seja perante quem for", a boa impressão que se causa nos outros, o espírito de abnegação, desintéresse e sacrifício, etc.

É frequente encontrar adultos que cultivam o sentido do humor, sabendo encontrar o lado humorístico de cada situação.

Entre as mulheres, a ocupação mais frequente, de escassos minutos muitas vezes repetidos, é a conversa - a "palavrinha" - a caminho da mercearia, ou no muro do quintal, ou à porta da rua, etc. As "relações" são, regra geral, feitas entre vizinhos; as grandes distâncias e o preço dos transportes não permite que se mantenham "as antigas". Aliás essas relações são muito elementares, simples, nada complicadas nem convencionais.

3.6. As relações com as Estruturas Sociais.

As relações dos habitantes com a paróquia e com a empresa são superficialíssimas, limitando-se à passividade de lhes tirar o proveito ou à sujeição dócil e desinteressada das suas imposições. E referimo-nos apenas a estas duas estruturas: para com outras, o alheamento é maior ainda.

3.7. Prática religiosa e paróquia.

Estes meios são meios de missão onde existem muitos baptizados e uma parté mínima de praticantes.

São numerosos os cristãos tradicionais que associam a ideia de ser católico à ideia de "ser educado e respeitado". As iniciativas de acção sentem-se normalmente (salvo os casos



de algumas juventudes) numa linha de engrandecimento bairrista. Conhece-se "um egoísmo paroquial que não é católico", e assim, a paróquia, tal como vive, torna-se impotente perante a vida moderna. Não são só os indivíduos que se encontram des-cristianizados mas os meios onde eles vivem são pagãos, sempre o foram. Por vezes as manchas de proletário são extensas. Vivem em "comunidade" e longe da Igreja, em bloco.

Os paroquianos não são do mesmo meio social e a cultura separa-se mais do que a profissão. Não há vida paroquial.

As "comunidades" reais são as do trabalho (oficina, etc.), as de vizinhança (rua, bairro, etc.), as de divertimento (grupos excursionistas, frequentadores da televisão, etc.), e essas comunidades estão desligadas da Igreja.

Os párocos cercam-se, na generalidade, de ricos e "importantes". Mas essas pessoas não são já os chefes naturais dos blocos humanos que residem na paróquia e a sua acção - ainda que cheia de boa vontade - é ineficaz, não os atinge. A caridade fraterna está reduzida à assistência e, mesmo esta, funciona melhor, geralmente, a cargo das Juntas ou das Conferências. Os peditórios consecutivos provocam no povo a imagem duma igreja mendiga, longínqua e importuna.

Os párocos não têm a preparação necessária para um trabalho nestes meios. Parece que, mesmo os de excelente boa vontade, não sabem concretamente o que querem, desconhecendo como devem trabalhar, faltando-lhes a experiência mais elementar e os conhecimentos indispensáveis.

As paróquias estão reduzidas à administração. Esta precede, em importância, a própria pastoreação. O culto segue-se à administração e a missionação é debilmente representada (quando o é) por um movimento de leigos operários. Limita-se aos baptizados, casamentos e funerais e às missas dominicais. Algumas associações de leigos contam-se numa ou noutra. A falta duma perspectiva de conjunto, e duma acção também de conjunto, é notória.

Os actos de culto são feitos sem cuidado na procura do essencial que a economia pedagógica, num meio destes, exigia.

A vida dos cristãos tradicionais e a sua presença na igreja, mais é entrave aos novos que deviam aproximar-se, do que



presença apostólica.

Temos nesta ideia geral, neste rol de problemas e situações que não chega a ser uma caracterização, alguns dos aspectos dominantes - quer de expressão urbanística, quer de relações sociais - dos nossos arredores.

Concluimos com Schmitt-Eglin (147): "Um mal diagnosticado suscita uma terapêutica adequada. Há certos meios para estabelecer um contacto humano que eleve as pessoas ajudando-as a mudar de mentalidade (...)" "Independente e livre, compreenderá o seu próximo, respeitará a sua autonomia e a sua liberdade. As relações sociais estabelecem-se honestamente colaborando de igual para igual com vista ao bem comum. Elevam-se da paternidade mágica à fraternidade social. É assim que se poderá conceber uma educação popular".

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



4. RELATO DA EXPERIENCIA NO PADRÃO DA LÊGUA

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



Escasseiam trabalhos, até estrangeiros, sobre os subúrbios. No entanto, os quatro trabalhos que escolhemos e atrás noticiámos, foram descobertos e estudados com emoção, porque coincidiam, em numerosíssimos passos, com a experiência vivida no Padrão da Lágua.

I PARTE. Desde o início até ao começo da Linha de Acção.

- | | |
|---|---|
| | 4.1. <u>Um grupo humano por estruturar</u>
Fase 0. Antecedentes. |
| (Nov. e Dez. de 59
e Jan. de 60). | 4.2. <u>Começa-se uma acção de fora para dentro.</u>
Fase 1. Acção do Padre até à inauguração da Capela. |
| (Fev. Março, Abril,
Maio, Junho e Julho
de 60). | 4.3. <u>No meio deles: uma acção pastoral</u>
Fase 2. Desde a inauguração da Capela até à primeira experiência da Comunhão Solene. |
| (Agosto, Setembro
e metade de Outubro
de 60). | 4.4. <u>Os primeiros êxitos e os primeiros erros.</u>
Fase 3. Desde a primeira experiência de Comunhão Solene até ao começo da Linha de Acção. |



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

A Paróquia Experimental no Padrão da Lágua comemorou o seu segundo aniversário em 2 de Fevereiro de 1962. Esta data de aniversário é marcada pela inauguração da sua Capela. O arranjo desta deixa pressupor algumas diligências anteriores realizadas nesse sentido.

O trabalho preliminar coube ao padre - actualmente, o pastor da comunidade - auxiliado pelos leigos empenhados numa obra comum. Algumas outras diligências fizeram-se anos atrás, quer para dotar esta população dum lugar de culto, quer para lhe prestar a assistência religiosa de que carecia.

Assim, os esforços dispendidos até à inauguração da Capela podemos agrupá-los em duas fases: uma fase que cumpre os trabalhos anteriores à vinda do padre Leonel de Oliveira e uma outra fase que se estende desde o momento em que entra ao



serviço do Padrão da Légua até à inauguração da Capela, no lugar da Arroteia.

A fase que segue estende-se desde a inauguração da Capela até ao começo da Linha de Acção que havia de ser estudada a partir de meados de Outubro de 1960 e iniciada no dia 13 de Novembro do mesmo ano.

Quem escreve, não foi testemunha ocular destas três fases iniciais. Elas serão descritas com base em elementos obtidos junto de quem as viveu. Só a partir de meados de Outubro de 1960 nos foi possível acompanhar a Obra até ao seu segundo aniversário (2 de Fevereiro de 1962).

Esta resenha histórica procurará ser tão objectiva quanto possível; tentará registar os factos fundamentais da vida da Paróquia nos seus primeiros tempos; omitirá, por necessidade de simplificação, tudo que considerarmos secundário e dispensável.

4.1. Um grupo humano por estruturar.

FASE O. Antecedentes; preocupações e diligências da Diocese e da população antes da vinda do Padre.

Esta população, que ao longo de quarenta ou cinquenta anos se foi fixando progressivamente, vai-se estruturando ao mesmo tempo que dispõe de estabelecimentos comerciais que lhe asseguram uma vida relativamente autónoma dos centros vizinhos. Cedo, as imediações do cruzamento das estradas Porto-Vila do Conde e S. Mamedé-Matosinhos como que comandam os outros aglomerados mais pequenos. Aí se irá instalando um comércio já não de primeira necessidade, como vendas e mercearias, mas um comércio que conta com lojas de fazendas, sapatarias, etc.

Esta população, advinda das partes mais diversas do país, implantando-se aqui e estruturando-se, desliga-se dos centros populacionais vizinhos criando vida de relações de certo modo autónoma: convívio, diversões, abastecimento...

Consequentemente, a par do esboço duma comunidade natural de vida aqui, ir-se-ão sentindo também longe os lugares de culto e distante a acção pastoral das quatro antigas freguesias,



às quais pertencia esta área que se estende desde Monte dos Burgos até à fábrica Sécheron e desde o Caminho de Ferro até S. Gens Novo, incluindo-o.

Este estado de coisas forçosamente havia de preocupar a Diocese e, quer pelas aspirações da nossa gente, quer pelas responsabilidades do Pastor - o Bispo -, quer pelas iniciativas de algum amigo ou conterrâneo, foi assim que antes da obra da Paróquia Experimental começar, já se tinham realizado várias diligências para dotar a população duma igreja-paróquia. Também o próprio Seminário havia anos que se preocupava através de um ou mais de um dos seus seminaristas em férias, nascidos aqui e reconhecendo que esta população fixada recentemente constituía um problema de pastoral para a Diocese, que colaboraram na medida das suas possibilidades, com um ou outro dos párocos das freguesias vizinhas.

Chegou-se a pensar na construção duma igreja no lugar do Seixo.

Este ou outro local para a igreja do Padrão poderá o futuro escolher de acordo com o plano de urbanização que o Concelho prepara presentemente. Porém, este problema viria a preocupar muito pouco, de entrada, o padre e os seus colaboradores e a situar-se muito pouco também na sua linha de acção.

UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

4.2. Começa-se uma acção de fora para dentro.

FASE 1. Acção do padre missionário como coadjutor duma das freguesias vizinhas até à inauguração da capela na Arroiteia.

Resumindo os antecedentes da Obra, começa a acção pessoal do padre Leonel de Oliveira junto da população do Padrão da Lêgua e lugares vizinhos.

O Bispo confiara a um dos seus padres a tarefa de criar uma nova paróquia por uma acção missionária. Para possibilitar um começo que gozasse da indispensável estabilidade, o padre escolhido é nomeado coadjutor do pároco duma das freguesias vizinhas, devendo ajudá-lo no que pudesse, mas fundamentalmente reservando-se para a acção que o Padrão requeria.



O primeiro passeio de mota faz-se nos fins de Setembro de 1959 ao acaso pelas ruas, desconhecendo até onde iriam as suas casas... Nesta data ainda não era coadjutor e foi este, de facto, o primeiro contacto com o local.

Aproximadamente um mês depois, já coadjutor, iniciava a sua nova vida colaborando na pastoral duma freguesia vizinha. Em ordem a estabelecer os primeiros contactos com a população fora resolvido que o padre tomaria conta dos papeis: baptizados, casamentos e funerais.

Havia já, há um ou dois meses, uma garagem-armazém reservada por aluguer para lugar de culto ao serviço do Padrão.

Porém como se desconhecia com precisão a que freguesias pertenciam as habitações, a acção paroquial teria de ser, de começo, sem distinção de fronteiras paroquiais.

Passadas duas semanas de adaptação e trabalho, o coadjutor resolveu, acompanhado pelo pároco, vir de visita ao barracão.

Entretanto, apresentavam-no aos paroquianos do lugar do Araújo onde o padre Leonel ficaria a celebrar a missa das 8,30 e desenvolveria ali uma acção pastoral com os elementos disponíveis locais. Fizeram-se reuniões de catequistas na capela do Araújo e em casa duma senhora aí residente onde compareceu muita gente desse lugar a mistura com pessoas do Padrão.

Só então tomou contacto com o barracão que se destinava a lugar de culto e se fez a primeira reunião com elementos locais no salão dessa paróquia, comparecendo dez paroquianos. Foram-lhe apresentados. Já neste momento a ideia de construir uma capela para serviço local estava espalhada entre os colaboradores que primeiro compareceram.

Porém, enquanto nada se resolvesse nesse sentido, pensou-se instalar aí jogos para rapazes e um telefone para contacto com outras pessoas, aproveitando a elaboração dos processos para casamentos, especialmente.

Como todos requeriam missa celebrada no local, instalou-se uma zona atrás reservada ao altar - espécie de santuário - mantendo o restante corpo do salão destinado a jogos, reuniões, ensino da catequese, sala para espécie de cartório, etc.

O projecto foi elaborado. Começam as obras, após demora-



das dificuldades para a obtenção definitiva do barraco mediante aluguer, e haviam de estar concluídas nas festas de inauguração a 31 de Janeiro e a 2 de Fevereiro.

Prevendo-se para a Capela uma missão didáctica, os elementos que interiormente a preenchiam foram cuidadosamente estudados. O altar, amplo, afastado da parede, permitiria a celebração versus populum. Ao lado, pensou-se colocar uma imagem de Nossa Senhora com o Menino. Dificuldades de encontrar uma imagem satisfatória levou o architecto e a comunidade a optarem pela imagem da virgem que hoje se vê na Capela. O ambão - lugar de proclamação da Palavra - tomou especial realce. E tudo o mais indispensável foi previsto, instalado ora no santuário ou sacristia que se construíram prolongando o corpo do barracão, ora adaptando o próprio barracão à função a que se destinava.

É tão importante o papel da Capela Experimental na Obra que se justificaria fazer a sua história e a sua descrição mais demoradamente. Não o fazemos porque receamos prolongar demasiado esta resenhá histórica das primeiras duas fases iniciais da Obra.

O trabalho do Padre no Araújo não esquecia os habitantes do Padrão. De princípio, pensou-se estabelecer uma ligação entre um e outro dos lugares, propondo-se no Araújo - lugar onde uma assistência religiosa sempre acompanhara alguns dos seus habitantes - criar uma consciência de paróquia aproveitando o esplêndido campo de acção que o Padrão oferecia à caridade fraterna e fazendo-se do Araújo a presença viva do cristianismo junto do seu vizinho. Daqui a tentativa de pôr em contacto as pessoas mais disponíveis e bem preparadas, de ambos os lados, para um trabalho em colaboração. Em pouco tempo se verificou que essa colaboração era difícil dado o pouco contacto real quotidiano.

Progressivamente a acção no Padrão da Lêgua absorvia o Padre e o entusiasmo inicial do Araújo enfraquecia, até talvez pela pouca assistência e pela especificidade dos problemas do Padrão que ali não eram facilmente entendidos.

Cada vez mais a vida do Padre se ligava ao Padrão. Muitas vezes, tomava as refeições em casa dum leigo, motivando



grande transformação na vida de alguns.

Antes da Capela existir já começara o trabalho com os grupos.

A primeira acção que se impunha parecia ser de destruir a ideia errada do padre por uma acção pastoral directa, cheia de interesse por eles, de modo a sentirem que alguém se dedicava, alguém que era capaz de lhes falar claro, de lhes apresentar um Evangelho autêntico e um cristianismo exigente.

Um leigo, aí residente, ofereceu-se para tudo. A sua casa passa a ser a sede onde o padre trabalha: é na melhor sala da casa que se começam a fazer as primeiras reuniões com a presença de elementos locais e a colaboração de alguns do Araújo.

Preparava-se então activamente o dia da inauguração da Capela. O esforço para um grupo coral e para a preparação dos acólitos exigia reuniões próprias.

A acção começa também nas escolas. O contacto com os miúdos procurará atingir os pais e dar a conhecer o padre.

Desde o princípio, o missionário pensava na criação de grupos de prática de caridade e os quais se haviam de chamar depois Grupos de Caridade Fraternal. Esses grupos não coincidiam propriamente com as conhecidas conferências vicentinas de outras paróquias: aqui tratava-se duma caridade fraterna comunitária, de âmbito paroquial (148).

A primeira ajuda material que permite começar um trabalho concreto vem da conferência de Leça do Balio em dinheiro para distribuir e com ele um rol de pessoas necessitadas.

Assim, a acção pastoral de princípio incide sobre estas duas populações que, embora por razões diferentes, mais careciam de assistência: a criança e o pobre.

Fora estes contactos, provocaram-se outros aparentemente ocasionais como a simples caixa de fósforos comprada aqui ou acolá. Mais organizados já, começam os contactos com algumas famílias pela caridade fraterna. Os cestos das dévidas enchem-se antes de começar a construção da Capela.

Num encontro com os "notáveis", não se fazia ainda ideia alguma de quanto se gastaria para dotar o Padrão dum lugar de culto. Falava-se dum terreno oferecido e contava-se com uma promessa da Câmara de abrir as ruas de acesso logo que fosse



lançada a primeira pedra.

Sente-se que alguém estava interessado na valorização dos terrenos e repetem-se assim as apreensões da hierarquia já havidas noutra data muito atrás, isto é, o receio do lugar de culto poder servir de interesses pessoais em lugar de servir os interesses da comunidade. Um dia, o padre Leonel de Oliveira corta a discussão que ameaçava prolongar-se indefinidamente e insiste para que seja a garagem-armazém o lugar onde se instalaria a capela.

Resolve-se o arranjo. Cria-se uma comissão administrativa. Um construtor civil oferece os seus homens para iniciar a obra. A actividade é quase febril. Todos colaboram. No mês de Dezembro começam as obras. Os operários vão demorando o trabalho. Numa reunião marca-se o dia da inauguração da Capela. O Prelado viria celebrar a primeira missa no dia 31 de Janeiro de 1960.

A construção é acelerada. Muita outra colaboração é aceite; Alguma é rejeitada: mormente a intenção generosa de oferecer objectos religiosos cujo cuidado de escolha brigava infelizmente com a concepção geral da capela.

É então que se prepara o primeiro contacto em grande linha com a população, comunicando-lhes numa reunião-gigante o que se estava a fazer. Um folheto explica: Chegou a hora, a hora do grande sonho; a Capela era o berço onde iria nascer a Paróquia e a primeira pedra da igreja paroquial. São feitos convites por todas as casas. Um domingo de manhã comparecem na sede dum clube desportivo mais de cem homens aos quais se explica o que era a capela, então já em pleno andamento (Janeiro). Noticiou-se a data da inauguração, onde era e porque era assim, porque era assim o altar, porque havia uma só imagem, o que era a paróquia-família. Fez-se um confronto entre as pedras vivas e as pedras mortas, entre os corações e os materiais de construção.

Os dias 31 e 2 constituíram os dois primeiros grandes êxitos da Obra.



4.3. No meio deles: uma acção pessoal.

FASE 2. Desde a inauguração da Capela até às primeiras experiências de pastoral.

O Prelado veio. Benzeu a Capela e celebrou missa. Na Homilia referiu-se à igreja de pedra, como sacramental; anunciou o começo duma obra, devidamente organizada, de instrução e formação; uma acção de evangelização. A Capela seria o berço da paróquia que nascia.

A capela repleta. Alguém calculou em 700 pessoas o número dos presentes, dentro e fora.

No dia 2 de Fevereiro realiza-se uma procissão. Próximo do centro, ao pé do cruzeiro, o Padre dirige-se a cerca de 1.000 pessoas.

No fim da procissão houve missa celebrada na Capela onde o Padre fala pela primeira vez.

A preparação do dia 2 movimenta imensa gente: conhecem-se esforços dedicadíssimos e também houve lugar para aborrecimentos e invejas.

O Padre ainda continuava ligado à freguesia onde começara como coadjutor; a pouco e pouco a missa lá celebrada à semana e a própria missa celebrada no Araújo ao Domingo gastam-lhe um tempo incompatível com as ocupações crescentes no Padrão. Verifica-se uma invasão de intenções e a missa diária força-o a abandonar a igreja da freguesia para a celebrar na Capela.

A acção cresce ao mesmo tempo que o desinteresse no Araújo se acentua e, lentamente, desliga-se dessa gente que primeiro o acolheu e lhe prestou colaboração. Reconhece errada a ideia inicial da colaboração dada a distância entre as populações e a especificidade dos problemas locais.

O tempo gasta-se em visitas, contactos, na catequese, nas reuniões de grupos. Nesta altura o pastor missionário adquire uma scooter.

Impunha-se vir residir no Padrão. A própria despesa nas deslocações, muitas em carro de praça, convidavam-no, a isso, bem como a maior possibilidade de servir a população tratando dos processos de casamento e dos baptizados: e assistindo-a melhor, residindo junto dela.



Instituem-se as missas vespertinas, já o Padre residia numa casita do Monte da Mina cujas traseiras lembravam uma ilha. As missas dominicais são já duas: a missa das 8,30 passou para as 7,15 e a segunda celebra-se com começo às 10 horas.

Neste ponto da vida da Obra já se tinha uma ideia da área a missionar e a pastorear.

A área experimental, ainda que tibiamente esboçada, não impediu a desenvoltura e o desassombro duma acção que prosseguia. Os grupos de trabalho foram considerados como uma experiência de pessoas. O pastor não se desiludiu com o abandono de numerosos colaboradores e sempre procurou cortar duro os conflitos entre eles.

A Caridade Fraternal faz obra apreciável durante o primeiro ano de distribuição, doze contos em géneros, dinheiro e medicamentos. Em meados e fins de Março, quase simultâneos, criam-se dois grupos de acção local, o primeiro em Recarei e o segundo na Arroiteia.

Também chegara a Quaresma e as celebrações deste primeiro ano procuraram já atingir o nível de exigência que o bem da Comunidade e a dignidade do tempo litúrgico exigiam.

Antes dos meados de Março iniciam-se umas pregações às 5^{as} feiras à noite que compreendiam leituras, cânticos e explicações.

A participação na Santa Missa durante tempos fizera-se no âmbito das simples experiências. O mês de Maio de 1960 lança o Povo numa participação autêntica da Missa. Vendem-se muitos missais e esboçam-se as grandes linhas na participação no acto máximo da vida dos cristãos, que havia de ser sucessivamente aperfeiçoada.

A Missa Dominical ocupou o lugar primeiro entre as preocupações da Obra e torna-se, mantendo-se até hoje, o acto comunitário por excelência do povo da nova paróquia.

Ainda em Maio, a Paróquia promove outra procissão.

Entretanto um grupo de senhoras organizavam e realizavam uma festa. Acorre muita gente; estabelece-se um convívio proveitoso para conhecimento mútuo: é aí que o Padre conhece imensas pessoas; e obtem-se uma grossa quantia que havia de ser empregue na aquisição de paramentos.



Pouco depois, o grupo de senhoras que colaborara quer no arranjo da capela, quer na obtenção dos fundos para fomento da Obra, foi abandonado a si mesmo.

Também em fins de Julho a Comissão Administrativa é dissolvida.

4.4. Os primeiros êxitos e os primeiros erros.

FASE 3. Desde as primeiras experiências de pastoral até ao começo da Linha de Acção.

Já em princípios de Agosto se realiza a 1ª Comunhão da 1ª Catequese. Algum tempo depois, em meados de Setembro, realiza-se a Comunhão Solene: as crianças vão em procissão à pia baptismal de Leça do Balio.

Ainda a meio de Agosto, começa o trabalho com a juventude: procura-se criar a J.O.C. (Juventude Operária Católica) com a colaboração de dois amigos jocistas do Porto.

Pelos fins de Setembro, o Padre preocupa-se com a nova catequese, formando o 2º grupo de catequistas.

Desde o seu começo até ao 2º aniversário, se lêssemos com atenção um mapa das realizações, veríamos alternarem-se períodos de intensa actividade com períodos de actividade mais moderada.

No momento em que fechamos a I Parte, a Obra conhecera desde os seus princípios (Nov. de 1959) até meados de Junho de 60 (1ª e 2ª fases) um forte período de actividade. Após esta data até ao fim da referida I Parte da sua história (até fins de Setembro) entra um novo período (3ª fase) este mais modesto em realizações e de actividade mais lenta.

Os grupos que até então se tinham lançado e as actividades que se iniciaram mantinham-se pouco mais ou menos os mesmos e o outro período que se lhe segue, após a Procissão nos fins de Maio, conhece só a Primeira Comunhão nos princípios de Agosto (note-se a grande distância...), o começo do trabalho com um grupo de rapazes em ordem à JOC, a Comunhão Solene da catequese logo a seguir e a preparação da 2ª Catequese.

Apercebemo-nos assim, nitidamente, de dois períodos distintos compreendidos na I Parte da Obra. No primeiro (1ª e 2ª



fases) o Padre contou em Novembro de 59 com 7 colaboradores (adultos), com 54 (26 adultos e 28 jovens) no mês seguinte e com 85 no mês de Fevereiro de 60 (50 adultos e 35 jovens). O número de colaboradores decresce para 67 em Março (32 adultos e 35 jovens), por causa da dissolução dos grupos iniciais de trabalho nas obras da Capela, torna a subir para 75 (40 adultos e 35 jovens) devido à criação dos grupos de Caridade Fraterna de Recarei e Arroteia, e decresce de novo para 61 em Janeiro (26 adultos e 35 jovens) por causa do descanso a que se devota o grupo das senhoras.

Entrava então numa nova fase (3ª fase), esta de pouca actividade, que abrange os meses de Julho, Agosto e Setembro de 1960. No mês de Agosto contava o Padre com 66 colaboradores (26 adultos e 40 jovens) e no mês seguinte o número era de 67. Até o número dos colaboradores directos se mantém estacionário. Ora, é nesta altura (estamos no mês de Outubro de 1960) que se inicia uma outra temporada decisiva da Obra. É aqui que iniciamos a II Parte.

Entretanto, a convite do Prelado, a Obra fora visitada por uma assistente social do Instituto. Combinou-se que algumas assistentes sociais estagiárias serviriam a Comunidade: o seu trabalho começaria em meados de Outubro de 1960.

II PARTE. - Desde o começo da Linha de Acção até ao 2º aniversário da Capela.

(metade de Outubro, Nov. e Dez. de 60 e Janeiro de 61).

4.5. Acção dum grupo

Fase 4. Desde o começo da Linha de Acção até ao 1º Aniversário da Capela.

(Fev., Março, Abril, Maio, Junho, Julho e Agosto de 61).

4.6. Consciência de grupo

Fase 5. Desde o 1º Aniversário da Capela até à eleição da 2ª Mesa Administrativa.

(Set., Out., Nov. e Dez. de 61 e Jan. e Fevereiro de 1962).

4.7. Estruturação e auto-reflexão

Fase 6. Desde a eleição da 2ª Mesa Administrativa até ao 2º Aniversário da Capela.



Até à data em que deixámos a história da Obra fechando a primeira parte daquela, podemos resumi-la em duas palavras como uma acção pessoal do padre auxiliado por alguns que colaboraram com ele a título mais de acção pessoal do que acção integrada num grupo ou grupos. A partir daí - o tempo compreendido desde o começo da Linha de Acção até ao segundo aniversário da Capela e objecto desta II Parte que agora iniciamos - a Obra pode-se afirmar, também em duas palavras, como acção dum grupo paroquial em ordem a um conjunto vasto: os residentes no Padrão e lugares vizinhos.

Dos abrigos onde se desenrolassem as suas actividades, a paróquia contava até então com a Capela (praticamente no pé em que ainda hoje se encontra) e com a habitação do Padre que servia também para reuniões de grupos pequenos e serviço de cartório.

Nesses dois espaços experimentais - e assim o designamos porque o foram de facto desde o início - decorreria e decorreria a vida do grupo e de parte da comunidade paroquiais. A outra dezena de espaços experimentais que iriam aparecendo e sendo utilizados, a Obra usa deles na II Parte da sua história.

Nesta altura, faziam-se diligências em ordem a um novo espaço abrigo - o salão de trabalho e jogo da secção de JOC em preparação.

4.5. Acção dum grupo

FASE 4: Desde o começo da Linha de Acção ao 1º aniversário da Capela.

Começa o trabalho de leigos de fora.

O Prelado noticiara à direcção do Instituto Social a Obra que nascera e progredia no Padrão.

O Padre Leonel recebe a visita duma assistente social que se mostra interessada pela Obra e pela zona de trabalho; fica combinada a colaboração de algumas estagiárias a partir de meados de Outubro.

Entretanto um outro leigo, em conversa com o prelado, toma conhecimento da Paróquia Experimental e contacta com o P. Leonel.

Faz-se um primeiro passeio pela paróquia com as assis-



tentes sociais em 13 de Outubro.

A primeira reunião com as assistentes efectua-se no último dia desse mesmo mês. O Padre expõe os problemas internos: de acção social (a fome, o abandono, a infância desprotegida, a educação descurada, a juventude ao sabor de iniciativas pequenas e não contitnuadas, etc.) e de subsistência da Paróquia (o problema duma sede, dum centro, talvez; fala-se num empréstimo pela Câmara dum barracão desmontável e na remuneração pela mesma do pessoal permanente). Impunha-se arranjar um terreno, um local de reuniões e um local de receitas...

E isto ficom em suspenso, para se debruçarem sobre a organização da paróquia. Até aí, como o próprio P. Leonel o dissera, tratara-se duma experiência de pessoas. Os moldes duma organização, desenhavam-se, porque já se fazia sentir a sua necessidade, sem porém, se poder falar até à data duma organização da comunidade e, nem sequer, do grupo paroquial.

Foi proposto fazer-se um mapa das pessoas que trabalhavam na Obra anotando-se os nomes, função, profissão, sexo e idade.

Pensou-se numa organização da Paróquia. Porém, a prática posterior havia de propôr novas direcções de investigação em ordem à mais conveniente e correcta organização duma paróquia. Mas essas coisas só muito mais tarde haviam de ser descobertas e até aí a Obra foi-se governando como pôde.

A 1ª. Mesa Administrativa e a JOC:

Como a Comissão Administrativa tinha sido dissolvida em Julho passado, impunha-se escolher nova comissão. E foi assim feito em princípios de Novembro de 60: nomearam-se quatro paroquianos para essas funções. A ideia inicial mantivera-se: o Padre procurava libertar-se inteiramente da administração financeira, confiando-a a leigos. Ambicionava-se, com isso, libertar o missionário-pastor de toda a relação com o dinheiro. Esta comissão que se chamou Mesa Administrativa manteve-se a trabalhar, pagando avultadas dívidas, até meados de Novembro do próximo ano, altura em que foi eleita a 2ª. Mesa.

Com a designação de Mesa que substituíra a designação de Comissão, pretendeu-se vincar o carácter da Obra que ia crescendo e estabilizando-se, conferindo-se ao grupo de leigos



nomeados o sinal dum serviço eclesial. Em grande parte essas intenções foram conseguidas. O grupo trabalhou precisamente um ano, 12 meses de esforço pertinaz em clima familiar de amigos. A capacidade de iniciativa (prossecução de festas e sorteios) sobrepôs-se de longe à capacidade de organização.

O modo honestíssimo como sempre procederam foi também uma confortante novidade na história da Obra. Este grupo, teve, parece-me, a alegria de ter começado na Obra um trabalho "honesto até ao tostão" que depois se manteria pelas mãos de outros, tornando-se uma tradição que por si só prova o realismo do padre na confiança que nos leigos locais depositou.

A meados de Novembro já a JOC trabalhava regularmente. Tentam um inquérito (lugares de trabalho e convívio assinalados numa carta do bairro) que se não chega a efectuar.

Pela mesma altura, obtêm-se do Presidente da Câmara o prometido material cartográfico, assim como o relatório de contas da Câmara com elementos de estatística sobre o Concelho.

A paróquia é dotada dum salão de estudo.

Entretanto, já em fins de Outubro se começara a instalar um Salão de Estudo da Nova Paróquia em Recarei. Após o oferecimento duma sala no mesmo lugar que não chegou a ser ocupada por não oferecer as condições ambicionadas, toma-se contacto com um paroquiano em vista à cedência dum grande espaço (quase 5x12) para local de reuniões e estudo. O paroquiano, aliás agnóstico, anuiu desde logo. Imediatamente se procurou instalar o equipamento vindo dum atelier de arquitectura do Porto, e começou o trabalho de cartografia e estatística.

Foi nesta altura que outro leigo, finalista de arquitectura, foi trabalhar connosco e aqui esteve até ao fim do ano.

A já referida reunião com as assistentes sociais (31 de Outubro) realiza-se nesse salão assim como outras reuniões seguintes.

Após a cedência do salão da JOC, é este o quarto espaço abrigo ao serviço da Obra e da Comunidade. Aí nos propusemos realizar um trabalho de geografia física, o estudo da situação do concelho por freguesias, a morfologia social do território da Paróquia, até à tentativa de delimitação do território paro-



quial. O ambicioso programa naqueles aspectos que a experiência futura havia de insistir e dar como necessário, foi em parte realizado.

Assim ia prosseguindo um trabalho paralelo: investigação e acção. Esta distinção havia de se manter correcta até hoje.

O que foi a Linha de Acção.

Logo após as primeiras conversas de Outubro de 60, desenha-se a necessidade duma acção programada, e é estruturada o que havia de se chamar Linha de Acção e se manteve até ao 2º aniversário ou, se quisermos, se manteve mesmo até ao presente.

O esforço preconizado na Linha de Acção foi o único trabalho programado e mantido durante tanto tempo pela Obra. O esquema central (etapas e programa) foi exposto primeiramente a alguns paroquianos reunidos na Capela transformada em salão de reuniões e explicada num quadro preto. No dia 7 de Novembro expunha-se a mesma linha de trabalho às assistentes sociais, que por ele manifestaram interesse. Dois dias depois repete-se uma reunião agora maior e na presença das assistentes em ordem à 1ª fase da Linha de Acção: a Saudação.

Vamo-nos demorar um pouco com a Linha de Acção, pois sem ela é impossível fazer a história de II Parte da Obra e até impossível também compreender a Obra da Paróquia Experimental.

Assentámos os objectos da Linha de Acção: fazer o povo descobrir, acompanhar e aderir à Obra; e obter os necessários meios de subsistência e apoio.

Tal objectivo propunha uma acção programada, mais ou menos demorada, em ordem a interessar o povo pela Obra. Reconhecia-se que os grupos então existentes eram incapazes de qualquer acção e visão de conjunto e consequentemente a Linha de Acção, sem os contrariar, exercer-se-ia fora deles. E ainda se consideravam incapazes, inoportunos e errados os sistemas usados habitualmente para angariar dinheiro em idênticas circunstâncias.

Da consideração dos objectivos e dos pressupostos nascem os princípios que devem nortear a Linha. Assentou-se na necessidade de entendimento, de compreensão para que a comunicação



entre a Obra e o povo se estabelecesse; combinou-se só pedir colaboração ao povo depois de o ter ensinado a dar, só depois de lhe ter dado alguma coisa. Impunha-se também como necessário falar dum modo que o povo entendesse.

Finalmente, como conclusões, foram expressas: o acerto cuidadoso da "linguagem" a usár, a redução ao essencial, a acessibilidade do que se dissesse, a necessidade de repetir, a política de dar primeiro, e, só depois, pedir apenas aos já interessad^{os} pela Obra. Acordou-se ainda a vantagem de recorrer a meios visuais e auditivos capazes de despertar rápida e simultâneamente atenções numerosas e, como corolário, poupar o esforço de leitura demorada e privada.

A LINHA DE ACÇÃO

realização dirigida a	fases	ideia dominante
todos	Saudação e Salão	Uma Paróquia? Porquê?
todos	1 ^a circular: História da Paróquia Alguns projectos	A nossa Paróquia
todos	Exposição	Quem são os nossos paroquianos. Território paroquial.
2 ^a circular:		
aos que viram a Exposição	1 ^o pedido de contri- buição	_____
todos	X?	_____
3 ^a circular:		
aos que viram X	2 ^o pedido de contri- buição	_____
todos	Filme	como vivem os paroquianos?
4 ^a circular:		
aos que viram o filme	3 ^o pedido de contri- buição	_____
todos	Jornal	_____



Na fase assinalada com um X interrogado esperávamos que alguma actividade adequada pudesse na devida altura ser apresentada como fase da Linha de Acção.

Em princípios de Novembro, como já dissemos, preparava-se a primeira fase: a Saudação. Esta realiza-se a 13 de Novembro, primeiro dia de festa do Padrão, já como paróquia em estudo.

Ao estabelecermos a Saudação seguimos o mesmo critério. Assentámos, como objectivos, que levaria a todos os moradores o conhecimento da existência duma paróquia em estudo; a notícia da existência da Capela e dum Salão para estudo da Nova Paróquia; e aproveitámos o momento para fazer a contagem do número de fogos por lugares, distinguindo as famílias presentes das ausentes no acto da visita.

Como princípios estipulámos que a visita se destinava ao povo, procurando criar um começo de consciência de paroquianos; que devia ser feita por alguns dos próprios paroquianos já responsabilizados na Obra e, como dissémos, seria aproveitada para a contagem dos fogos em moldes objectivos.

Finalmente, concluimos fazer dessa manhã um dia festivo levando a todos a mesma notícia proclamada com insistência; impunha-se escolher e preparar os paroquianos-visitadores e estudar o meio de "justificar" a visita, e prepará-los também relativamente ao trabalho metódico e objectivo da contagem. Todos - padre, leigos de fora e paroquianos - deitaram mão dos meios a utilizar e da organização que se requeria.

Seria composta uma pagela comemorativa das festas do Padrão e oferecida a cada família, como recordação, no final da visita.

Esta ideia desenvolveu-se e concretizou-se em conversa-discussão (9 de Novembro). Acordou-se na dificuldade de realizar todo o trabalho numa só manhã. Um dos paroquianos propôs que a Saudação se fizesse com um carro sonoro: o carro sonoro proferia as palavras que estavam reservadas aos visitantes e estes faziam apenas o papel de simples distribuidores das pagelas. O carro devia passar por todos os lugares saudando os moradores, prevenindo-os da distribuição e pedindo-lhes que facilitassem o trabalho. Aceite a sugestão, dividiu-se a paróquia em zonas de trabalho (que quase coincidiram com os lugares tra-



dicionais) e escolheram-se os distribuidores para cada zona. Cada assistente social ficou de acompanhar cada um dos seis grupos.

Preparou-se a pagela com uma gravura de S. Gabriel e a legenda: O Anjo S. Gabriel traz a grande notícia à Virgem Maria. Na outra face o "slogan": Já fizemos alguma coisa, mas temos muito a fazer.

No dia da distribuição, pela manhã (8,30 - 9,00) decorou-se o carro sonoro e começou o trabalho meia hora depois, estendendo-se até às 13 horas.

O carro percorreu repetidas vezes todo o território que havia mais tarde de ser dado como jurisdição ao P. Leonel.

Mobilizaram-se 24 distribuidores. Após a distribuição fez-se, dias depois (10 de Novembro) o apuramento da visita. A reunião conduzida pelas assistentes sociais deu origem a um relatório das impressões da Saudação, que recolheu as opiniões dos distribuidores sobre o modo como foi recebida a pagela em cada zona, os comentários de alguns dos visitados, e outras observações dos visitantes.

Resumindo, por necessidade imperiosa de nos não alongarmos, apurou-se o seguinte: Na zona da Arroteia contaram-se 209 fogos com alguém presente que recebeu os distribuidores e 24 fogos sem ninguém em casa, e ao todo, portanto, 233 fogos. A zona de Monte da Mina contou 263 presentes e 56 ausentes e um total de 319 fogos; Padrão contou 120 presentes e 14 ausentes e um total 244, em Recarêi foram distribuídas 280 pagelas, 268 a presentes e 12 a ausentes; em S. Gens 1 contaram-se 195 fogos; em S. Gens 2 apuraram-se 186 presentes e 39 ausentes e um total de 225; finalmente, na zona do Seixo, 314 famílias fecebem a visita e outras 50 famílias não estavam em casa o que perfaz um total de 364 fogos. A somá das 6 zonas contou 1.860 fogos com uma percentagem de ausentes em média de 11,52% e em moda de 17,5%.

Sobre os comentários e observações dos distribuidores relativamente ao modo como foi recebida a visita, três pessoas (o padre, uma assistente social e quem escreve estas linhas) propuseram-se isoladamente classificar os lugares por ordem decrescente quando à boa recepção da pagela. A classificação



coincidiu quase perfeitamente, o que prova a objectividade com que foram anotadas as impressões da Saudação. Concluiu-se que ppr ordem decrescente receberam bem a visita as seguintes zonas: Arrosteia, Monte da Mina, Padrão, Seixo, Recarei e S. Gens.

Perante estes resultados, logo perguntámos quanto a proximidade da capela (na Arrosteia) e a proximidade da habitação do Padre (em Monte da Mina) teriam contribuído para a boa recepção da visita e, em contrapartida, quanto o afastamento de outros lugares teria contribuído para a frieza ou hostilidade de algumas famílias menos dentro daquilo que a Obra pretendia. Mais tarde, outro trabalho, ao qual nos referiremos na devida altura, viria confirmar esta nossa hipótese.

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Prossegue a acção da Caridade Fraternal.

O trabalho do Padre com os grupos, há longo tempo iniciado, prossegue paralelamente à Linha de Acção. Antes de meados de Novembro, cria-se novo grupo local de Caridade Fraternal (monte da Mina) que se veio juntar aos dois já existentes.



Ainda a Linha de Acção.

Também continua a Linha de Acção e prepara-se a nova fase: a 1ª Carta Circular. O Padre Leonel redige-a. É discutida em reunião e faz-se a sua distribuição. Intitulava-se "uma pequena grande história" (História da Nova Paróquia em Estudo). Noticiava todos os primeiros passos da Obra que já conhecemos até à Saudação inclusivé. Esta 1ª Carta Circular, além do interesse de ter sido a terceira tomada de contacto com a massa (a primeira foi a reunião no clube Padroense noticiada na primeira parte e a segunda foi a Saudação) tem ainda o interesse de ter sido a primeira exposição por escrito. Simultâneamente, com a Saudação, apresentava-se a existência do Salão de trabalho em Recarei. Explicava-se: Embora já tivéssemos a Capela, o Salão era para estudo. Como saber quais são as casas e as famílias que pertencem à Nova Paróquia? Até onde vai o Padrão da Lêgua? Sentia-se como necessário um lugar onde os arquitectos e as assistentes sociais pudessem ajudar a fazer a nova paróquia. Coloca-se uma tabuleta na porta do Salão, noticiando-o, e ao longo das semanas aí vão estando expostos os cartazes preparados para a Montra no centro do Padrão, no estabelecimento de fazendas dum paroquiano amigo.

Com a Montra, pretendíamos satisfazer os objectivos: despertar a curiosidade pela obra ou recordá-la àqueles que já ouviram falar nela, explicar o que é, porquê, e, qual paróquia. Concluimos, criar montras acessíveis, vistosas, a remodelar semanalmente, preparando desenhos e textos claros, simples e curtos, próprios de cartaz e capazes de traduzir a ideia.

A primeira Montra (12 de Novembro, véspera da Saudação) referia-se ao altar. Dizia: o altar é o centro e o ponto principal da Capela; nós, que vamos à missa, agrupamo-nos perto do altar. A segunda montra (19 de Novembro) explicava que a Capela era o centro da Nova Paróquia; as nossas casas agrupam-se em volta da Capela. Na montra seguinte (26 de Novembro) repetia-se: O centro da capela é o altar; o centro da Paróquia é a Capela; as nossas casas agrupam-se em volta da capela. E perguntava-se: - Quais são as casas e as famílias que pertencem à nova Paróquia?



A 3 de Dezembro, quarta montra: - A Paróquia somos todos nós. Finalmente uma 5ª montra (17 de Dezembro) - Ela existe nas nossas casas, nas nossas fábricas, nas nossas ruas.

Depois destas montras, a 24 de Dezembro e a 6 de Janeiro fazem-se mais duas, uma sobre o Natal e outra sobre os Reis. Por esta altura o nosso amigo finalista de arquitectura deixava-nos e a sua falta não permitiu continuar o trabalho das montras.

Destes trabalhos, assim como de todos os outros passados e futuros, dava-se, já oralmente, já por escrito, notícia circunstanciada ao Prelado ou, antes da sua realização, pedia-se a orientação da Diocese.

O Natal

A proximidade do Natal oferecia à Obra uma outra oportunidade excelente. Não só toda a força do Mistério, toda a alegria própria do tempo, e o consequente dever de consciência de melhorar as condições do Natal dos mais pobres, como ainda a oportunidade de aproveitar as tradições de folguedos (o leilão do Menino, por exemplo).

Foi feito um Presépio. As prendas do Menino vieram, generosas, e armou-se uma árvore com brinquedos para as crianças. Também se fez uma festa para elas e passaram-se projecções alusivas ao tempo. Mais uma vez, todo um esforço de reconduzir as festas à pureza original, ao seu verdadeiro significado. Desfez-se a ideia bairrista das prendas para a Árvore e explicou-se que a oferta entre nós só tinha significado via Igreja, oferta de nós próprios simbolizada nas prendas oferecidas ao Menino. Só depois, e só essas, seriam leiloadas. O leilão teve lugar a 10 de Janeiro de 61 e é apurada grossa quantia, ultrapassada, porém, no ano seguinte.

A vida da população continuava.

Houve Circo Ambulante dos princípios aos meados de Dezembro. Parte da população, especialmente as crianças, gostam muito destes espectáculos.

Paralelamente, tomava corpo o trabalho das sete assistentes sociais junto da população. O padre prendia-se com as cele-



brações (às quais dedicou sempre o melhor do seu tempo) e com a assistência aos grupos.

Neste período que agora historiamos (fase 4 da Obra), de Outubro de 60 até Janeiro de 61, o número dos colaboradores subia de 67 para 86 em Novembro (35 adultos e 53 jovens). Um novo relance de olhos para o mapa das realizações mostra que todo este tempo é um forte período de actividade. Após ele, o número de realizações diminui de novo e a sua proximidade re-faz-se.

No Salão continuava-se a preparar a grande planta (alguns 2x3) destinada à exposição com vista a mostrar os limites e a implantação do comércio, indústria e habitação. Em meados de Dezembro tem-se a ideia duma escola-oficina grátis, de desenho, dactilografia, caligrafia e composição tipográfica. Não se chega a concretizar e a funcionar autónoma mas foi suprida a sua falta com a aproximação da juventude nos trabalhos efectuados no Salão: compõem cartazes, escrevem à máquina, desenhavam letras, colam-se os papelinhos de três cores na planta acima referida. A composição tipográfica ia melhorando no decurso das publicações que numa tipografia local se foram fazendo. É elucidativa a comparação das primeiras composições com as últimas (prospectos de reclamo, de filmes ou espectáculos de variedades preparados pelos rapazes da Comissão de Festas).

A ideia do Barraco da Câmara continua de pé, mas não se via modo de o concretizar. Chegámos a dispor dum terreno cedido por um ano que não chega a ser utilizado. A própria Câmara não dispunha na altura de possibilidades para nos satisfazer a ambição.

Outra vez a Linha de Acção.

Em princípios de Janeiro de 61 a Linha de Acção prossegue com a 2ª Carta Circular e 1º Pedido de Contribuição. Chega a altura duma nova carta, que não se dirigia a todos, como a primeira, mas apenas a alguns. Destinava-se só àqueles que já estivessem dentro da Obra, interessados por ela. Esta carta ficaria a servir nos sucessivos pedidos de contribuição que depois se fizessem conforme fosse aumentando o número dos interessados pela Obra.



Este 1º Pedido de Contribuição, feito sobre os frequentadores habituais da Capela e participantes na Missa Dominical, prometia, no texto, falar naquilo que muito faltava fazer. Lembrava a necessidade de organização. Abordava então o problema da organização económica que devia ser de tal maneira que não sujasse o rosto da Igreja.

Escrevia-se: "Todos nós sabemos que o dinheiro, ainda que sendo como todas as coisas uma criatura de Deus, tem nas mãos dos homens um grande poder de estragar, corromper. Por isso com o dinheiro, embora necessário na vida da Igreja, devemos ter um grande cuidado.

Temos o exemplo à vista. Os emolumentos que são apenas uma OCASIÃO de contribuir para a Igreja e para o sustento do Clero tornaram-se lentamente na mente de muitos uma espécie de COMPRA E VENDA de sacramentos. A cõngrua, contribuição directa para o sustento do Clero, denegriu de tal maneira o papel do Padre, que na mente de muitos tornou-o uma espécie de funcionário, com quem se discute preços, perdendo assim muito do seu papel de Pai, de Guia, de Pastor, de Chefe duma comunidade de Cristãos, de Ministro dos Mistérios de Deus, de Conselheiro com quem se vai ter como a um amigo, uma vocação PURAMENTE espiritual. Neste capítulo não deitemos culpas uns aos outros, os Leigos aos Padres, ou os Padres aos Leigos. Todos temos culpas".

E continuava: "Considerando tudo isto, nós pensamos numa organização que evitasse estas confusões. Para tal pedimos autorização ao nosso Bispo.

Seriá em duas etapas.

Cada família contribuiria conforme a sua consciência e as suas posses (aquilo que o Padre vos diz muitas vezes: O QUE ENTENDER E O QUE PUDER). Nós pensamos como base: um dia de trabalho no ano. No entanto cada um consultaria a sua consciência. Essa contribuição iria para uma única BOLSA, a Bolsa da Obra, confiada à Mesa Administrativa. Dela, a Mesa Administrativa tiraria para todos os entargos de Administração e fomento (progresso) assim como uma mensalidade para o sustento do Padre. Até aqui a primeira etapa.

Segunda etapa (desejável no mais breve espaço de tempo); logo que essa contribuição fosse o suficiente, os ACTOS DA



IGREJA seriam pouco a pouco libertados, desligados dos emolumentos. (Taxas de carácter obrigatório). ASSIM OS CRISTÃOS RECEBERIAM TODO O SERVIÇO DA IGREJA SEM ENCARGOS E TERÍAMOS LIBERTADO A IGREJA E O PADRE DE QUALQUER DEPENDENCIA COM O DINHEIRO.

Concluía: Que lhe parece? Se compreendeu o alcance espiritual desta organização, preencha o impresso de contribuição à obra da Igreja.

Todos compreenderam. Todos, a quem foi distribuída a carta e impresso, se fizeram contribuintes.

Esta segunda carta circular era assinada pela Mesa Administrativa. Este facto revela já uma preocupação de organização e de endereçar as responsabilidades a quem de facto competiam. O caso porém não passou sem uma pequena mentira. Ainda uma mesa administrativa não estava com possibilidades, só por si, de redigir tal documento. Mais tarde iríamos assistir a um autêntico assumir de responsabilidades próprias pelos leigos locais, capazes de pensar por si e tomar a iniciativa quantas vezes completando ou corrigindo e opondo-se às próprias ideias do Padre naqueles assuntos para que foram chamados.

Um novo grupo de caridade fraterna
e um novo salão de estudo.

Terminámos esta 4ª fase da história da Obra, apresentando os resultados deste primeiro pedido. Entretanto, porém, vamos referir a mais dois factos que se localizam ainda adentro desta fase.

São eles a criação de mais um grupo de caridade fraterna - o grupo do Seixo - que se vêm juntar aos três outros já existentes, e a mudança do salão de Recarei para uma garagem de Monte da Mina.

As assistentes sociais acabam o seu trabalho em meados de Janeiro. Por essa altura, o Salão de Recarei é-nos pedido pelo seu proprietário e vemo-nos forçados a procurar novo abrigo para prosseguir o trabalho. Tentámos, ainda com a colaboração das assistentes, uma garagem na Arroteia. Chegou a estar cedida, mas logo a seguir tornou-se necessário fazer obras para aluguer e ficámos de novo desprevenidos antes de termos



mudado. Foi então que outro paroquiano de Monte da Mina nos ofereceu a garagem de sua casa. Para aí fomos em fins de Janeiro de 61. Estas mudanças, embora prejudicassem o ritmo do trabalho, foram altamente proveitosas para a Obra pois permitiu uma acção itinerante de vizinhança. Os rapazes de Recarei conhecem-nos através do Salão e outros rapazes do centro vieram-se convidados a contactar com os daí. Em Monte da Mina a garagem ofereceu condições menos favoráveis a um contacto com o exterior. Em Maio seguinte, a nova residência paroquial oferecia-nos a possibilidade de termos uma sala em melhores condições (sob o nome de Gabinete de Estudo) e onde prosseguimos os trabalhos até ao fim.

Além da acção deste gabinete de trabalho junto das populações daqui, conseguiu-se também neles, e por eles, um contacto com numerosos visitantes de fora, amigos nossos, principalmente universitários. A Obra conheceu dezenas desses visitantes e foi por essa altura que se desenhou a colaboração que alguns deles, mais tarde, iriam oferecer.

O apuramento da primeira campanha para a organização financeira.

Mas voltemos ao primeiro Pedido de Contribuição e ao apuramento dessa campanha, encerrando a terceira fase - e 1ª fase da II Parte - da história da Paróquia Experimental.

A aceitação pelos chefes de família foi unânime. Ao todo, 97 contribuintes distribuídos deste modo: 13 na Arroiteia; 21 de Monte da Mina; De S. Gens, 18; de Recarei, 13 e 32 do Seixo.

O conjunto da contribuição perfaz 6.618\$00 anuais, com uma média de 69\$41 e uma moda de 60\$00.

Assim, os resultados deste primeiro pedido comprovaram uma generosidade que dificilmente será mantida nas campanhas posteriores.

Se assinalarmos sobre um mapa da paróquia as habitações dos contribuintes vemos que essas se localizam dentro dum raio de 650 metros à volta da Capela e principalmente (constituindo mancha mais densa) à volta da Capela apenas uns 450 metros.

Embora baseado em critérios diferentes distintos do que presidiu à escolha dos primeiros contribuintes, iremos ver o que se passa com o 2º e 3º pedidos de contribuição.



4.6. Consciência de grupo.

FASE 5. Desde o 1º aniversário da Capela até à inauguração da 2ª Mesa Administrativa.

1º Aniversário e celebrações litúrgicas.

Chegados aos fins de Janeiro e aos princípios de Fevereiro de 61 comemora-se o 1º aniversário da inauguração da Capela. Das festas fez parte uma procissão.

Em princípios do mês seguinte celebra-se a Semana Santa. Oferecia grande oportunidade de renovação que foi aproveitada.

As celebrações habituais eram as duas missas dominicais e a missa diária, assim como as pregações às quintas-feiras de todas as semanas. Estas pregações tinham-se já iniciado em meados de Março do ano anterior. Completava pois, por este tempo, um ano que foram começadas. De princípio, a afluência foi tímida, mais para diante melhorou um pouco. Nunca, porém, se tornaram reuniões numerosas. Nas primeiras experiências procuram-se os melhores moldes de as fazer: leituras, explicação das leituras e cânticos. Podemos afirmar que um ano depois já a sua estrutura tinha atingido a perfeição que depois lhe conhecemos.

Do mesmo modo a Missa Dominical (referimo-nos à missa comunitária paroquial a meio da manhã) conheceu os seus passos experimentais que se vão progressivamente amadurecendo e estruturando. A participação do Povo de Deus reunido é cuidadosamente estudada. Pensou-se desde o início nas leituras e nos salmos, mas mais tarde havia de se sentir a falta dos hinos e dos cânticos e procura-se nesse sentido.

O primeiro grupo coral ainda trabalhava nesta data (viria a ser dissolvido em fins de Julho de 61, motivado por desinteligência entre os seus componentes). Além do grupo coral participava o leitor e comentador que simultaneamente fazia de solista quando a intervenção se fazia sentir nos cânticos.

O grupo de acólitos foi melhorando também. O povo participava por sua vez, cantando as partes mais simples e mais repetidas.

Além destas celebrações, aproveitam-se desde o princípio



os meses de Nossa Senhora (Maio) em ordem à catequese de adultos e à promoção da oração na paróquia.

Toda a liturgia da Semana Santa foi vivida em pormenor. Chegara o momento da Visita Pascal. A área de acção e jurisdição permanecia por definir e iriam surgir conflitos com os párocos vizinhos, não obstante o cuidado tido. Verificou-se um desequilíbrio acentuado nas respectivas colectas dada a desigualdade de desafogo financeiro das zonas visitadas. Ao todo receberam-se 5.000 escudos. Infelizmente, apenas numa das zonas foram contados o número de famílias visitadas (436); tendo rendido 2.850\$00, vem uma média do valor das ofertas 6\$53. Contando o número de moedas e notas de cada valor, obteve-se uma moda da moeda de 2\$50; a moda da outra zona foi da moeda de \$50; esta diferença nas moedas de cada colecta mostra-nos bem a desigualdade financeira das zonas visitadas. A área mais favorecida compreendeu o centro chamado propriamente Padrão da Légua, a Rua Nova do Seixo, Rua e Travessa Central do Séixo, o lugar novo do Barreiro e a Circunvalação, assim como o lugar de Picoutos. O outro "compasso" ocupou-se de Monte da Mina, Arroiteia e Recarei (incluindo Monte de Recarei). Duma maneira geral podemos ver na Visita o primeiro êxito sensível capaz de documentar até que ponto a acção missionária e pastoral se tinha feito sentir em cada um dos lugares, até ao momento.

Só em princípios de Maio reencontramos, na agenda das actividades, outras realizações que merecem história. Note-se que nesta 5ª fase da Obra que agora noticiamos se vive novo período de actividade espaçada e se mantém constante o número de colaboradores.

Realiza-se então a 1ª Comunhão dos meninos e meninas da catequese assim como se inicia o 2º mês de Maria aproveitado como o do ano anterior em ordem a promover a oração na Paróquia.

O novo grupo de caridade fraterna
e a nova casa paroquial.

Ainda em princípios de Maio cria-se novo e último grupo de Caridade Fraterna a somar aos quatro existentes: o grupo Padrão e S. Gens.



Em meados de Maio a Paróquia preocupa-se com a instalação da nova residência paroquial e lugar de reuniões e convívio. Há muito se vinha a pensar no interesse em ocupar uma casa grande em S. Gens, ocasião esplêndida de promoção social, no lugar mais afastado da Obra e menos atingido pela Acção da mesma, para despertar aí uma comunidade de relações. No momento, porém, encontrava-se devoluta para aluguer a habitação pegada à Capela, propriedade do mesmo senhorio desta, e por outro lado a habitação em S. Gens não estava ainda concluída. Houve uma reunião das pessoas mais directamente responsáveis pela Obra. Após violenta discussão sentia-se a opinião inabalável da maior parte pugnando pela ocupação da habitação pegada à Capela. Talvez levados pela situação tradicional da habitação paroquial contígua ao lugar de culto, assim como às maiores comodidades que daí advêm para aqueles que requerem os serviços do pároco, não se aperceberam que ainda não contávamos com uma comunidade a pastorear, mas sim com vastíssimas áreas a missionar em ordem à sua integração na comunidade nascente. Quanto a nós, a resolução a preterir S. Gens pela Arroiteia foi um erro de falta de visão e amor pelos que estavam ainda longe. Foi o erro tantas e tantas vezes repetido por essas terras fora, dum grupo paroquial que em prol do seu bem estar se esquece do imenso conjunto paroquial que foi chamado a servir. No entanto a Obra não estava suficientemente organizada para sair, com verdade, do problema... e foi aceite, acatada a força e o desejo da maioria. Pouco depois, parecendo comprovar a imaturidade a que nos referimos, haviam de se fazer sentir novas mudanças de colaboradores (saídas e entradas) e realizar-se um esforço especial de organização dos grupos de trabalho, e viria a dissolver-se o grupo corál em fins de Julho, elege-se-ia a nova mesa administrativa em fins de Setembro, criar-se-ia o grupo "comissão de festas" e viria a discutir-se e a organizar-se o trabalho da Caridade Fraterna, o que veremos adiante.

A habitação contígua à capela ocupou-se. Parte, residência paroquial, outra parte com sala destinada a pequenas reuniões e com sala destinada ao Gabinete de Estudo, sucessor dos dois salões anteriores - Salão de Recarei e Garagem de Monte da Mina. Foi ainda alugado o rés-do-chão destinado a salão con-



vívio, só aproveitado 5 meses depois. Já dissémos que atravessámos um período de actividade lenta e espaçada, um período de transição, de definições e organizações.

A procissão de 1 de Julho.

No Verão de 1961, antes de iniciada a 6ª fase da história da Obra, temos ainda quatro realizações muito importantes a assinalar. A mais meritória, sem dúvida, foi a Procissão a quando da Comunhão Solene em 1 de Julho. Esta procissão, tal como foi pensada, organizada e realizada, como que reabilitou a Obra neste período de crise missionária e de calor do grupo. De original, contou com a incorporação de numerosos rapazitos levando cartazes que explicavam os sinais do baptismo, sacramento recordado neste momento da profissão de fé das crianças já crescidas. A procissão teve lugar de tarde.

A manhã foi ocupada com a profissão de fé, uma paraliturgia e uma liturgia (missa) com a presença dos pais e padrinhos do baptismo. Merece referência o cuidado na preparação da passagem da procissão e no modo como se explicou ao povo o seu significado e a consequente atitude que se esperava, quer dos que se incorporaram, quer de quem a ela assistiu. Foi largamente distribuída (1.000 ex.), assim como demorada e repetidamente lida ao microfone, antes da saída da procissão, uma copiografia:

Vai passar a Procissão:

- não é uma passagem de modelos
- não é uma parada de vaidades
- não é um cortejo folclórico
- não é uma marcha bairrista
- não é um espectáculo
- não é uma ocasião de ofender os que não têm fé.

Vai passar a Procissão.

- é um acto comunitário
- é uma comunidade em marcha para Deus, em Igreja
- é um caminhar do Povo de Deus para Deus
- é um desfile que ensina, que recorda coisas que devemos saber



- é uma manifestação de Fé e de Esperança
- é uma vida em Caridade do Povo de Deus
- é uma Oração.

Os católicos vão ajoelhar à passagem de Cristo Vivo, em Corpo e Alma na Eucaristia. Ele incorpora-se também na Procissão. Saibamos recebê-lo.

Insistimos - sem no entanto querermos demorar mais na descrição desta festa - insistimos no cuidado com que foi preparada, pois nos vai permitir, mais adiante, tirar uma conclusão quanto ao modo como se sentem atingidos pais e padrinhos das crianças pela cerimônia da Comunhão Solene e da profissão de fé. As boas intenções de muitas paróquias em tentar atingir os adultos pela criança no momento em que ela dá o primeiro passo decisivo por si próprio na vida da fé, vão ser postas em discussão e em dúvidas quando adiante nos referirmos ao resultado destas festas.

Promovem-se algumas festas e tenta-se uma equipa de estudo.

As festividades no Campo de Futebol realizaram-se pela segunda vez organizadas pelo grupo de senhoras que de novo volta a trabalhar. No primeiro dia, 6 de Julho, afluem 353 pessoas aos ranchos folclóricos; no 2º dia, vendem-se 283 bilhetes de entrada numa tarde de leilão. No dia seguinte, um programa de variedades, trouxe 761 espectadores. No 3º dia, ainda preenchido com variedades, contam-se 485 entradas e no 5º dia e último mais 380 espectadores de teatro. Ao todo 2.263 entradas que perfaz a quantia de 5.430 escudos. Funcionou também o serviço de restaurante como no ano anterior instalado numa barraca.

Estas festas foram aproveitadas pelo Padre e por um leigo, tendo-se dirigido aos presentes no dia de maior afluência umas palavras sobre o que é uma paróquia, como nasceu e para que nasceu a Paróquia no Padrão da Légua.

Ainda em Junho, cria-se uma Equipa de Estudos que tinha



por objectivo colaborar no trabalho de investigação que desde o princípio da Obra vinha a realizar, procurando uma maior estabilidade que os contactos mais ou menos ocasionais com jovens não conseguia, evidentemente, no regime de trabalho do antigo salão de Recarei. Infelizmente os elementos escolhidos para a equipa foram pessoas já ocupadas e familiarizadas com outros trabalhos na Obra e, não obstante o esforço dispendido, conheceram uma duração de meia dúzia de reuniões com não muito trabalho realizado. Pretendia-se também ministrar algumas noções básicas das técnicas usadas em trabalhos como os que nos ocupavam.

Finalmente a última realização deste fim da 5ª fase, são as festas de variedades levadas a cabo pelo grupo de amigos da Juventude Operária. Realizaram-se num recinto espaçoso e aberto que um paroquiano de Monte da Mina pôs ao dispor. Realizaram-se espectáculos ou simples reuniões de diversões em 23, 24, 30 de Agosto e 1 de Setembro com uma afluência respectivamente de 100, 50 e 300 (tarde e noite); 150, 100 e 50 (tarde e noite). Esse recinto, depois da residência paroquial e salas do grupo paroquial, foi um novo espaço experimental a que a Obra recorreu (6,5x12,5 de área destinada aos espectadores, quer sentados, quer de pé).

Com estes espectáculos iniciava-se uma longa série deles que iriam sendo promovidos ao longo da fase seguinte e que largamente colaboraram com a Obra, já obtendo alguns fundos, já promovendo o convívio da comunidade. Entretanto, como já dissemos atrás, dissolvía-se o grupo coral em fins de Julho devido às dissidências entre alguns dos seus elementos.

Pelo fim de Agosto e princípios do mês seguinte termina a história da 5ª fase da Obra da Paróquia Experimental no Padrão da Légua.

4.7. Estruturação e auto-reflexão

FASE 6. Desde a eleição da 2ª Mesa Administrativa até ao 2º aniversário da Capela.

A eleição da 2ª Mesa Administrativa.

A fase 6 corresponde a novo período de grande actividade da obra: as realizações sucedem-se contíguas umas às outras



como prova de curva do mapa das realizações, assim como cresce o número dos colaboradores directos acrescidos de mais 10 adultos e de mais 12 jovens (raparigas). Mas, de novo, não é o número crescente dos colaboradores (outras subidas mais acentuadas verificaram-se já para trás), nem tão pouco a sucessão vertiginosa das realizações (outros períodos de idêntica actividade já tinham sido vividos e foram referidos). Esta 6ª fase, a última das três da II Parte da história da obra, conheceu o que dissemos caracterizar a II Parte: uma acção do grupo paroquial (já não só o padre e colaboradores) para um conjunto: a comunidade que se missionava e pastoreava.

Durante longo tempo - quase dois anos - a obra contou unicamente com a acção do Padre coadjuvado ora por uns ora por outros, colaboração mais ou menos pessoal ou, se em grupo, grupos não rigorosamente de iniciativa espontânea mas criados para um serviço imediato e uma acção traçada e acompanhada. A pouco e pouco foram-se criando novos grupos, tais como o grupo de acólitos, o grupo de catequistas e o grupo coral para uma acção de Serviço intimamente ligada à acção do Padre; ou, tais como o grupo da 1ª Mesa Administrativa é a secção da JOC, esses para uma acção mais autónoma; mas não esqueçamos que a JOC estava a nascer e ligada pessoalmente aos dois rapazes da juventude diocesana, o que a Mesa, como já o afirmámos, conheceu e desenvolveu a sua actividade em âmbito familiar de amigos colaborando directamente com o Padre Leonel, que dela fez parte integrante. Até agora uma única excepção: os grupos de caridade fraterna, especialmente o grupo central, coordenador. Este pequeno grupo, pela personalidade do seu chefe leigo, desenrolou actividade um pouco mais autónoma. Não foi assim já um grupo como os outros vivendo para colaborar directa e estreitamente com o Padre, mas senhor dum campo próprio de trabalho, dum processo peculiar de acção e de responsabilidades específicas. No entanto, essa autonomia, conseguida pela especificidade do seu trabalho e pela personalidade dos dirigentes, caracterizou-se também pela não perfeita consciência da obra total a que pertencia. Uns tempos depois, e já nesta fase 6, um esforço do padre com os principais obreiros da caridade fraterna havia de se fazer sentir no âmago da organização e na definição de funções e atribuições, não só



para uma acção mais eficaz, como ainda para uma mais perfeita integração na obra que a gerara.

Ia aparecer só agora o primeiro grupo que conciliaria logo de entrada a autonomia do seu trabalho com a perfeita integração na obra, com o total inserimento nela do seu esforço. Referimo-nos à 2ª Mesa Administrativa. Deve-se isso não apenas à personalidade e maturidade dos principais. Pensar assim, seria injusto para com os outros trabalhadores até este momento, alguns dos quais deram provas de personalidade e maturidade semelhante. A posição e comportamento do grupo deve-se a outros dois factores decisivos: a função especial a que foram chamados - um trabalho de coordenação em pleno co-ordenação da obra - e ao momento que a paróquia atravessava. E dir-se-ia ter atingido a maturidade necessária a um trabalho laical complementar do trabalho clerical, empenhado com este numa obra comum. Numa obra paroquial, mais do que em qualquer outro sector de acção eclesial, pelas próprias características da obra, não se processa uma acção eclesial em toda a extensão sem o papel do leigo. Dos leigos não só como colaboradores directos do padre para tornarem a sua acção mais eficaz e para a levarem mais longe, mas sim dos leigos para um trabalho que só eles o podem realizar porque implica a vida dos próprios obreiros mergulhada nas estruturas sociais, prolongando aí a palavra pelo testemunho. De tal havia de se aperceber a nova Mesa e assumiria as responsabilidades inerentes.

O Padre escolheu aquele que havia de ser o presidente e, por ele, foi organizada uma lista larga de colaboradores que conviria chamar. O novo grupo seria composto pela mesa própria-mente dita (com presidente, vice, secretário e tesoureiro) e um corpo de vogais representantes de cada lugar e ao seu serviço directo. Ao todo, onze elementos dos quais apenas um trabalhava já na obra. Na noite de 23 de Setembro, pelas 21,30, reuniram-se no salão paroquial alguns chefes de família convidados para a eleição da Mesa. Apresentada a lista foi votada e aceite quase por unanimidade (1 voto contra). Dado o escrúpulo do novo corpo administrativo, perfeitamente justificável, motivado pela confusão em que se encontravam as contas do primeiro e mais remoto período da obra, só viria a tomar posse



em meados de Novembro, data em que foi possível, após longo trabalho, ter os livros prontos.

Começava novo ano de catequese.

Logo a 30 de Setembro a Paróquia pensava na 3ª Catequese. Fez-se e distribuiu-se largamente um impresso. Chamava-se "Lembra-se"? e dirigia-se aos pais e padrinhos recordando o baptismo das crianças e responsabilizando-os pela matrícula delas na catequese da Obra. A matrícula teve lugar a 1 e 8 de Outubro, inscrevendo-se 214 crianças.

Outra vez a Linha de Acção: a Exposição.

Já no princípio de Outubro abria a Exposição. Há longa data, esta fase decisiva da Linha de Acção vinha sendo pensada e organizada. Passou-se quase um ano aguardando o momento em que fosse possível realizá-la. É agora montada no Salão Paroquial e manteve-se aberta até aos fins de Novembro (quase dois meses). Como fizemos para a Saudação, vamo-nos deter um pouco na descrição do que foi e porque foi assim.

A Exposição, desde a primeira ideia, temo-la, já o dissemos, por uma das fases mais significativas da Linha de Acção. Pretendemos dar um passo em frente no maior conhecimento da Paróquia àqueles que com ela já contactaram e preparar uma informação-notícia cuidada a todos os outros que, ainda fora, pareciam com possibilidades de entenderem a obra e virem até ela. Os objectivos a atingir resumem-se em pouco: Primeiramente, dialogar com as pessoas capazes de pensar o que é uma paróquia e capazes de se interessar pelos limites da nova paróquia; logo a seguir, pretendeu-se tomar o primeiro contacto com as pessoas mais ou menos cultas que ainda o não tinham tomado directamente; finalmente, pensava-se procurar um certo número de visitantes escolhendo os interessados e sobre estes se lançaria um novo pedido de contribuição.

Já a quando da acção Salão e Montras se falava em explicar o que é uma paróquia. Essá explicação, porém, referia-se (por meio de cartazes preparados) à paróquia comunidade cultural. Tinha-se insistido no altar e na capela como centros.



Na nova fase da Linha de Acção, tratava-se de encarar a paróquia a partir da realidade comunidade natural.

Logo de entrada, apercebemo-nos que a Exposição não resultaria se feita numa linha popular, mas devia dirigir-se aos notáveis aqui residentes. Tentaríamos explicar a paróquia dum modo muito simples, recorrendo a gráficos e mapas capazes de documentar algumas das suas actividades, além duma exposição teórica dos principais escalões de interacção de base de vizinhança. As visitas não seriam anónimas mas provocadas por convites pessoais.

Postos estes princípios, ocupamo-nos na elaboração de listas de convidados e propusémo-nos realizar visitas guiadas.

Foram preparados painéis que apresentaram as ideias com clareza. Finda cada visita, o nome dos presentes ficou inscrito. Além da preparação dos painéis com gráficos, mapas e fotografias, escolhemos o Salão Paroquial e montámos o material incluindo uma grande planta (escala 1/1.000) com a indicação dos limites em estudo.

Os primeiros painéis ocuparam-se explicando os objectivos da exposição e o interesse dos trabalhos assim documentados. Seguia-se uma grande superfície reservada à actividade da Caridade Fraterna mostrando as quantidades recebidas e distribuídas até aí.

Outros painéis, com fotografias e pequenos textos, procuravam explicar as relações de vizinhança desde o grupo mais simples e restrito até ao grupo mais complexo.- a paróquia, comunidade natural.

Outros gráficos mostravam o número de fogos por lugares, o movimento da catequese e o movimento das contribuições à obra. Finalmente, a planta grande representava o território paroquial, assinalando as residências, o comércio e a indústria, distinguindo-as.

Ao longo de quase dois meses foram aproveitados especialmente os domingos para as visitas guiadas. A homogeneidade procurada de cada grupo de visitantes possibilitou a adequação a todos os níveis de cultura que a visitaram. O próprio presidente da Câmara visitou-a um domingo. Assim, também, muitas pessoas aqui, quer a trabalhar na Obra, quer estranhos a ela.



Como ainda universitários do Porto e membros do clero. Todos os amigos tomaram o contacto mais vivo, senão o primeiro contacto, com a actividade da Obra. O número de visitantes foi além de 150.

Na carta 1/1.000 que apresentámos na Exposição figura esquematicamente o comércio, a indústria e a habitação. A carta-inquérito que lhe serviu de base assinala todo o comércio por especialidades. O comércio dum escalão um pouco superior, todo ele exceptuando vendas e mercearias, localiza-se, fundamentalmente, no centro do Padrão, perto do cruzamento das estradas, em mais dois núcleos ao longo da estrada Vila do Conde a caminho de Monte dos Burgos, aí com outro núcleo, outro ainda em Recarei (quase no extremo da paróquia) e outro em Monte da Mina (estrada) assim como, finalmente, um núcleo ainda mais pequeno no Seixo. As vendas e mercearias, bastante espalhadas pelo território e em grande número, localizam-se de modo a servir os conjuntos de habitações, pequenos aglomerados populacionais, e permitiam, vistas com alguma atenção, delimitar unidades de vizinhança.

U. PORTO
Alguns espectáculos públicos e a
criação ~~duma comissão de festas.~~

UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Entretanto o grupo de rapazes da juventude operária, que trabalhava na realização dos espectáculos no recinto aberto de Monte da Mina, criava uma pequena mas activa comissão de festas que agora organizou e deu numerosos espectáculos num armazém de caolinos. Este grande armazém de alguns 10x35m² serviu de lugar de convívio e obtenção de fundos durante metade do mês de Outubro de 61 e quase outra metade do mês seguinte. O primeiro espectáculo dado a 14 de Outubro foi de variedades conhecendo uma afluência de 100 espectadores; no dia seguinte de tarde fazia-se um baile com 150 pessoas e à noite outro espectáculo de variedades com outras tantas entradas. A 21 do mesmo mês passava-se um filme na presença de 200 espectadores; no dia seguinte de tarde, outro com 100 e à noite uma revista com 300 entradas. Coube a vez ao mês de Novembro: a 4 cinema, com 200 espectadores; a 11, de tarde, outro filme com 153 entradas e à noite com 163. No dia 2, mais dois filmes, vistos



respectivamente por 121 e 57 espectadores. Sem risco podemos afirmar que frequentavam o salão 300 a 400 pessoas e se venderam em todos os espectáculos perto de 2.000 bilhetes.

A missa da abertura das aulas.

Prosseguia o trabalho de pastoreação do padre Leonel. A 23 de Outubro celebrava uma missa da abertura das aulas das escolas primárias em que participaram 256 crianças (ligeiramente mais rapazes do que raparigas). Esta celebração, comparada com a do ano anterior (feita sensivelmente pela mesma altura), provou o grande passo e o milagre que a catequese e a acção do Padre conseguira: a participação no primeiro ano fora ássustadoramente desordeira, vendo-se o celebrante obrigado a voltar-se numerosas vezes impondo silêncio, pois mais parecia recreio de intervalo de aulas do que participação numa celebração litúrgica. Desta vez, acompanhados pelos catequistas e já familiarizados com alguns cânticos, a participação decorreu de modo muito diferente quanto a disciplina e compreensão do que se passava diante dessas quase três centenas de olhós atentos. Se tivesse sido possível fazer o registo gravado de dois anos consecutivos teríamos nele um elucidativo documento do que a obra conseguira.

Trabalham as duas Mesas.

No dia seguinte à noite fazia-se na sala de jantar da residência paroquial uma reunião das duas Mesas - mesa cessante ainda em actividade e nova Mesa eleita há um mês, precisamente.

O padre, rico em capacidade de iniciativa e espírito de doação, sempre foi pobre em capacidade de organização. É certo que desde o princípio se procurava confiar a administração a leigos, mas só agora com a nova Mesa ia ser possível confiar-lhe grande parte duma efectiva organização da Obra. O próprio trabalho da Mesa iria dar lugar à instituição dum Conselho Paroquial que assume, sobre a presidência do Padre, a direcção da Paróquia. Essa incapacidade pessoal de organização haviá de se mostrar como qualidade da obra porque provocou da parte dos leigos a tomada das responsabilidades próprias e o estabeleci-



mento duma organização que se não fazia sentir como direcção exclusiva do padre - infelizmente notada em tantas situações equivalentes - em tudo que à obra dissesse respeito. Iríamos assistir, daqui para o futuro, à força dos leigos locais, à sua personalidade e à sua posição de discordância com o próprio Pastor sempre que motivos em causa ameaçassem prejudicar os interesses da Comunidade. É nesta linha nova que podemos compreender o que se passou nessa reunião da noite de 24.

A Mesa cessante e o Padre Leonel pretendiam que ficassem por resolver as últimas contas do sorteio (o antigo sorteio para as obras da capela) e a nova Mesa tomasse posse imediatamente. Os partidários da tomada de posse imediata trouxeram o problema para o plano da eficiência lembrando que a Paróquia não devia continuar parada. Além disso a Mesa estava cansada dum trabalho extenuante de 12 meses e o Padre via no novo grupo a possibilidade dum arranque vital para a Paróquia. Porém a 2ª Mesa opôs-se, exigindo que os velhos problemas ainda ligados ao sorteio fossem resolvidos antes de iniciada qualquer outra actividade. Após demorada discussão, reconheceu-se a justiça da posição mantida pela 2ª Mesa e ássim ficou combinado desenvolver as diligências necessárias para regularizar a situação. Como ainda alguns colaboradores do antigo sorteio não tinham apresentado contas - devendo a Obra a alguns e devendo outros à Obra - o Padre propunha que se não liquidasse conta alguma enquanto os devedores não apresentassem o dinheiro. Ora ainda aqui, em fraterna discordância com o padre Leonel, foi visto que esta espécie de represália mais prejudicava do que beneficiava a Obra, porque tal atitude contribuía para manter o problema ou piorá-lo favorecendo com isso o clima de grupo: defesa dos devedores. Combinou-se um trabalho no sentido de obter a prestação de contas do mais responsabilizado e próximo até ao mais afastado dos colaboradores, apresentando-se a cada um o problema de consciência e desbaratando-se deste modo o grupo, atrás do qual se defendiam alguns porque ninguém ainda apresentara contas. Assim foi feito e o tempo provou que se procedera bem.

Pouco depois, a Mesa cessante apresentou à Mesa Administrativa um relatório de contas datado de 15 de Novembro(1961). Temo-lo presente: Quando a primeira Mesa tomou posse a Paróquia



devia quase 27 contos. Até aqui as despesas ordinárias estavam sendo pagas quase exclusivamente pelas colectas das Missas e pelas pequenas dádivas dos fiéis, sendo o sustento do Pároco mantido pelas Missas encomendadas, pelos serviços religiosos prestados aos fiéis e pela modesta quantia de 600\$00 mensais que não era possível ultrapassar...

Os devedores - paroquianos que se tinham responsabilizado por um sorteio - não prestavam contas; aliás verbas que se tivessem sido reembolsadas neutralizariam quase completamente as dívidas da Obra. Do que faltava receber desse sorteio, conseguiu-se em Janeiro reaver perto de 6 contos dos 15 de que a Obra era credora.

Durante o Natal, o leilão rendeu 2,5 contos. Algumas contas foram pagas. O "tronco" (caixa de esmolas na Capela) rendia mensalmente entre 500 a 600 escudos. Uma procissão de velas deu uma receita de cerca de 520 escudos.

"Lançou-se então a primeira campanha de contribuição voluntária dos fiéis, junto daqueles que vinham normalmente à Missa dominical. Começou, desde aí, a Paróquia a poder contar com uma receita anual de cerca de 23 contos".

Chegado o tempo Pascal o Compasso apurou 4.600 escudos.

Com as festas no campo de futebol uma exposição de miniaturas - trabalho e iniciativa dum paroquiano - as possibilidades de saldar as dívidas foram crescendo e conseguiu-se assim amortizá-las em cerca de 16 contos.

A Obra mantinha uma média de despesas mensais da ordem dos 2 contos "enquanto o Salão Paroquial não conseguir bastar-se a si próprio ou quiçá dar receita, o que pode perfeitamente vir a verificar-se em pouco tempo". Essas despesas podem assim ser distribuídas:

Renda da Capela.....	300\$00
Renda da casa.....	500\$00
Mensalidade ao Pároco.....	1000\$00
Luz e diversos.....	200\$00

Total..... 2000\$00

(note-se que a renda da Casa é de 800 escudos sendo 300 pagos pelo Pároco).



Quanto a receitas, estas foram da ordem dos 2.500 escudos mensais em épocas de realizações. Actualmente a receita é inferior a 2.000 escudos. As dívidas no momento da entrega de contas duma a outra Mesa eram de cerca de 15,5 contos.

A juventude operária católica.

Voltemos atrás, aos fins do mês de Outubro, para acompanharmos a JOC.

O mapa das realizações dá-nos a criação da Secção em meados de Agosto de 1960, portanto há mais de um ano que esta se formara e iniciara os primeiros passos. Era tempo de pensar melhor nela, agora que contava, quase desde os fins de 1960, com cerca de três dezenas de rapazes. Contribuíram para consolidar essas presenças as festas no armazém dos caolinos. Mas não fora para promover festas que a secção se criara; todos o sabiam e esperavam ocasião de iniciar trabalho próprio.

Coube ao Dia de Cristo Rei a reunião desses rapazes em volta do presidente diocesano, dos dois monitores, que com eles trabalharam desde o princípio, e do padre Leonel.

Tomou posse a nova direcção e iniciava-se um trabalho novo, mais consciente agora. No entanto, se considerarmos a Obra da Paróquia uma experiência do mais vivo e invulgar interesse e o seu trabalho e história únicos na Diocese, é verdade também que a A. C. especializada (a JOC, neste caso) nada tem a assinalar de notável numa linha de originalidade operante. Dadas as próprias características da Obra, o mais sério ponto - o fulcro dum trabalho paroquial - situa-se numa A. C. G. (a Caridade Fraterna) e nela confiava. (Ela é, de facto, uma das notas mais originais da Obra).

O salão paroquial, lugar de convívio.

No primeiro de Novembro começava a funcionar o Salão paroquial já organizado para o convívio, um dos fins primeiros para que se alugara. Funcionava com televisão e bar e todas as noites, daqui em diante, ora com mais ora com menos, a afluência faz-se sentir e torna esse abrigo de cerca de 55m² (aproximadamente 5,0x11,0) um verdadeiro lugar de encontro e convívio.



vio do grupo paroquial com uma parte razoável da comunidade da paróquia que lá comparecia. Também, o Padre conheceu e contactou com muita gente até à data desconhecida e aí se conheceu melhor a figura do missionário-pastor e o seu lugar na Igreja. Do número de pessoas e do montante das vendas falaremos mais adiante quando nos referirmos ao trabalho dos vogais da Mesa Administrativa.

2º e 3º pedidos de contribuição.

Acabado o primeiro pedido de contribuição, desde Setembro que se estudava o segundo pedido e quase simultaneamente era preparado também o terceiro. O segundo pedido é feito sobre os pais das crianças na última catequese, aqueles que participaram nas já referidas festas da comunhão solene e Profissão de Fé, e o terceiro pedido é feito pela Mesa Administrativa sobre listas de conhecidos e amigos organizados pelos próprios. Vamos dar os resultados de ambos.

Ao segundo pedido de contribuição responderam 26 chefes de família, assim distribuídos por lugares: Arroiteia, 9; Monte da Mina, 2; Seixo, 4; Padrão, 2 e Recarei, 9.

Metade do total escolheu a contribuição mensal e outra metade o tipo de contribuição anual. A quantia mais frequente mantém-se nos 60 escudos anuais, embora a média tenha baixado bastante: de 69\$41 no 1º período para 45\$40 neste segundo período. O apuramento anual da soma das quantias oferecidas é de 1.181\$00. Foram enviados 109 pedidos dos quais, como dissemos, apenas 26 tiveram resposta afirmativa, o que leva a uma percentagem de 23,8% de pais interessados pela Obra. É de notar também o desequilíbrio na aceitação dos lugares: dos que residiam na Arroiteia responderam metade, enquanto que de S. Gens todas as respostas vieram negativas. Já atrás tínhamos prometido mostrar quanto a catequese e as festas da Primeira Comunhão e da Comunhão Solene atingem pouco profundamente os pais e os padrinhos ainda que, como é o caso, sejam pensadas e realizadas com o máximo cuidado.

Ao 3º pedido de contribuição corresponderam 69 chefes de família, 2 da Arroiteia, 13 de Monte da Mina, outros 13 do Seixo, 25 de Recarei, 4 de S. Gens e 12 do Padrão. Predomina o



tipo de contribuição anual (como era fácil de prever, dada a condição social dos contribuintes, bastante diferente dos contribuintes do 2º pedido).

A quantia mais frequente mantém-se ainda desta vez nos 60\$00 anuais. A média melhora relativamente ao 2º pedido (é agora de 52\$80) embora não atinja o valor obtido no primeiro (69\$41). O cômputo anual da soma das quantias oferecidas é de 3.640 escudos.

Se marcarmos sobre um mapa do território as residências dos contribuintes, como já fizemos no 1º pedido, verificamos, não sem espanto que os mesmos raios de 450 e 650m já encontrados se mantêm (149). Não provaremos assim: 1º - a influência da proximidade da Capela e residência paroquial como factor de promoção do interesse da população circunvizinha; 2º - a impotência da Obra para atingir residentes um pouco mais longe? (Note-se que, ao classificar alguém de interesse, usamos três critérios de selecção diferentes). De facto, o 1º pedido, feito sobre os frequentadores habituais da Capela, mostrou esse raio como o raio de atracção mais intensa do lugar de culto; logo a seguir o 2º pedido, feito sobre os pais das crianças numa catequese, mostrou a distribuição desses dentro da mesma área. Ainda a seguir, o terceiro pedido, lançado sobre os conhecidos e amigos do grupo paroquial (especialmente amigos da Mesa Administrativa) manteve ainda o mesmo raio. Que significa isto? Será que os actos de culto e a catequese e as próprias relações pessoais dos componentes do grupo paroquial não logram atingir uma maior distância de influência? Para melhor nos apercebermos do que significam esses escassos 450m lembramos que a capela está perto de 2.000m de um dos limites e a 1.000m de outro, perto de outros 1.000m de um outro dos extremos e a 1.500m do limite de S. Gens. Numa palavra: a obra estará condenada a atingir essa escassa área inicial onde se localizam as residências dos mais interessados em dois anos e meio da sua existência? A resposta negativa depende do esforço do futuro dispendido quer pela Paróquia, quer pela Diocese.

O 3º pedido de contribuição, aliás já organizado pela Mesa Administrativa, foi a última actividade da Linha de Acção fora o Jornal. Omitimos assim, do que estava programado, o filme sobre a vida dos habitantes locais. Dificuldades que é



fácil adivinhar aconselharam-nos a isso, embora continuemos a supor que teria sido uma das fases de maior interesse para os locais, sob o ponto de vista de propaganda à Obra, como factor de consciencialização e conhecimento da vida da comunidade natural e ainda como ocasião de recrutamento.

O "magusto"

A comissão de festas continuara a trabalhar e como já não dispunha do Salão dos Caolinos promove um magusto a 18 e outro a 19 de Novembro.

Uma campanha de Caridade Fraternal.

A Caridade Fraternal atravessava um período de menos actividade e é aqui, em meados de Novembro, que se prepara uma campanha de organização e distribuição de géneros para a ceia do Natal dos mais necessitados. A recolha dos cestos começa no primeiro Domingo do Advento (3 de Dezembro). Dirigia-se a todos, católicos ou não, "num gesto de amor ao próximo, se você é católico; num gesto de humanismo, se você, não sendo católico, tem no entanto sentimentos humanos". O impresso que se distribuiu apresentava as quantidades recebidas em arroz, açúcar, batatas, farinha, massa, bacalhau e pão, assim:

Fevereiro de 1960 - 130,3kg	Fevereiro de 1961 - 217,3kg
Março de 1960 - 77,0kg	Março de 1961 - 284,5kg
Abril de 1960 - 101,3kg	Abril de 1961 - 105,5kg
Mai de 1960 - 167,3kg	Mai de 1961 - 212,3kg
Junho de 1960 - 180,4kg	Junho de 1961 - 187,0kg
Julho de 1960 - 166,4kg	Julho de 1961 - 273,0kg

verificando-se por este quadro que a colheita foi muito maior em 1961 e o último mês considerado (Julho) ultrapassou todos os outros excepto Março do mesmo ano. Os meses seguintes, porém, conheceram uma diminuição substancial. Procurava-se assim, aproveitar o Natal, intensificar o montante das ofertas. As quantidades recolhidas e distribuídas ultrapassaram o que podíamos imaginar: encheu-se completamente uma sala da Casa Paroquial. Pena foi, devido à falta de organização da Paróquia, que as ofertas não tivessem sido pesadas por lugares de origem.



Perdemos, com essa falta indesculpável, o índice mais famoso a que podíamos recorrer a fim de documentar o interesse crescente pela acção da Obra, assim como comparar a generosidade dos lugares e, com base nisso, conhecer aqueles que há mais longo tempo vinham a ser trabalhados.

O número de fogos dos lugares da Paróquia.

Esta Campanha foi aproveitada para contar de novo os fogos da Paróquia por rua e lugares. Os resultados diferem bastante da primeira contagem feita um ano antes a quando da Saudação. Atribuimo-lhes mais crédito, não só porque melhor se conheciam os recantos do território, como porque com mais tempo e cuidado se realizou o trabalho. No conjunto contaram-se 2.093 fogos assim distribuídos:

pertencendo a Custoias.....	508
" a Leça.....	808
" a S. Mamede.....	656
" à Senhora da Hora.....	121

por lugares:

Arroteia.....	199
Monte da Mina.....	209
Picoutos.....	95
Padrão.....	265
Monté dos Burgos.....	114
Recarei.....	224
Monte de Recarei.....	100
Seixo.....	451
S. Gens.....	436

Reuniões com vogais: tempos livres e frequência das vendas.

As reuniões com os vogais, convidados a colaborar na Linha de investigação, começam nos fins de Novembro. Mantêm-se semanais, às quartas-feiras à noite, durante perto de três meses. O trabalho que se realizou, melhor está traduzido em gráficos do que pode ser descrito. No entanto, não queremos



deixar de lhe fazer referência.

Começou pelo estudo dos tempos livres. Para facilitar, incidimos a atenção sobre os lugares de convívio e horas prováveis de mais afluência. O gráfico obtido mostra bem quanto a vida de relações - diversão e convívio - se faz nos fins da tarde e metendo pouco pela noite (até às 22, o máximo 23 horas). Com base nesse gráfico fez-se uma contagem dos frequentadores das adegas num Domingo (4 de Fevereiro de 62) e um dia da semana (9 de Fevereiro de 1962). No Domingo fez-se uma visita a todas as vendas, adegas e lugares de reuniões às 15 horas, às 20, 22 e 23 e no dia da semana verificou-se as frequências às 20, 22 e 23 horas. Às 15 horas a afluência é relativamente pequena, se comparada com a da noite e fim da tarde. A afluência ao domingo é maior do que à semana e os grandes pontos de reunião são três (sem contar com o Salão Paroquial que é mais um deles), um em Monte de Recarei que coincide com uma espécie de clube e grupo excursionista, outro no centro - no café recentemente aberto - e outro em S. Gens, noutro café. Verificámos ainda que das vinte horas se deslocam para os lugares que têm televisão e aí permanecem em maior número como acusa a contagem das 22 horas.

Pouco abaixo do centro, com excepção da parte do Norte do Seixo, nada mais foi possível saber quanto a centros de convívio. Ou é certo que esses centros não existem ao longo da estrada a caminho do Monte dos Burgos e a vida da comunidade se circunscreve para Norte do posto de gasolina, ou o grupo dos paroquianos, que assinalou os lugares de convívio e fez a contagem, desconhece inteiramente a vida de relações da parte Sul da área da Paróquia. Cremos que se verificam as duas hipóteses. Julgamos que, quando muito, haverão ainda mais dois ou três lugares de convívio que não pudémos assinalar. Isso ensina-nos que a Obra trabalha só com pessoas fazendo vida no centro e norte do território e ensina-nos ainda que a vida de relações é aí que existe e aí se localiza. Se assim fôr, não podémós falar da existência duma comunidade natural, para Sul do referido posto de abastecimento. (Lembremo-nos aqui do que verificámos a propósito da localização das residências dos contribuintes dos três pedidos de contribuição).



Não foi possível orientar e concluir um estudo da ocupação dos tempos livres como era nossa intenção. No entanto, a experiência tida ao longo dos meses de contacto com os habitantes permitiram-nos conhecer algumas realidades, às quais nos referimos já no capítulo "Côr especial dos subúrbios do Porto".

A idade das casas e outras construções.

Outro trabalho consistiu na elaboração dos cartogramas da idade das construções. Já nos referimos à idade das construções por lugares, no capítulo II, alínea 2.1.4.

O convívio no Salão Paroquial.

Também a Comissão de Festas, que tinha a seu cargo a organização e administração do Bar e Televisor, nos forneceu as quantias das colectas (à entrada era gratuita, mas de princípio procedeu-se a uma colecta) e as verbas feitas no bar. O gráfico acusa a grande afluência e consequente receita dos sábados e domingos. Enquanto o montante das colectas foi decrescendo, o montante das vendas no bar subiu consideravelmente: no mês de Novembro era de 38\$00 escudos (média por dia), no mês de Dezembro dobrou e no mês de Janeiro foi de 79 escudos diários, tendo sido 408\$70 o valor mais alto atingido num domingo dos meados do mês. A exploração deste pequeno bar sempre funcionou no âmbito familiar, ao serviço da comunidade paroquial. Para evitar cair na concorrência não procurada com uma venda vizinha, negou-se a vender os artigos que aí já se vendiam e só se mantinha aberto durante o programa da televisão ou qualquer outra festa realizada no Salão Paroquial.

Quanto ao número de entradas, procedeu-se a numerosas contagens, mas a falta de regularidade e de critério não permite conhecer objectivamente o movimento da frequência. Houve alturas em que o salão esteve repleto, normalmente porém só algumas poucas dezenas de homens (três ou quatro dezenas, o máximo cinco) e menos ainda de mulheres (à volta de duas dezenas) somadas a algumas crianças (dezena e meia). Algumas contagens distinguiram, como se pretendia, os jovens dos adultos,



mas muito poucas vezes assim se procedeu. No total contaram-se seis a oito dezenas de frequentadores habituais.

Os participantes nas missas dominicais.

Fizeram-se contagens do número de participantes na Missa dos domingos 7, 14, 21 e 28 de Janeiro e 4 e 11 de Fevereiro, distinguindo homens, mulheres, rapazes, raparigas e crianças em cada uma das celebrações: uma às 7 horas, outra às 10 e, nos últimos dois domingos mais uma às 19 horas. Esses dias, apesar de inverno, conheceram bom tempo. Se construirmos o gráfico notamos, na missa das 7 horas, uma uniformidade do mesmo número dos participantes, quer rapazes, quer raparigas, quer homens, quer mulheres (com ligeira excepção para estas) que contrasta com a diferença do número de participantes na missa das 10 horas dum domingo para outro. Dum modo geral, quase sem excepção, o número mais reduzido de participantes foi de rapazes, seguido pelas raparigas e este seguido pelo número de homens. O número de mulheres foi sempre muito maior em todas as contagens. Na missa da manhã, o número mais baixo de participantes é o do rapazes, logo acima vêm as raparigas com sensivelmente o dobro dos participantes, e a seguir os homens, sensivelmente o triplo do número de rapazes. Bastante afastado, muito lá para cima, temos uma linha quebrada, obtida pela união dos pontos que nos dão o número de mulheres em cada domingo.

Os gráficos mostram-nos ainda que os rapazes e as raparigas preferiram a missa das 10 horas, as mulheres preferiram a missa das 7 horas e os homens, embora menos acentuadamente que os rapazes e raparigas, preferiram também a missa a meio da manhã. Assim, esta tornava-se verdadeiramente comunitária, não só pelo cuidado especial posto na sua celebração, como pelo número relativamente equilibrado da juventude e adultos, e dum sexo e outro.

Com a instituição da missa vespertina alguma coisa se passou mas, baseados apenas em duas contagens (4 e 11 de Fevereiro), é prematuro arriscar um juízo.

Calculadas as médias e figuradas num desenho sugerem-nos, entre outras e dum modo mais fácil à leitura, as considerações



feitas acima.

Esboço do Conselho Paroquial e organização
duma paróquia.

Não obstante a Paróquia atravessar durante todo o verão e começo do inverno (1961) um período de vida intensa e cheia de novidades, que aliás coincidia com tempo de férias civis e o menos intenso do Ano litúrgico, foram sucessivamente pensadas e estruturadas uma série de ideias em ordem à definição do trabalho paroquial e esboço do Conselho da Paróquia, e em ordem à elaboração do Relatório dos limites da nova paróquia.

O modo mais conveniente de organizar uma paróquia foi-se desenhando no espírito dos principais responsáveis pela Obra (tinha-se evoluído muito desde a conversa de 31 de Outubro de 1960 noticiada na fase 4 desta resenha histórica). A grande descoberta (princípios de Dezembro de 1961, mais de um ano depois) havia de ser a estreita relação entre organização duma paróquia e conceito de Paróquia. Assim, da própria ideia que fazamos duma paróquia com as características que uma acção do tipo da desenvolvida no Padrão deixa pressupor, resultará um processo de encarar a sua organização. Qualquer paróquia pode multiplicar os factores de eficácia, ou organizar as suas forças tradicionais: o trabalho será sempre incompleto se essas forças não forem vistas distintas - sim, mas não divididas - e convérgentes, integradas num todo.

Na linha de preocupações nascidas dessa descoberta vimos a paróquia organizada na imagem dum círculo dividido em sectores. Um certo número desses sectores referem-se ao que podemos designar por vida externa e outro grupo de sectores ao que chamamos vida interna. Os sectores da vida externa são:

- culto.
- agenda litúrgica e Festas da Paróquia.
- missioneação (compreendendo a sociabilização e culturalização como acções auxiliares).
- e o fomento.

Cabem ao primeiro sector - culto - as preocupações com as figuras ou grupos que servem a Deus e à comunidade no lugar de culto: o leitor, o orientador, a escola de acólitos, o



hostiário, o grupo coral, etc. e tudo o resto que diga respeito ao exercício da liturgia ou paraliturgia. Tais funções são exercidas mediante nomeação do Pároco ou do Conselho Paroquial. O 2º sector - agenda litúrgica e Festas da Paróquia - a cargo do Pároco, recorda o cuidado na preparação do calendário das festas de louvor e vida sobrenatural que se desenrolam ao longo do ano.

O sector missão (mandato directo do Pároco ou Bispo) tem o Pároco por seu assistente eclesiástico e compreende o grupo de catequistas, a A. C. Geral (que aqui se chama Caridade Fraterna) a A. C. especializada (aqui só JOG e JOCF), os centros de convívio (tais como o Salão Paroquial e outros pontos onde se promovam um estreitamento de relações ou acções de culturalizar e um círculo de estudos (ideia de construir um corpo mais reservado a um labor intelectual, de estudo e reflexão).

Finalmente, o sector fomento - ainda adentro da Vida Externa - engloba as realizações materiais: obras, programa de melhoramentos, aquisições, etc.. Seria formado a partir de nomeações do Conselho Paroquial.

Os sectores da vida interna são dois: Mesa Administrativa e Organização de Estudo. A Mesa Administrativa compreende dois subsectores: Economato e Planificação Económica. Dizem respeito ao Economato as contas, pagamentos, o cofre, os livros de deve e haver. Na Planificação Económica incluimos os programas de receitas ordinárias e extraordinárias, as despesas ordinárias, a previsão das despesas extraordinárias e o plano dos gastos. Pensou-se - e assim se procedeu com a 2ª Mesa Administrativa - que a Mesa seria eleita pelas famílias mediante lista e eleitores apresentados pelo Conselho Paroquial. O Padre tem sido um mero assistente eclesiástico junto dela.

O outro sector - Organização e Estudo - posto a trabalhar mediante nomeação do Conselho Paroquial é o responsável pelo ficheiro paroquial, pelo ficheiro da catequese, pelas fichas dos movimentos, pelos arquivos e estudos.

O Conselho Paroquial não constitui propriamente um sector: tem como função a coordenação de todos os sectores e a representação da Paróquia. O Pároco é o chefe do Conselho Paroquial. Actualmente - a partir do 2º aniversário da inauguração da Ca-



pela - é composto por três elementos. De futuro o número pode aumentar, caso necessário, fazendo parte dele um representante dos principais sectores, especialmente da Mesa Administrativa, do sector Missionaçãõ e do sector Fomento.

A experiência de mais de dois anos levou-nos a pensar na importância relativa desses sectores e na ordem do seu aparecimento numa obra com as características desta - acção de criação duma Paróquia Nova. Assim, o primeiro trabalho parece ser de missionaçãõ, recorrendo a uma acção de culturalizaçãõ e sociabilizaçãõ paralelas. Daí a necessidade de formar quanto antes esse sector, tão completo quanto a circunstância o pedir e a maturidade o permita.

Na obra da Paróquia Experimental no Padrão da Lêgua o Sector Missionaçãõ, compreendendo a acção de culturalizaçãõ e sociabilizaçãõ, foi-se constituindo na seguinte ordem cronológica:

1. grupo de catequistas - 1,5 meses após a chegada do missionário-pastor.
2. grupo central, estruturador e depois coordenador da Caridade Fraterna (A. C. Geral) - 2 meses após a chegada do missionário-pastor e antes da inauguraçãõ da Capela.
3. grupo de Recarei - 3,5 meses; pouco mais de 1 mês depois da inauguraçãõ da Capela.
4. grupo da Arroteia - 4 meses; quase 2 meses.
5. 1ª festas populares - 7 meses; quase 5 meses.
6. Juv. Operária Católica - 9,5 meses; 7 meses.
7. grupo Monte da Mina - 12 meses; quase 10 meses.
8. grupo do Seixo - 15 meses; quase 13 meses.
9. grupo Padrão e S. Gens - 19 meses; quase 17 meses.
10. Salão Paroquial - 24 meses; quase 22 meses.

O trabalho que seguidamente mais se impõe é a organizaçãõ do sector do culto porque a pastoreaçãõ continua a missionaçãõ.

Mas missionaçãõ e pastoreaçãõ implicam organizaçãõ e administraçãõ. Desse modo, um dos primeiros trabalhos é a criaçãõ duma comissão administrativa (criadora na Obra três meses depois da vinda do padre Leonel) à qual sucederá mais tarde os



três sectores: economato, planificação económica e fomento, (na Obra, passou pelas fases intermédias das duas Mesas Administrativas).

Dos subseqüentes sectores a promover, ainda que de modo modesto, é o Sector Organização e Estudo. Afigura-se-nos um factor de investigação e documentação e indirectamente de controle pelo estudo (sem se confundir com o Conselho Paroquial) e com a função de apresentar ao Padre o andamento da Obra. (Aqui, os trabalhos nesse sentido começaram quase um ano depois da vinda do padre Leonel).

O último sector a confiar a leigos, sem preparação especial para o efeito, é o Sector Fomento porque pressupõe uma formação social, cultural e artística. É o sector mais exigente em qualidades humanas e conhecimentos necessários de base dos seus componentes. O pouco ou nenhum cuidado com isto explica os desastres que em tantas obras motivados numa colaboração laical precipitada de boa intenção, se verificam ao confiar a pessoas locais certas tarefas (obras de pintura, compra de objectos de culto, por exemplo) e cujos critérios seguidos não coincidem com os esperados, desejados e exigidos pelo carácter da obra, por falta de preparação cultural, social e artística.

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

O relatório dos limites.

Com base em algum material recolhido e estudos feitos até à Quaresma de 1962 apresentou-se ao Prelado um Relatório dos Limites propostos.

Compreendida uma primeira Parte onde se exposeram as razões que levam a Diocese a pensar numa nova paróquia. Apresentava então os critérios usados na delimitação da nova Paróquia. Seguidamente, expunha a situação actual dos limites existentes e dos quatro bocados, pertença das freguesias vizinhas, e fazia a crítica a essa situação. Finalmente, o relatório ocupava-se do estudo dos limites. A documentação desenhada era constituída por gráficos e cartogramas do distrito do concelho (Porto e Matosinhos), assim como por cartogramas do Padrão, até à apresentação duma planta à escala 1/2.000 com os limites rigorosamente propostos.



Breve ideia da constituição socio-profissional
e das habitações de Picoutos.

O Relatório incluía também um gráfico das profissões dos chefes de família de Picoutos. Conhecido por nós como um dos lugares da Paróquia de menos favoráveis condições de nível de vida, surpreendeu-nos a fraquíssima percentagem de mulheres casadas trabalhando fora de casa. A quase totalidade são domésticas. Dos homens, encontramos forte percentagem de operários fabris, também elevada (embora menos) de operários de construção civil. Seguem-se outras profissões superiores - empregados de escritório, comerciantes, etc. - de percentagem reduzidíssima.

Metade das habitações possuem três ou quatro divisões; a outra metade conta duas divisões, outras com 5, poucas com 6 e uma de 1, outra de 7 e outra de 8 divisões.

O trabalho proporcionou ainda uma verificação muito curiosa: Em muitos casos, o caminho dos imigrantes não se faz das regiões rurais para os subúrbios das cidades; faz-se do campo directamente para a cidade, e, alguns meses depois, da cidade para os arredores. Esse recuo, provocado sem dúvida pelas dificuldades experimentadas e até aí imprevisíveis, foi verificado em numerosíssimas famílias de imigrantes, actualmente fixadas em Picoutos.

O Natal, o Presépio e o leilão.

Um novo Natal (1961) vinha oferecer nova oportunidade que seria aproveitada como no ano anterior.

Fez-se o Presépio e fez-se o Leilão. Espalhou-se um impresso, o Venha daí, onde se explicava que "uma festa, um arraial ou uma romaria, são um lugar de convívio onde as pessoas se encontram, conhecem e estimam. Num ambiente alegre e franco as famílias quebram o seu isolamento que é o grande obstáculo à colaboração entre elas". Teve lugar a 14 e 21 de Janeiro, e conheceu uma afluência ainda maior, um maior número e valor das ofertas do que no ano anterior, e receita muito maior ainda.



Os espectáculos no Salão Paroquial.

Entretanto já em 23 e 25 de Dezembro se realizavam no Salão Paroquial as primeiras reuniões e espectáculos com uma afluência respectivamente de 77 e 81 pessoas. A 13 e 14 de Janeiro de 1962 fazia-se teatro na presença de 75 e 120 espectadores e a 20 e 21 novamente teatro para 60 e 75 entradas. Mais tarde, a 10 e 11 de Fevereiro, outras reuniões com cinema na presença de 80 pessoas em cada uma, sensivelmente.

2º aniversário e esboço da situação da Obra.

Chegados ao 2º aniversário da Capela - 2 de Fevereiro de 1962 - terminamos o relato da experiência no Padrão da Légua, englobando dois anos e um trimestre.

As festas tiveram um programa equivalente às festas da inauguração e às festas do 1º aniversário, já tradição. Um tema novo, porém, unificava o programa: a Obra reflectiria sobre si mesma.

Por esta data a Obra tinha gasto cerca de 100 contos: 68 no arranjo da Capela e equipamento e 32 contos em rendas, gasto de electricidade e limpeza. Também já recebera cerca de 84 contos. A dívida era de, aproximadamente, 16,2 contos.

Pouco depois, a 2ª Mesa Administrativa liquidava essa dívida e a Paróquia nada deve já (considerando de fora as contas deixadas pela primeira Comissão de Festas, extinta há pouco tempo).

A data do 2º Aniversário os contribuintes, muito perto dos 200, asseguram à Obra quase 11,5 contos anuais à média aproximada de 65 escudos por família.



U. MORFOLOGIA PORTO



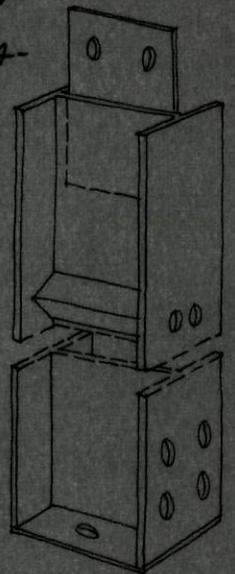
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



PEÇA Nº 1 - PILAR

ESTE ELEMENTO FAZ PARTE INTEGRANTE DOS PÓRTICOS DE VÃOS DE 8,30 E 10,30 M. EM QUALQUER DOS CASOS O PILAR TEM A MESMA ALTURA.

NUM DOS EXTREMOS, O PERFIL ESTÁ FECHADO COM UMA PLACA DE FERRO, PROVIDA DE 2 FUROS, QUE FUNCIONA COMO BASE DO PILAR E PERMITE A SUA FIXAÇÃO ÀS FUNDAÇÕES. NO OUTRO EXTREMO, UMA OUTRA PLACA SOLDADA À ALMA DO PERFIL, TAMBÉM COM DOIS FUROS, PERMITE A LIGAÇÃO DAS ASNAS QUE, ASSIM, DESCARREGAM O SEU PESO PRECISAMENTE NA ALMA DO I.



NUMA DAS ABAS, A PARTE INTERIOR DO PILAR APRESENTA 2 FUROS (VER CORTE ESCALA 1/50) DE CADA LADO, QUE POSSIBILITAM A FIXAÇÃO ÀS VIGAS PRINCIPAIS.

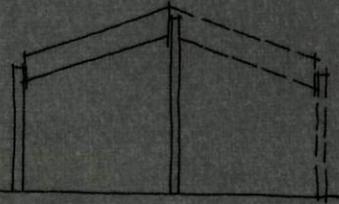
PERTO DA' DO EXTREMO SUPERIOR, TEMOS OUTROS ORIFÍCIOS ONDE PASSA UM PARAFUSO COMPRIDO DE ABA A ABA, FIXANDO A ASNA AO PILAR. ESSE PARAFUSO É PROTEGIDO DO TEMPO POR



UMA BARRA DOBRADA EM ÂNGULO RECTO E SOLDADA À ALMA DO I.

A 3,00 M DE ALTURA ESTA SOLDADA UMA CANTONEIRA PARA APOIO DA ESTRUTURA DO TETO.

COMO AS ASNAS SÃO COMPOSTAS POR DOIS ELEMENTOS, OU SEJAM DUAS MEIAS ASNAS SIMÉTRICAS, OFERECEM A POSSIBILIDADE DE ERGUER BARRACAS CORRESPONDENTES A MEIO VÃO COM TELHADO DE UMA SÓ ÁGUA

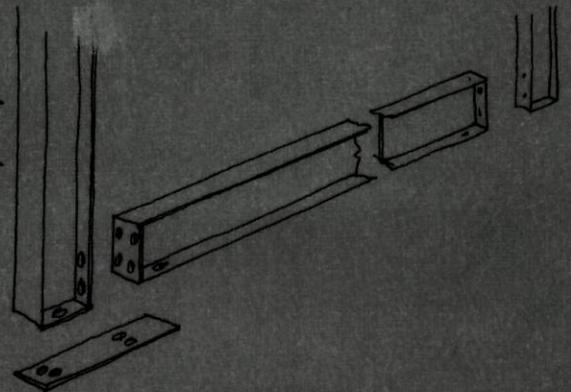


E, ASSIM, IMPUNHA-SE PREVER UM OUTRO PILAR MAIS ALTO (P. Nº 7a) PARA APOIO DA MEIA ASNA NUM DOS SEUS EXTREMOS. (UM OUTRO PILAR RESOLVERIA O PROBLEMA EQUIVALENTE NO VÃO DE 70,30). ESTES DOIS PILARES TERIAM POR BASE A MESMA PLACA ACIMA REFERIDA E, PRÓXIMO DO TOPO SUPERIOR, SERIAM PROVIDOS DOS NECESSÁRIOS FURDS ONDE VIRIA FIXAR-SE A MEIA ASNA.

PEÇA Nº2 - VIGA PRINCIPAL

ESTA PEÇA FECHA OS PÓRTICOS PELA PARTE DA BASE, ISTO É, EM CADA PÓRTICO, LIGA PILAR A PILAR.

OS SEUS EXTREMOS SÃO IGUAIS, FECHADOS COM PLACAS TAL COMO A BASE DO PILAR E



DOTADOS DE ORIFÍCIOS QUE A LIGAM AOS PICAPÉS E À PEÇA Nº 3.

ALÉM DESTES FURROS POSSUE OUTROS ESPAÇADOS DE 2,00 EM 2,00 M ONDE LIGAM AS VIGAS TRANSVERSAS (PEÇA Nº 8).

A UTILIZAÇÃO DOS MEIOS VÃO IMPUNHA A CRIAÇÃO DE OUTRAS DUAS VIGAS, UMA PARA A METADE DO VÃO DE 8,30 E OUTRA, METADE DO VÃO DE 10,30: CHAMAMOS-LHES 2B E 2C.

A PEÇA 2C É A VIGA PRINCIPAL DO VÃO DE 10,30.

AINDA UM TROÇO DE VIGA (PEÇA Nº 2d) FOI CHAMADO A RESOLVER UM PROBLEMA LEVANTADO PELA INTERSECÇÃO LI DE DOIS CORPOS.

PEÇA Nº 3 - LÂMINA DE LIGAÇÃO

PARA MAIOR SOLIDEZ DA LIGAÇÃO DAS PEÇAS Nº 1 E 2, EXISTE OUTRA PEÇA, UMA LÂMINA DE FERRO DE SUPERFÍCIE RETÂNGULAR, COLADA POR BAIXO DAQUELAS PEÇAS E LIGADA A ELAS.

PEÇA Nº 4 - CONSOLA

EM LUGAR DA PEÇA Nº 3 PODE SER USADA UMA VIGA I (COM A SECÇÃO DAS VIGAS PRINCIPAIS) QUE ACUMULA AS FUNÇÕES DAQUELA E



cria o apoio para um pavimento inferior ao das barracas, disposto longitudinalmente, tipo varanda.

Esta peça tem os furos necessários para a sua ligação às peças nº 2 e nº 2 e às vigas transversais (peça nº B).

Prevenindo-se a instalação de uma varanda mais larga pela utilização não da

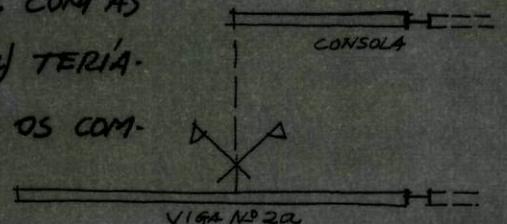
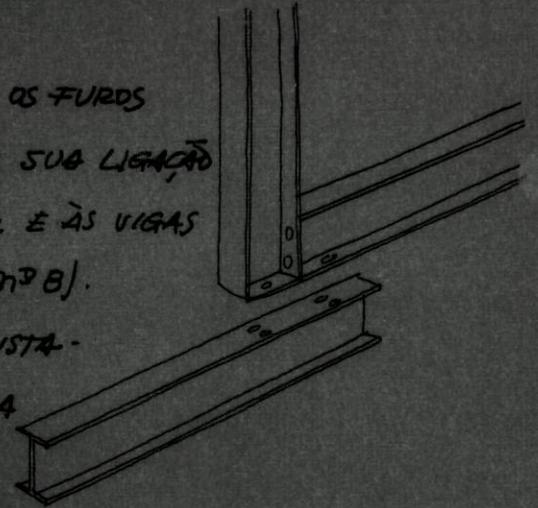
viga nº 4a mas sim da peça nº 2b apoiada nos dois extremos, com vista a fazer com que o furo onde ligam as vigas transversais, fosse o mesmo que vai ser aproveitado para a ligação das transversais da varanda. Assim, se a quiséssemos conjugar com as

consolas (peças nº 4a) teríamos que dar a estas os com-

primentos e as perfurações convenientes.

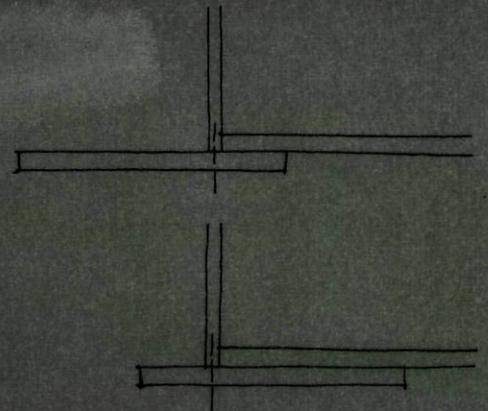
Por outro lado, a intersecção em forma de L de duas barracas (possibilidade de disposição não estudada pela maquete) obrigava-nos, em certos pontos da referida varanda, a utilizar a consola de balanço mais pequeno.

Achámos conveniente poupar, ainda aqui, uma nova peça, utilizando para o efeito a mesma peça nº 4a de modo que, além dos



CUIDADOS NA PERFURAÇÃO TIPO ACIMA, FORNE POS-
SÍVEL UTILIZAR A MESMA PEÇA EM DUAS POSIÇÕES

(ORA COM O MAIOR
BALANÇO PARA
FORA, ORA COM
O MENOR). FOI
TUDO ISSO QUE NOS
LEVOU A SUBSTITUIR
A PEÇA DA MARQUE



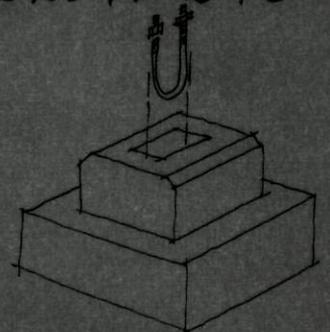
POR AQUELA QUE PROPOMOS. (P.N.º 4A E NÃO P.N.º 4).

DESTA MODO PODEMOS, SÓ COM AS VIGAS DIS-
PONÍVEIS, CONSTRUIR VARANDAS COM LARGURA VARI-
VEL DE CERCA DE 700 MM, PASSANDO PELOS 7.700
ATE' AOS 3.500. (SEM FALAR JA', PORQUE OI NÃO
UTILIZAMOS, EM VARANDAS DE 8 OU 10 M DE LAR-
GURA, PARA O QUE BASTARIA UTILIZAR AS VIGAS
PRINCIPAIS DOS VÃOS DE 8,30 E 10,30 M).

PEÇA Nº 7 - GANCHO DE LIGAÇÃO DOS PÓRTICOS ÀS FUNDAÇÕES

TRATA-SE DUMA PEÇA EM FORMA DE U E
ROSCADA NOS EXTREMOS, ONDE ENTRA UMA POR-
CA DEPOIS DELAS TEREM PASSADO PELOS FU-
ROS DA BASE DO PILAR.

A BASE DO U, EM SEMI-
CÍRCULO, ENTRA NUMA
FENDA EXISTENTE NAS
FUNDAÇÕES. ESSA FEN-



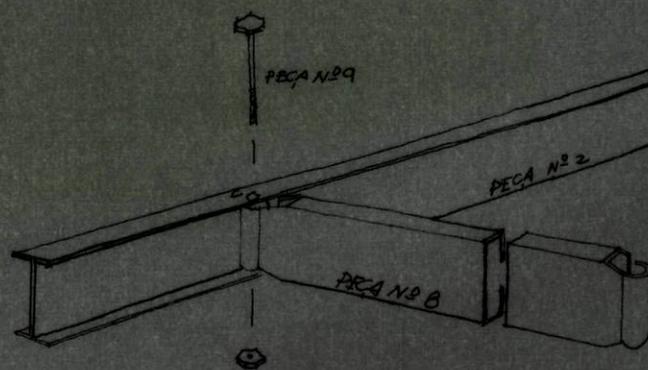
DA É CHEIA DE ARGAMASSA DEPOIS DE TODO O



PORTICO LEVANTADO E APRUMADO. ESTE SISTE-
MA TEM A QUALIDADE DE PREVER QUALQUER
POSSIVEL ERRO NA IMPLANTACAO DAS SAPATAS DE
FUNDAÇÃO POIS A CAVIDADE NELAS PERMITE A
DESLOCACAO DO PILAR MAIS PARA TRÁS OU PARA
DIANTE, MAIS PARA A DIREITA OU PARA A
ESQUERDA, CONFORME A CONVENIENCIA, OFE-
RECENDO ASSIM UMA AMPLITUDE DE, RESPEC-
TIVAMENTE, 100 E 50 ^{CM}/M.

PEÇA Nº 8 - VIGA TRANSVERSAL

ESTAS VIGAS SÃO COLOCADAS TRANSVERSAL-
MENTE DE VIGA PRINCIPAL A VIGA PRINCIPAL,
ONDE LIGAM POR PARAFUSOS. TEM OS EXTRE-
MOS ENROLADOS DE MODO A ENVOLVER O REFE-
RIDO PARAFUSO. O ENROLAMENTO ESTA FEITO



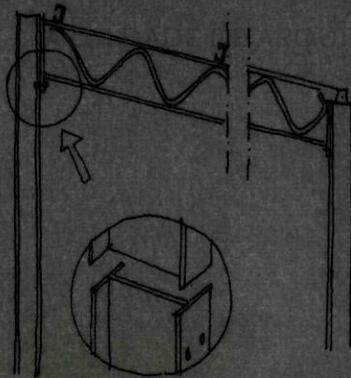
DE MANEIRA QUE NÃO SÓ O PARAFUSO FIQUE A EI-
XO DA VIGA (CONVENIENCIA ÓBVIA), COMO PERMITA
QUE ENTRE NAS ABAS DA PEÇA Nº 2, ISTO É,
TENHA A ALTURA DA ALMA DO PERFIL Nº 2;
E, PORQUE A PEÇA Nº 8 É LIGEIRAMENTE MAIS



ALTA DO QUE A PEÇA Nº 2, PERMITE QUE O PARAFUSO (PEÇA Nº 9) FIQUE POR BAIXO DOS TIRANTES DO PAVIMENTO, NÃO ESTORVANDO O SEU ASSENTAMENTO.

PEÇA Nº 10 - MEIA ASNA

ESTAS PEÇAS SÃO COMPOSTAS FUNDAMENTAMENTE POR DUAS CANTONEIRAS E UM FERRO VERQUINHA. NUM DOS EXTREMOS DA VIGA ASSIM COMPOSTA, TEMOS UMA PATILHA QUE SERVE DE LIGAÇÃO À OUTRA MEIA ASNA (OU AO PILAR NO CASO DE MEIO PÓRTICO) E NO



OUTRO EXTREMO TEMOS UMA LINGUA E UMA PATILHA QUE FAZEM A LIGAÇÃO A OUTRO PILAR. NO FERRO EM L QUE CONSTITUI A PARTE SUPERIOR DA VIGA AR-

NADA, FORAM SOLDADAS CANTONEIRAS PARA A FIXAÇÃO DAS MADRES E NO L QUE CONSTITUI A PARTE INFERIOR, OUTRAS CANTONEIRAS ASSEGURAM A LIGAÇÃO AOS TIRANTES DO TETO (PEÇAS Nº 13 E 13A).



PEÇA Nº 11 - ALPENDRE

A SUA CONSTITUIÇÃO E LIGAÇÃO AO PILAR SÃO IDÊNTICAS ÀS DA MEIA ASNA.

PEÇAS NºS 11Q E 12 - LARÓ E ALPENDRE

ENTRE OS PROBLEMAS LEVANTADOS PELA INTERSECÇÃO L DE DOIS CORPOS, AVULTAVA A RESOLUÇÃO DO LARÓ E RESPECTIVO ALGEBRIZ.

A LINHA LARÓ IRIA DUM PILAR NA POSIÇÃO DE MEIO VÃO ATÉ OUTRO PILAR NORMAL. A SUA LIGAÇÃO AOS IZ FAR-SE-IA POR PATILHAS QUE ASIENASSEM NA ALMA DOS PERFIS. E, PARA QUE ESSA PEÇA NÃO VIÉSSE A INTERFERIR COM AS MEIAS ASNAS, IMPUNHA-SE ESTUDAR O PERFIL ADEQUADO DAS CANTONEIRAS QUE O CONSTITUIRIAM (VER DESENHOS).

EMBORA AS CANTONEIRAS FOSSEM DE ABAS MENORES DO QUE AS CANTONEIRAS DAS MEIAS ASNAS, E, TENDO AINDA, NO CASO LARÓ, DE VENCER UM MAIOR VÃO, ISSO NÃO NOS PARECEU CONSTITUIR PROBLEMA POIS É MAIOR O PESO DO TELHADO SOBRE UMA MEIA ASNA DO QUE SERIA SOBRE O LARÓ.

POREÉM, OUTRA DIFICULDADE SE OFERECIA: COMO O AFASTAMENTO ENTRE PÓRTICOS CONSECUTIVOS É MENOR ($= 4.000$) DO QUE O MEIO VÃO ($= 4.080$); ISTO É: 8.300 DE EIXO A



EIXO DOS PILARES, MENOS $2 \times 75,0$ QUE DA' 8.700 , QUE DIVIDIDO POR 2 NOS CONDUZ A 4.080), COMO O AFASTAMENTO, DIZÍAMOS, É MENOR DO QUE O MEIO VÃO, A LINHA LARGO DE EIXO A EIXO DOS PILARES NÃO É UMA LINHA A 45° . PORTANTO NÃO COINCIDE COM A LINHA DE INTERSECÇÃO DOS TECHADOS. ESTA CONDI-
CIONANTE LEVARIA A ESTUDAR UM ALGEROZ MAIS ESTREITO NO PONTO MAIS ALTO E MAIS LARGO NO PONTO MAIS BAIXO DA QUEDA, PARA QUE O SEU EIXO NÃO DEIXASSE DE SER A LINHA A 45° PARALELA NUM PLANO VERTICAL À INTERSECÇÃO DOS TECHADOS.

O REFERIDO ALGEROZ ADOTARIA DUM LADO NO LARGO E DO OUTRO LADO, EM PEÇAS LIGADAS AO LARGO, TAL COMO MOSTRAM OS DESENHOS. SERIA COMPOSTO DE ELEMENTOS SUCESSIVAMENTE ENFIADOS UNS NOS OUTROS, ATÉ VENCER O VÃO E O SEU PROLONGAMENTO EM ALPENDRE.

A SUA FORMA E POSIÇÃO NASCEU DE FOR-
TES CONDICIONANTES, QUE A LEITURA DOS DESENHOS PODE REVELAR.

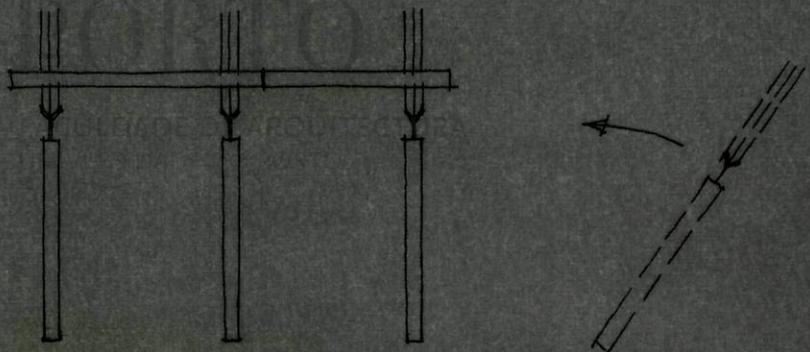
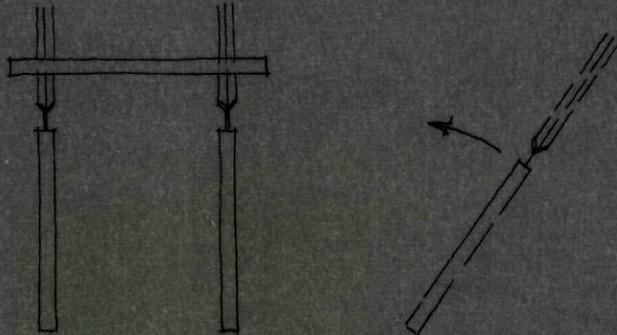
PEÇAS NOS 13 E 13A - TIRANTES

SÃO DUAS BARRAS ALCONGADAS E DOBRADAS EM HÉLICE PERMITINDO A SUSPENSÃO DA ESTRUTURA DO TETO A PARTIR DAS ASNAS.



PEÇAS NºS 75 E 75a - MADRES

AS MADRES DOS MÓDULOS SEGUNDO E SEQUINTEJ
TÊM COMPRIMENTOS IGUAIS; POREM, DIFEREM
DAS MADRES DO PRIMEIRO MÓDULO. TAL SISTEMA
PERMITE A MONTAGEM RÁPIDA DELAS, ENQUANTO



OS PÓRTICOS SE VÃO PROGRESSIVAMENTE ERGUENDO
E APRUMANDO. UMA VEZ DOIS PÓRTICOS AO ALTO,
COLOCA-SE A PRIMEIRA MADRE (P. Nº 75) QUE É
SUFICIENTEMENTE COMPRIDA PARA POUSAR EM
AMBAS AS ASNAS. LEVANTADO OUTRO PÓRTI-
CO, A MADRE SEQUINTE (P. Nº 15a) LIGA À MA-
DRE JÁ COLOCADA E VAI ADIAR, FELO OUTRO EX-
TREMOS, À ASNA DESSE PÓRTICO. E ASSIM SUCE-
DIMENTE, UTILIZANDO SEMPRE MADRES Nº
75a.



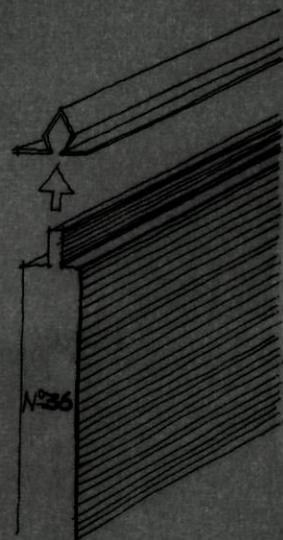
PEÇAS NºS 18, 18a, 18b, 19a e 19b ESTRUTURA DO TETO

ESTAS PEÇAS APRESENTAM UM PERFIL REBELDE À FLEXÃO, ALÉM DE OFERECER ENCASTO AOS PAINÉIS EXTERIORES E APOIO AOS PAINÉIS DO TETO.

AS LIGEIRAS DIFERENÇAS DAS PEÇAS Nº 18a E 18b LÊEM-SE BEM NOS DESENHO. ESSAS PEÇAS SÃO PERFEITAMENTE IDÊNTICAS, MAS SIMÉTRICAS; E, SE CONSTITUEM DUAS PEÇAS, NÃO SÓ UMA, É UNICAMENTE PARA FACILITAR O TRABALHO DA MONTAGEM.

PEÇAS NºS 20 E 21

ALÉM DE, COMO AS ANTERIORES, PERMITIREM O APOIO RÁPIDO DOS PAINÉIS DO TETO, TÊM A PARTICULARIDADE DUM PERFIL QUE POSSIBILITA A SUA UTILIZAÇÃO COMO CARRIL DOS PAINÉIS INTERIORES QUE CONSTITUEM AS PAREDES (p. Nº 36) E POSSIBILITA A FIXAÇÃO A ELAS DAS PEÇAS Nº 24.

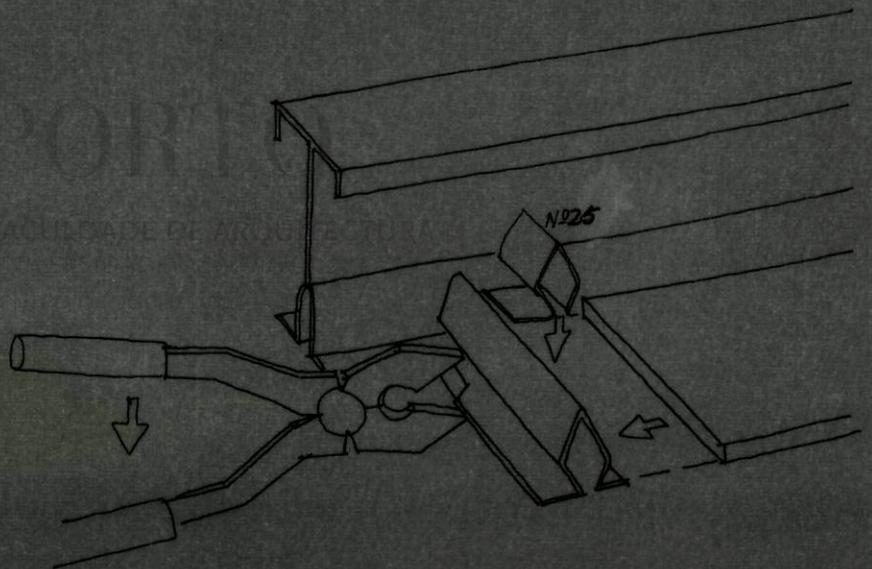


PEÇAS NRS 22 E 23

SÃO PEQUENAS PEÇAS ESTUDADAS COM VISTA À RÁPIDA LIGAÇÃO ENTRE SI DAS PEÇAS ANTERIORES, PARA O QUE BASTA COLCÁ-LAS NO LUGAR E DOBRAR AS PESTONAS COM UM ALICATE.

PEÇA Nº 25 - GRAMPO DE FIXAÇÃO

É UMA PEÇA DE AÇO QUE PERMITE A IMEDIA



TA FIXAÇÃO DOS PAINÉIS DO TETO ÀS PEÇAS Nº 21.

PEÇAS NRS 26a, 26b, 27, 28, 28a, 36, 40 E 41 PAINÉIS

OS PAINÉIS SÃO CONSTITUÍDOS POR UM CAIXILHO E UM ENGRADADO DE MOSSIBI ONDE COLAM DUAS LÂMINAS DE PLATEX OUTABODAM.

NRS PAINÉIS EXTERIORES O PLATEX FICA PARA



O LADO DE FORA E O TABOPAM PARA O LADO DE DENTRO.

OS PAINÉIS DO PAVIMENTO APRESENTAM AMBAS AS FACES EM PLATEX, OS PAINÉIS INTERIORES AMBAS AS FACES EM TABOPAM E OS PAINÉIS DO TETO SÃO CONSTITUÍDOS POR UMA ÚNICA LÂMINA DE TABOPAM DE 8 $\frac{1}{4}$ M.

OS PAINÉIS EXTERIORES E OS PAINÉIS DO PAVIMENTO COMPORTAM, ENTRE AS DUAS REFERIDAS LÂMINAS, UM ISOLANTE TÉRMICO E SONORO. OS PAINÉIS INTERIORES SÃO APENAS ENCRADADOS.

PEÇAS NºS 29a E 30 - RÉGUAS

NO SISTEMA ADOPTADO PELA MAQUE, AS RÉGUAS QUE LIGAM OS PAINÉIS SÃO APARAFUSADAS COM A PORCA PARA O LADO EXTERIOR. TAL SISTEMA PARECE-NOS INCONVENIENTE: NÃO SÓ PERMITE FÁCILMENTE A RETIRADA DOS PAINÉIS E A PENETRAÇÃO NO INTERIOR, COMO A SIMPLES RETIRADA DAS PORCAS E ATÉ O ROUBO DAS FOLHAS DE ALUMÍNIO. POR ISSO, SUBSTITUÍMOS O SISTEMA PELAS RÉGUAS Nº 29a e Nº 30 (ALIÁS, ESTA ÚLTIMA É O PERFIL USADO PELA MAQUE PARA OS PAINÉIS INTERIORES), COM PARAFUSOS A APERTAR DENTRO E DE TAL MODO QUE A PORCA SE MANTENHA ESCONDIRA PARA SEGURANÇA DE QUEM SE DELOQUE JUNTO ÀS PAREDES.

PARA FACILITAR A MONTAGEM, A RÉGUA



Nº 32a AGARRARIA OS PARAFUSOS NA POSIÇÃO EM QUE DEVEM SER ENFIADOS NA RÉGUA Nº 30.

PEÇA Nº 32a - RÉGUA DE CANTO

OS PAINÉIS EXTERIORES PODERÃO, PELO LADO DE FORA, SER REVESTIDOS A ALUMÍNIO OU A CHAPA DE ZINCO QUINADA.

QUALQUER REVESTIMENTO A SER COLOCADO DEPOIS DOS PAINÉIS (SOLUÇÃO MAGUE), ACARRETA QUE AS PORCAS FIQUEM PARA FORA - SISTEMA QUE PUSEMOS JÁ DE LADO - OU QUE AS RÉGUAS, ALÉM DOS FURDS PARA OS PARAFUSOS DE APERTO, VENHAM PROVIDOS DE OUTROS FURDS PARA A FIXAÇÃO DO REVESTIMENTO; E, COMO AS MESMAS RÉGUAS DEVEM SER APLICADAS QUER HAJA, QUER NÃO HAJA REVESTIMENTO EXTERIOR, RESULTA QUE NESTE ÚLTIMO CASO TEMOS FURDS ABERTOS SEM UTILIZAÇÃO E PREJUDICANDO, COMO É ÓBVIO, O INTERIOR.

ASSIM, TENTANDO FUGIR A TODOS ESTES INCONVENIENTES, OPTARÍAMOS PELA SOLUÇÃO DOS PAINÉIS JÁ REVESTIDOS DE FÁBRICA, OU ATÉ PREFABRICADOS NA OBRA, POIS FÁCILMENTE SE COMPLETAM NO LOCAL DA MONTAGEM ONDE AS CHAPAS PODERIAM SER APARAFUSADAS OU PRESAS (E PINTADAS NO CASO DO ZINCO) ANTES DA FIXAÇÃO DOS PAINÉIS.



PEÇAS NºS 41, 43 E 43a

ESTES PAINÉIS QUE FECHAM A CAIXA DO TELHADO, PRECIAM DUMA PINGADEIRA ABENTE POR CIMA DAS PEÇAS Nº 18 E Nº 18a (OU IDÊNTICAS). O PERFIL Nº 47, DE ZINCO, FOI ESTUDADO DE MODO QUE NA PRÓPRIA OBRA FOSSE ENCAIXADO NUMA FENDA DO PAINEL - PEQUENO ESPAÇO ENTRE O CAIXILHO DE MADEIRA E O PLATEX - NÃO SÓ PARA QUE A VEDAÇÃO FOSSE EFICAZ, COMO AINDA PARA QUE O PAINEL SE PRESTASSE AO TRANSPORTE FÁCIL, SEM PINGADEIRA.

A PEÇA Nº 43 SEGURARIA O PAINEL NA PARTE SUPERIOR. NA EMPENA, FIXARIA AS MADRES POR UM GRAMPO, ENVOLVELAS-IA, PROTEGENDO-AS, E TERMINARIA ENCABEÇADA POR RALMIX, ONDE POSSARIAM AS CHAPAS DE COBERTURA. NO BEIRAL, APRESENTARIA UM MOVIMENTO ONDULADO ACOMPANHANDO-O, E, DE IGUAL MODO, ACOMODADO A RALMIX OU COMPRIBAND (PEÇA Nº 43a).

PEÇA Nº 42 - ENCOSTO DO PAINEL DA CAIXA DO TELHADO

O PERFIL DESSE PAR DE PEÇAS LÊ-SE NOS DESENHOS (CORTE ESCALA 1/20 E PORMENORES 1/5).

A PEÇA QUE FIXA ÀS MADRES NÃO SERIA CONTÍNUA E BASTARIA TER LARGURA SUFICIENTE PARA DOIS FUROS E RESPECTIVOS PARAFUSOS, REPETINDO-SE DE 500 EM 500 MM.



A PEÇA QUE OFERECE APOIO AOS PAINÉIS SERIA CONTÍNUA DE DILAR A DILAR, ISTO É, EM TODA A EXTENSÃO DO ESPAÇAMENTO DO MÓDULO.

PEÇA Nº 44 - RÉGUAS DOS PAINÉIS DA CAIXA DO TELHADO

A CAIXA DO TELHADO - CHAMAMOS ASSIM AO ESPAÇO COMPREENDIDO ENTRE O PLANO DO TETO DAS BARRACAS E OS PLANOS INCLINADOS DAS CHADAS DE COBERTURA - É, NO SISTEMA NAQUE, FECHADA NAS EMPENAS COM MATERIAL PLÁSTICO ONDULADO. SÃO ÓBVIOS OS INCONVENIENTES DESSA SOLUÇÃO: POUCA EFICAZ QUANTO À VEDAÇÃO DO INTERIOR; LUE NO INTERIOR SE AS DEPENDÊNCIAS NÃO TÊM PAINÉIS DE TETO (CASO QUE NÓS ALGUMAS VEZES UTILIZAMOS POR RAZÕES QUER ECONÓMICAS, QUER PARA CONSEGUIR UM MAIOR PE' DIREITO); ETC.

ISSO LEVANTANDO A ESTUDAR UM SISTEMA DE VEDAÇÃO COM PAINÉIS (p. Nº 41) IDÉNTICOS AOS DAS PAREDES EXTERIORES, DEVIDAMENTE APROPRIADOS.

A PEÇA Nº 44 É UMA RÉGUA COMPOSTA, DE CERTA FLEXIBILIDADE, QUE PERMITIRIA O ENCAIXE RÁPIDO DOS PAINÉIS E A SUA FIXAÇÃO SIMULTÂNEA. A ALTURA A QUE SERIAM MONTADAS, EMBORA NÃO FORSE GRANDE, DESACOMPLHAVA QUALQUER SISTEMA DE ADAPAFUSAR.



PEÇAS NºS 45 E 45a

JUNTO DOS PILARES IMPUNHA-SE UM OUTRO SISTEMA
CAPAZ DE VEDAR O ÂNGULO. O CONJUNTO Nº 45-45a
- 2 FIBRIS EM U E 3 GRAMPAS DE LIGAÇÃO - RESOL-
VERIA O PROBLEMA DO REMATE, FIXANDO O PAINEL À
ASNA E FECHANDO O INTERVALO ENTRE ESTA E O
PILAR.



U. PORTO



S I N T A X E
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



C. O. D. A.

OS MATERIAIS

QUATRO GRANDES CLASSES DE MATERIAIS FORAM CHAMADOS A RESOLVER OS PROBLEMAS POSTOS, QUER INDIRECTAMENTE PELA NATUREZA DO PROBLEMA, QUER DIRECTAMENTE PELO CARÁCTER DA CONSTRUÇÃO — CONSTRUÇÃO PRÉ-FABRICADA E DESMONTÁVEL.

SÃO ELAS: O BETÃO ARMADO PARA AS SAPATAS DE FUNDAÇÃO; O FERRO GALVANIZADO PARA A ESTRUTURA; AS MADEIRAS Prensadas PARA AS PAREDES; E O FIBROCIAMENTO PARA A COBERTURA.

AS BARRACAS DA MARQUE SÃO CONSTRUÇÕES SEMI-MÓVEIS, ISTO É, POR UM LADO COM CERTO GRAU DE MOBILIDADE, POIS FORAM CONCEBIDAS TENDO EM VISTA A RECUPERAÇÃO INTEGRAL DOS SEUS ELEMENTOS E, POR OUTRO LADO, COM CERTO ASPECTO E ROBUSTEZ DE CONSTRUÇÃO QUASE DEFINITIVA, PORQUE SE PREVÊ A PERMANÊNCIA DELAS POR PERÍODOS MAIS OU MENOS LONGOS, SEM QUEBRA DE COMPORTAMENTO E EFICÁCIA.

DO PRIMEIRO ASPECTO, RESULTOU A SOLUÇÃO ENCONTRADA PARA A ESTRUTURA, PARA AS PAREDES E PARA A COBERTURA; DO SEGUNDO ASPECTO, RESULTOU A ESCOLHA DO MATERIAL PARA AS FUNDAÇÕES.



AS FUNDAÇÕES

O BETÃO ARMADO GARANTE A SOLIDEZ QUE AS FUNDAÇÕES REQUERIAM SEM DIFICULTAR MAIS O TRANSPORTE, DADA A PRÓPRIA NATUREZA DO MATERIAL QUE PERMITE A CONSTRUÇÃO DELAS NO LOCAL ESCOLHIDO PARA A IMPLANTAÇÃO DA UNIDADE.

O PRINCIPAL "CONTRA" RESIDE NO FACTO DE ABANDONAR ALGUNS METROS CÚBICOS DE BETÃO ARMADO EM CADA TERRENO ONDE VENHA A IMPLANTAR-SE A CONSTRUÇÃO. MAS AS VANTAGENS REFERIDAS E ACRESCIDAS DE OUTRAS A REFERIR, DESARAYAM MAIS, E A SOLUÇÃO FOI TIDA, EM PRINCÍPIO, POR RAZOÁVEL.

PREVENDO-SE QUE OS TERRENOS SEJAM MAIS OU MENOS EMPENHADOS, O SISTEMA PERMITE A IMPLANTAÇÃO SEM TERRAPLANAGEM MORDAS E DISPENDIOSAS, DADO QUE A ALTURA DAS SAPATAS (380mm ACIMA DA TERRA) É VARIÁVEL CONFORME AS NECESSIDADES, ISTO É, CONFORME A COTA RELATIVA DO PONTO MAIS ALTO DO TERRENO PARA O PONTO MAIS BAIXO DO MESMO. O MODO COMO FICA RESOLVIDO O GRAU DE EMPENAMENTO E CONFIGURAÇÃO DE CADA TERRENO, SOMA ÀS RAZÕES QUE SE INCLINAM



PELO ABANDONO DAS SAPATAS NO LOCAL PARA QUE FORAM CRIADAS.

OS ÚNICOS ELEMENTOS CAPAZES DE PRÉFABRICAÇÃO SÃO OS CUNHOS DE MADEIRA, QUE PERMITEM MOLDAR OS DASAS ONDE ENTRAM E SÃO CAUIMBADOS OS GANCAOS ESPECIAIS (PEÇAS X07) DE LIGAÇÃO À ESTRUTURA.

A FUNDAÇÃO NA LINHA DO MEIO VÃO TEM UM SULCO TRANSVERSAL À VIGA PRINCIPAL POR CAUSA DO PARAFUSO QUE FIXA AS VIGAS TRANSVERSAIS À VIGA PRINCIPAL. E AS FUNDAÇÕES ONDE POUSAM OS PILARES — OU SEJAM AS DA PERIFERIA — TEM, NO SENTIDO LONGITUDINAL DAS BARRAGAS, AS ARESTAS CORTADAS POR CAUSA DO PARAFUSO QUE LIGA AS VIGAS TRANSVERSAIS À VIGA PRINCIPAL.

U. PORTO

FACULDADE DE ENGENHARIA A ESTRUTURA E A COBERTURA

SE A PRÉFABRICAÇÃO É UM PROBLEMA COMPLEXO, A PRÉFABRICAÇÃO COM POSSIBILIDADE DE RECUPERAÇÃO INTEGRAL DEPOIS DE UTILIZADOS OS ELEMENTOS, É PROBLEMA DUAS VEZES COMPLEXO. E SÃO PROBLEMAS PRÁTICAMENTE POR NÓS DESCONHECIDOS.

AS CRIANÇAS E OS JOVENS, QUE BRINCAM COM AS CAIXAS "MECCANO" E "LEGO", SADEM QUE A ECONOMIA ESTÁ NA STANDARDIZAÇÃO E NA RECUPERAÇÃO DA PEÇA E NÃO NA CRIAÇÃO FUNCIONAL PARA CADA CASO DE CADA UMA.

ISTO OBRIGA O TÉCNICO A PROJECTAR O MENOR NÚMERO POSSÍVEL DE PEÇAS COM VARIEDADE DE APLICAÇÕES.



A INDÚSTRIA NACIONAL NÃO SÓ LHE FALTAM OS MEIOS
COMO LHE FALTAM OS TÉCNICOS.

ASSIM, A ESCOLHA DO SISTEMA É SIMULTANEAMENTE
DIFÍCIL E FÁCIL, DADA A POBREZA DO MERCADO.

O BETÃO ARMADO, CREMOS QUE NÃO ESTÁ INDICA-
DO PARA ESTES CASOS; OUTROS MATERIAIS — TAIS CO-
MO PLÁSTICOS — VÊM AINDA LONGE DE NÓS; RESTA-
NOS O FERRO E MESMO ESSE, AINDA POUCO FAMILI-
AR. DO QUE ENCONTRAMOS, PARECE-NOS SER O
SISTEMA MAGUE O MELHOR PONTO DE PARTIDA
PARA AS NOSSAS TENTATIVAS E REFLEXÕES. POR
ISSO, DOS SISTEMAS CONHECIDOS, MISTOS DE FERRO
E DE MADEIRAS PENSADAS, ESCOLHEMOS ESTE.

ASSIM, IMPUSEMO-NOS A ACEITAÇÃO DO FERRO
GALVANIZADO PARA A ESTRUTURA COM POSSIBILI-
DADE DE RESISTÊNCIA AO TEMPO, E DAS PAINÉIS
DE MADEIRA PENSADA PARA O PAVIMENTO, PARE-
DES E TETO, SUFICIENTEMENTE LEVES, RESISTEN-
TES E ISOLANTES.

A PRÉ-FABRICAÇÃO E A MOBILIDADE DA COBER-
TURA CONHECE, MESMO ENTRE NÓS, ALGUMAS SOLU-
ÇÕES CÔMODAS. O SISTEMA ADOPTADO PELA MAGUE
NAS SUAS BARRACAS CONSISTE EM CHAPAS DE ALU-
MÍNIO. UMA MELHOR APARÊNCIA DE ROBUSTEZ,
O ISOLAMENTO TÉRMICO E SONORO — ESPECIALMENTE
A DIMINUIÇÃO DO BARULHO DA CHUVA — LEVOU-NOS A
PREFERIR AS CHAPAS DE FIBROCIMENTO ONDULADAS.



AS SOBRECARGAS

O SISTEMA FOI CALCULADO PARA A SOBRECARGA DE 300 Kg/m².

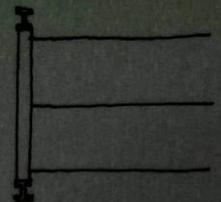
COMO NA ÁREA DESTINADA A CAPELA PREVIAMOS GRAN-
DE AFLUÊNCIA (SOBRECARGA DE 500 Kg/m²) DOBRAMOS
O NÚMERO DE VIGAS TRANSVERSAIS, OU MELHOR, RE-
DUZIMOS O VÃO A MEIO, INTERCALANDO NOVA VIGA
ENTRE CADA DUAS NAS POSIÇÕES PREVISTAS PARA O
VÃO DE 10,30 M.

AS VIGAS

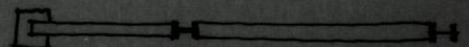
DISEÑAMOS JÁ (NA "DESCRIÇÃO DAS PEÇAS") QUE A INTER-
SECÇÃO LI LEVANTOU PROBLEMAS DE DIFÍCIL SOLUÇÃO,
DADO QUE QUISEMOS APROVEITAR UM SISTEMA QUE
FUERA CRIADO PARA A SIMPLES BARRAGA ISOLADA.

A POSIÇÃO RELATIVA DE DUAS FUNDACÕES (ÚLTI-
MAS DE DOIS CORPOS FAZENDO 90 GRAUS) RESULTOU
DAS DIMENSÕES DOS PAINÉIS DO PAVIMENTO. E
FORAM PREVISTAS VIGAS PRINCIPAIS DO MEIO-VÃO
DE 8,30 E DO MEIO-VÃO DE 10,30, AQUELAS COM
PERFURAÇÕES DE TAL MODO QUE POSSIBILITEM A SUA
UTILIZAÇÃO EM QUATRO APLICAÇÕES DISTINTAS:

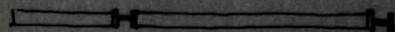
1º, CASO NORMAL DO MEIO-VÃO;



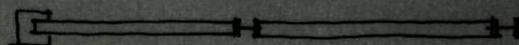
2º, CASO DE COMPLEMENTO DO MEIO-VÃO DE 10,30;



39, CASO DUMA CONSOCA DUMA VARANDA MAIOR À
ENTRADA DO PÁTIO;



42, CASO DUMA OUTRA VARANDA À ENTRADA DO COR-
PO SOCIAL.



NOTE-SE AINDA QUE A VIGA PRINCIPAL DO MEIO-VÃO
DE 8,30 É FECHADA NOS TOPOS E PERFORADA E, ASSIM,
NOS CASOS QUE CONVIER, PODEM UTILIZAR-SE DUAS DE
MEIO-VÃO EM LUGAR DE UMA E LIGÁ-LAS UMA À OU-
TRA, O QUE POSSIBILITA IMEDIATAMENTE A LIGAÇÃO DUMA
VIGA TRANSVERSAL NUM PONTO ONDE AS VIGAS PRINCÍ-
PAIS DE TODO O VÃO NÃO ESTÃO PERFORADAS.

U. PORTO
FACULDADE DE ARQUITECTURA

AS ASNAS

A TROCA DAS CHAPAS DE ALUMÍNIO PELAS CHA-
PAS DE FIBROCIMENTO, OBRIGAM A REVER A DISTRIBUIÇÃO
DAS MADRES NAS ASNAS. COM MAIS UMA MADRE
OS ESPAÇOS SÃO IGUAIS E É POSSÍVEL UTILIZAR AS
CHAPAS NOVINCO DE 1,22 COM OS ESPAÇOS DE MA-
DRE A MADRE DE 1,04.

E, ASSIM, PROPÕE-SE TAMBÉM SUBSTITUIR O AL-
PENDRE POR OUTRO DE MENOR BALANÇO.



T. J. A.

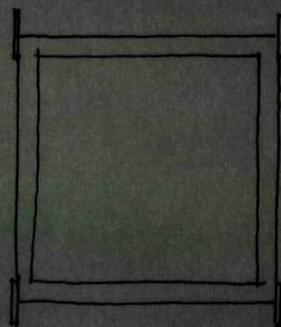
OS PAINÉIS

EXPOUSEMOS JÁ OS MOTIVOS QUE LEVARAM À SUBSTITUIÇÃO DO SISTEMA MAQUE DE REVESTIMENTO DOS PAINÉIS PELO NOSSO SISTEMA.

JUNTO ÀS PORTAS DE ENTRADA NO SALÃO-CONVÍVIO, PREVEJAMOS A UTILIZAÇÃO DE PORCAS DE ORELHAS PARA TORNAR OS PAINÉIS O MAIS AMOVÍVEIS POSSÍVEL. A SOLUÇÃO DE REVESTIMENTO PROPOSTA FACILITA ESTE TRABALHO DE REMOÇÃO.

AS PORTAS E JANELAS ESTUDADAS E USADAS PELA MAQUE SÃO DISPENDIOSAS, COMPLEXAS E DE ASPECTO POUCO AGRADÁVEL. ACHAMOS QUE A MADEIRA OFERECIA AS MÍNIMAS GARANTIAS DE DURABILIDADE E SEGURANÇA, ALEM DA EXPRESSÃO VOLUMÉTRICA MAIS ACOLHEDORA E AGRADÁVEL DAS CAIXILHARIAS.

NO ENTANTO, ADOPTAMOS O SISTEMA MAQUE DE FIXAÇÃO DOS MARCOS AOS PAINÉIS POR MEIO DE PATILHAS DE FERRO, ALEM DA SEGURANÇA QUE OFERECEM AS RÉGUAS DE APERTO.



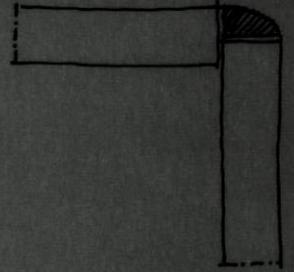
AS PEÇAS QUE CONSTITUEM AS CAIXILHARIAS SÃO IGUAIS, TANTO QUANTO POSSÍVEL, ASSIM COMO PARA PORTAS PREFERIMOS OPTAR POR UM SISTEMA TAMBÉM DE PRÉ-FABRICAÇÃO. AS PORTAS SERIADAS BONFIM OU OS PRENSADOS ESPECIAIS JOMAR-OKAL OU, AINDA, CASO A EXPERIÊNCIA VIÉSSE A RECOMENDAR, AS PORTAS SUECAS STAR, COMPOSTAS DE PEQUENAS CÉLULAS PARALELÍPEDICAS.

OS PAINÉIS INTERIORES DISPÕEM DE ALGUMAS



fr

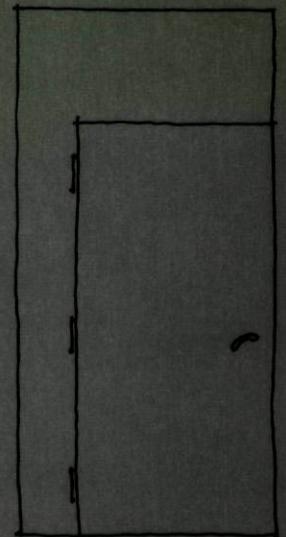
RÉGUAS CAPAZES DE RESOLVER OS CASOS DE LIGAÇÃO.
APENAS A LIGAÇÃO LÍ DISPENSA QUALQUER RÉGUA ESPE-
CIAL SENDO RESOLVIDA NA OBRA
POR MEIO DUM CANTO DE MADEI-
RA COLOCADO A QUANDO DA MON-
TAGEM.



AS PORTAS INTERIORES SÃO
INSERIDAS NOS PRÓPRIOS PAINÉIS,
COMO SE VÊ NUM DOS CORTES À ESCALA 1/50.

PARECE-NOS, AINDA, QUE A APLICAÇÃO DOS PAINÉIS INTE-
RIORES PELO SISTEMA DE PARAFUSO E PORCA É BASTAN-
TE MOROSO. CREMOS POSSÍVEL A SUBSTITUIÇÃO DESSAS
RÉGUAS POR OUTRAS SEM PARAFUSOS, TIPO MOLLA, TAL
COMO AQUELAS QUE DESENHAMOS PARA OS PAINÉIS
DA CAIXA DO TELHADO, O QUE VIRIA A TRADUZIR-SE
EM ECONOMIA DE TEMPO PERDIDO NA COLOCÇÃO E
AFERTO DE QUASE MEIO MILHAR DE PARAFUSOS.

OS PAINÉIS DO TETO, DISPENSA-
MO-LOS SEMPRE QUE FOI POSSÍVEL
NÃO PREJUDICAR AS DIVISÕES OU
ATE' FAVORECÊ-LAS. NA CAPELA,
POR EXEMPLO, A SUA AUSÊNCIA
PERMITE UMA MAIOR CUBAGEM
DE AR. PREVIMOS APENAS 6
POR CIMA DO ALTAR, FUNCIO-
NANDO DE BALDAQUINO E 12
NA ZONA DE ENTRADA.



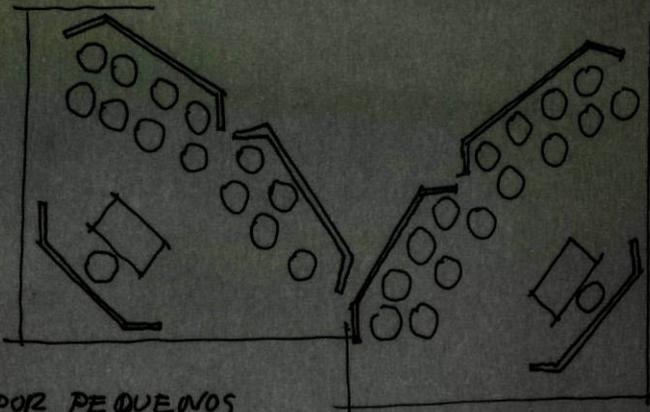
O EQUIPAMENTO

O ESTUDO DO EQUIPAMENTO CONSTITUIRÁ UM OUTRO TRABALHO. TAL COMO A CONSTRUÇÃO, DEVERIA SER TÃO TRANSPORTÁVEL QUANTO POSSÍVEL. PARA ALGUNS ELEMENTOS (ARMÁRIOS, ESTANTES, ETC) TALVEZ CONVIESSE QUALQUER SISTEMA FÁCIL DE MONTAR E DESMONTAR, ESPECIALMENTE DE MÚLTIPLAS UTILIZAÇÕES, TAL COMO O SISTEMA DEXION.

APENAS NA ÁREA DA CADELA, MARCAMOS SUMARIAMENTE O PRINCIPAL EQUIPAMENTO, COM VISTA A JUSTIFICAR A FORMA.

ASSIM, OS ESTRADOS DO ALTAR SÃO COMPOSTOS POR 9 UNIDADES: 7 FORMAM O PRIMEIRO DEGRAU OU SEJA O PAVIMENTO DO PRESBITERIO E 2 FORMAM O SUPEDÂNEO. ESTES ESTRADOS E OS PAINÉIS DO PAVIMENTO ESTÃO DISPOSTOS "EM PILHAS" DE MODO A TRAVAREM-SE MÚTUAMENTE.

TAMBÉM NA ÁREA DESTINADA À CATEQUESE PREVEREMOS UNS PAINÉIS BAIXOS, PRONTOS A CRIAREM RECANTOS QUE ISOLAM AS CRIANÇAS POR PEQUENOS GRUPOS DE 8, CONFIA DOS A CATEQUISTAS ESTARIÁRIAS, OU, NUMA SEGUNDA FASE DA LIÇÃO, DISPOSTOS COMO MOSTRA O DESENHO, ISOLANDO DOIS GRUPOS MAIORES QUE OUVEM A LIÇÃO DUMA CATEQUISTA DIPLOMADA.



5. REFLEXÕES SOBRE O VALOR ECONÓMICO
DO SISTEMA ADOPTADO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



C.O.D.A.

5.1. Estimativa do preço da Unidade

Preço /m² = 870\$00 (preço fornecido pela MAGUE - tendo por base de cálculo uma barraca tipo - - incluindo caixilharias e excluindo paredes interiores - ver documentos A e B).

Área habitável = 452 m²

Preço sem paredes interiores - 452 m² x 870\$00 = 393.240\$00

Preço /m² das paredes interiores = 150\$00 (fornecido pela MAGUE).

Área das paredes interiores.

Comprimentos: 6,0 A Capela e Sacristia

2,0

2,0

2,0

2,0

1,0 Corpo de

8,0 Formação Cristã

7,0 e Residências

7,0

3,0

3,0

3,0

3,0

2,0

3,0

4,0

4,0 Assistência e Formação Cristã

4,0

2,0 Convívio Paroquial

65,0 m²

Alturas 2,70 m

Área 65,0m² x 2,70 = 175,5 m²

Preço das paredes interiores = 175,5m² x 150\$00 = 26.325\$00

Preço dos painéis da caixa do telhado

(90,80m² x 248\$00 - ver Mapa 1) 25.518\$00

Total = 445.083\$00



DOCUMENTO A

CONSTRUÇÕES METALOMECANICAS **MAGUE** S. A. R. L. ALVERCA DO RIBATEJO - PORTUGAL

Telegramas : MAGUE - ALVERCA

Telex : 642 MAGUE P

Telefones : 258 601 / 706 / 840 / 841 / 885 / 941

Exmo. Senhor

F. ABRUNHOZA DE BRITO

Rua Oliveira Monteiro, 37-2º.

P O R T O

008036

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência

ALVERCA DO RIBATEJO

TC-MD

25-4-67

ASSUNTO: Casas pré-fabricadas

Exmo. Senhor,

Satisfazendo o desejo de V. Exa. vimos apresentar os preços pedidos na v/ carta de 8-4-67.

Junto anexamos o n/ desenho 20-141.145, a partir do qual obtivemos o preço de 870\$00/m2.

Este preço estende-se para casa completa, (sem paredes interiores), com as caixilharias indicadas no desenho, e entregues em Fábrica.

Para as paredes interiores, que a título elucidativo apresentamos a traço vermelho no mesmo desenho, obtemos o preço de 150\$00/m2, em relação à área total da casa, e entregues igualmente em Fábrica.

Sem outro assunto de momento, subscrevemo-nos com toda a consideração,

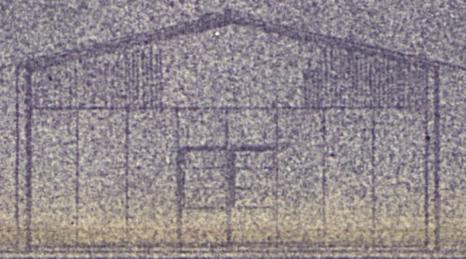
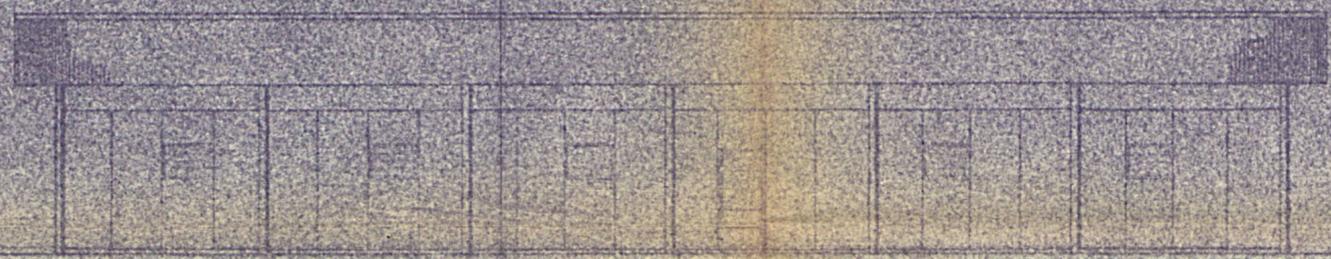
De V. Exa.
Muito Atentamente

CONSTRUÇÕES METALOMECANICAS MAGUE
UM ADMINISTRADOR



MD/CB.





U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

9x4,000 = 24,000

E D C B A

Designação	Material	Acabamento	Preço	20-141.145
MAGUE CASA PRÉ-FABRICADA				1:100

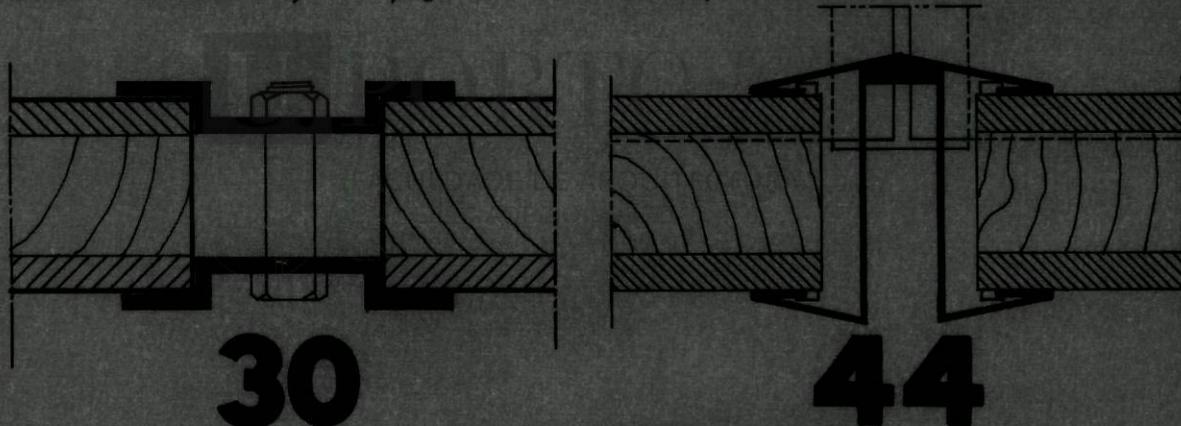


5.2. A substituição ou criação de algumas peças e a influência no custo da Unidade.

Não foi nossa intenção fazer o estudo orçamental das novas peças propostas. Essas peças valem só como sugestão que seria o ponto de partida para um estudo em colaboração com a fábrica.

No entanto, cremos poder afirmar que, regra geral, as alterações apresentadas com objectivos quer de facilidade de montagem, quer de melhor isolamento do interior, quer propondo elementos com maior plasticidade de utilização, não vêm agravar o custo da construção considerada na sua totalidade.

Verificamos, por exemplo, que a substituição do par de peças nº. 30 e parafusos pela peça em mola nº. 40 (chapa zintec) destinada à ligação dos painéis da caixa do telhado, apesar de garantir melhor isolamento e permitir a montagem rápida dos referidos painéis, não comporta qualquer agravamento de custo, mas, pelo contrário, uma diminuição de preço.



O preço do par de peças nº. 30 executadas em grande série é de 16\$00 por metro linear. Os parafusos de aperto, considerados de 50 em 50 centímetros aumenta o preço de 16\$00 para 19\$60 (1\$20 por parafuso).

O preço da peça nova nº 44 é de apenas 12\$00 e, considerada a sua execução em quantidade, viria para 10\$00 por metro linear.

Temos assim uma redução praticamente para metade do preço.



5.3. Estimativa do preço duma construção equivalente recorrendo aos processos correntes de construção civil aligeirada.

1º	Regularização do terreno na área da nova construção	Medição	Preço unitário	Totais
		$32,50 \times 24,00 = 268,00$	10\$00	2.680\$00
2º	Sapatas dos pilares em betão incluindo cofragem e escavação.	$38 \times 1,0 \times 1,0 \times 1,0 = 38,000$	750\$00	28.500\$00
3º	Fundação das paredes exteriores em betão ciclópico incluindo cofragem e escavação	$163,0 \times 1,0 \times 0,6 = 97,800$	450\$00	44.010\$00
4º	Massame de betão composto por 0,10m de brita, 0,06m de massame e regularização	$20,00 \times 5,00 = 100,00$ $8,00 \times 12,00 = 96,00$ $12,00 \times 5,70 = 68,400$ $10,00 \times 16,00 = 160,00$ $16,00 \times 5,00 = 80,00$ $4,00 \times 4,00 = 16,00$ $2,00 \times 7,00 = 14,00$	$534,40 \times 55$00 = 29.392$00$	
5º	Paredes exteriores em tijolo vassado assente a 1/2 vez.			
	Alçado Frontal	$4,00 \times 4,00 = 16,00$ $12,00 \times 3,50 = 42,00$	58,00	104.582\$00



	Transporte	58,00
Alçado Frontal	10,00x4,00 =	40,00
Alçado Posterior	6,00x4,00 =	24,00
	20,00x3,50 =	70,00
	4,00x4,00 =	16,00
Alçado Lateral	17,00x3,50 =	59,50
Direito	4,00x4,00 =	16,00
Alçado Lateral	5,00x4,00 =	20,00
Esquerdo	13,00x3,50 =	45,50
	4,00x4,00 =	16,00
Alçados voltados ao Pátio	69,00x3,50 =	241,50
		<hr/>
		606,50

Vãos a deduzir

Alçado Frontal	3x1,00x1,00 =	3,00
	4x1,00x2,00 =	8,00

Alçado Posterior	2x1,00x1,00 =	2,00
	1,00x0,50 =	0,50

Alçado Lateral		
Direito	4x1,00x0,50 =	2,00

Alçado Lateral		
Esquerdo	3x1,00x1,00 =	3,00
	1x1,00x0,50 =	0,50

Alçados voltados ao Pátio	11x1,00x2,00 =	22,00
	20x1,00x1,00 =	20,00
		<hr/>
		61,00

545,50 55\$00 = 30.002\$50

134.584\$50



6º Paredes interiores em tijolo vasado assente a cutelo	68,00x2,80 = 156,40		
<u>Vãos a deduzir</u>	6x1,00x2,00 = 12,00	144,40x45\$00=	6.498\$00
7º Impermeabiliza- ção das paredes exteriores	180,00x3,60 = 648,00		
<u>Vãos a deduzir</u>	61,00	587,00 x 20\$00=	11.740\$00
8º Emboço e reboco em paredes exte- riores	180,00x3,60 = 648,00		
<u>Vãos a deduzir</u>	61,00	587,00 x 20\$00=	11.740\$00
9º Emboço e reboco em paredes inte- riores	292,00x3,50 = 1.022,00		
<u>Vãos a deduzir</u>	12,00	1.010,00x 20\$00=	20.200\$00
10º Acabamento da betonilha nas zonas alpendradas	4,00x9,00 = 20,00 3,70x4,00 = 14,80 10,00x1,70 = 17,00 4,00x1,00 = 4,00 1,70x8,00 = 13,60 4,00x4,00 = 16,00 3,00x2,00 = 6,00 6,00x3,00 = 18,00		
	109,40	10\$00	1.094\$00

185.856\$50



11º Tacos de pinho
 aplicado em pavimento incluindo
 acabamento e impermeabilização

4,00x4,00 = 16,00
 12,00x8,00 = 96,00
 4,00x4,00 = 16,00
 6,00x4,00 = 24,00
 8,00x4,00 = 32,00
 4,00x3,00 = 12,00
 8,00x5,00 = 40,00
 4,00x4,00 = 16,00
 6,00x4,00 = 24,00
 10,00x9,00 = 90,00
 3,00x2,00 = 6,00

372,00 85\$00 31.620\$00

12º Estrutura da
 cobertura em
 perfis metá-

lico c/ (10kg/m²) 12,00x16,00=192,00
 6,00x 5,00= 30,00
 14,00x 9,00=126,00
 4,00x 4,00= 16,00
 8,00x 8,00= 64,00
 4,00x 3,00= 12,00
 12,00x 5,00= 60,00

500,00 95\$00 47.500\$00

13º Pilares em perfis
 de ferro (PN I 14)

38x3,5x14,4kg = 1915,2kg

10\$00 19.152\$00

284.128\$00



14º Estrutura do
teto falso em
perfis metáli-
cos c/ (3kg/m2)

6,00x13,00 = 78,00
4,00x10,50 = 42,00
4,00x 4,00 = 16,00
12,00x 8,00 = 96,00
4,00x 4,00 = 16,00
4,00x 8,00 = 32,00
4,00x 5,00 = 20,00
8,00x 4,00 = 32,00
6,00x 4,00 = 24,00
4,00x 4,00 = 16,00

372,00 30\$00 11.160\$00

15º Teto falso em
placas de po-
lietileno dis-
tendido c/ 3cm.

6,00x13,00 = 78,00
4,00x10,50 = 42,00
4,00x 4,00 = 16,00
12,00x 8,00 = 96,00
4,00x 4,00 = 16,00
4,00x 8,00 = 32,00
4,00x 5,00 = 20,00
8,00x 4,00 = 32,00
6,00x 4,00 = 24,00
4,00x 4,00 = 16,00

372,00 30\$00 11.160\$00

16º Cobertura em
placas de fi-
brocimento
ondulado

13,70x16,00 =219,20
11,50x12,00 =138,00
6,50x 4,00 = 26,00
4,00x 6,00 = 24,00
11,50x12,00 =138,00
4,00x 4,00 = 16,00
12,00x 6,00 = 72,00

633,20 75\$00 47.490\$00



17º Caixilharia exterior
em madeira

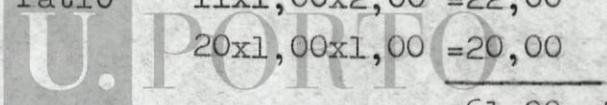
Alçado Frontal 3x1,00x1,00 = 3,00
4x1,00x2,00 = 8,00

Alçado Posterior 2x1,00x1,00 = 2,00
1,00x0,50 = 0,50

Alçado Lateral
Direito 4x1,00x0,50 = 2,00

Alçado Lateral
Esquerdo 3x1,00x1,00 = 3,00
1x1,00x0,50 = 0,50

Alçados volta-
dos ao Pátio 11x1,00x2,00 = 22,00
20x1,00x1,00 = 20,00



61,00 500\$00 30.500\$00
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

18º Portas interiores placarol 6x1,00x2,00 = 12,00 300\$00 3.600\$00

388.138\$50



5.4. Paralelo de ambos os tipos de construção: Conclusão.

Uma construção civil corrente orçaria, conforme a estimativa anterior (388.138\$50) em cerca de 400.000 escudos e o preço do sistema pré-fabricado atinge o preço aproximado de 445.000 escudos.

Os preços por metro quadrado de área habitável são respectiva e aproximadamente de 850\$00 e 950\$00. Isto é, o sistema adoptado, relativamente à construção civil normal aligeirada, sofre um agravamento de 100\$00 /m².

A favor da pré-fabricação, inumeramos as razões seguintes:

- 1) Facilidade de administração por uma entidade central, isto é, torna-se mais fácil uma entidade financiar a construção destas unidades e confiá-las às respectivas equipas de promoção social, do que administrar a construção de edificações correntes, não pré-fabricadas, em cada local da missão.
- 2) Liberdade de movimentos nos primeiros tempos da missão, isto é, podem os promotores apresentar-se no meio a missionar sem a preocupação de encargos, quer encargos financeiros, quer as simples preocupações de acompanhar a construção.
- 3) Imediato aproveitamento da construção, sem necessidade de espera do tempo necessário à construção civil de carácter normal.
- 4) Adequação perfeita à finalidade, o que não acontece quando se récorre a espaços pré-existentes.
- 5) Maior plasticidade de adaptação do sistema a qualquer terreno.
- 6) Maleabilidade de variação das dependências interiores.
- 7) Diminuição considerável ou mesmo nulos compromissos com o terrenó, dado que o sistema adoptado quase não toca no terreno cedido para o efeito.
- 8) Possibilidade de transferência de local, na hipótese do terreno inicialmente cedido vier a ser retirado e forçar a Unidade a procurar novo terreno.



- 9) Carácter marcadamente provisório da construção, não comprometendo as iniciativas futuras de edificação ou edificações definitivas, adequadas.
- 10) Valor de mero empréstimo da Unidade, que impede o amolecimento comodista das iniciativas locais em ordem também à edificação futura dos meios próprios.
- 11) Recuperação quase integral da Unidade, permitindo aproveitar o mesmo investimento em missões futuras noutros lugares.

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



"Não se trata apenas de vencer a fome,
nem tão pouco de afastar a pobreza.

O combate contra a miséria,
embora urgente e necessário,
não é suficiente".

"O desenvolvimento não se reduz
a um simples crescimento económico.
Para ser autêntico, deve ser integral,
quer dizer,
promover todos os homens e o homem todo (...)"

(Paulo VI, 1967, Populorum Progressio)



Cálculo do preço dos painéis da caixa do telhado (Mapa 1)

Medição dos painéis

Designação	Áreas dos painéis	
Corpo da Capela e Sacristia	Alçado anterior	$2 \times 0,55 = 1,10$
	(empena)	$2 \times 0,80 = 1,60$
		$2 \times 1,05 = 2,10$
		$2 \times 1,30 = 2,60$
		$2 \times 1,55 = 3,10$
		<u>10,50 m²</u>
	Alçado lat. direito (fachada)	$16 \times 0,40 = 6,40 \text{ m}^2$
	Alçado posterior (empena)	0,55
		0,80
		1,05
		1,30
		1,55
		1,55
		<u>6,80 m²</u>
	Pátio (empena)	0,55
		0,80
		1,05
		1,30
		<u>3,70 m²</u>
	Pátio (fachada)	$12 \times 0,40 = 4,80 \text{ m}^2$
Corpo do Centro de Convívio Paroquial	Alçado anterior (fachada)	$12 \times 0,40 = 4,80 \text{ m}^2$
	Alçado lat. direito.	0,55
		0,80
		1,05
		1,30
		1,30
		<u>5,00 m²</u>
	A transportar	<u>42,00 m²</u>

U. PORTO



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO



Transporte 42,00 m2

Alçado pátio 2x0,55= 1,10
(empena) 2x0,80= 1,60
2x1,05= 2,10
2x1,30= 2,60

7,40 m2

Alçado pátio 4x0,40 = 1,60 m2
(fachada)

Corpo do Centro Alçado lat.
de Assistência direito
e de Formação (fachada) 12x0,40 = 4,80 m2
Cristã

Alçado ante- 0,55
rior (empena) 0,80
1,05
1,30

3,70 m2

U. PORTO
Alçado pos- 0,55
terior (em- 0,80
pena) 1,05



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

3,70 m2

Corpo do Centro Alçado pos-
de Formação Cris- terior
tã e das Resi- (fachada) 20x0,40 = 8,00 m2
dências

Alçado lat. 2x0,55
esquerdo 2x0,80
(empena) 2x1,05
2x1,30

7,70 m2

A transportar 78,90 m2



C.O.D.A.

Transporte 78,90 m²

Corpo do Centro de Formação Cristã e das Residências	Alçado poste- rior esquerdo (empena)	2x0,55 2x0,80 2x1,05 <u>2x1,30</u>
		<u>7,70 m²</u>

Alçado pátio (fachada)	12x0,40 =	<u>4,80 m²</u>
---------------------------	-----------	---------------------------

TOTAL DA ÁREA DOS
PAINÉIS DA CAIXA DO TELHADO 91,40 m²

Cálculo do preço unitário

Construção tipo

Casa Pré-fabricada "Mague" - Área = 24,0x8,0 = 192 m²

Áreas dos painéis (paredes interiores)

Comprimentos 8,0

8,0

FACULDADE DE ARQUITECTURA

UNIVERSIDADE DO PORTO

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

11,0

4,0

2,0

2,0

43,0 m

Alturas 2,70 m

Áreas 43,0x2,70=116,1 m²

Preço das paredes interiores da casa tipo:
unitário /m² de construção

(preço fornecido pela Empresa) 150\$00

Total - 150\$00 x 192 m² = 28.800\$00

Unitário /m² de paredes $\frac{28.800\$00}{116,1} = \frac{248\$00}{m^2}$

